

Evanisa Helena Maio de **BRUM**
Ângela **KRETSCHMANN**
Marialva Moog **PINTO**
Guilherme **PRESSI**
Evaldo **REIS**
Beatriz Petrella dos **SANTOS**
Ricardo Muniz Muccillo da **SILVA**

Organizadores



Cine-Fórum da Educação Superior:

Olhares das áreas específicas

Organizadores

BRUM, Evanisa Helena Maio de.

KRETSCHMANN, Angela.

PINTO, Marialva Moog.

PRESSI, Guilherme.

REIS, Evaldo Furtado Jr.

SANTOS, Beatriz Petrella dos.

SILVA, Ricardo Muniz Muccillo da.

Cine-Fórum da
Educação Superior:
Olhares das áreas específicas



Florianópolis – 2013

Editora CONCEITO EDITORIAL

Presidente
Salézio Costa

Editores
Angela Kretschmann
Evanisa Helena Maio
de Brum

Assistente Editorial
Nércio S. Vargas

Capa e Diagramação
Paulo H. Benczik

Revisores
Dr. Celso Augusto Nunes da
Conceição
Ana Marsom

Conselho Editorial
Ana Cristina da Silva
Rodrigues
Ana Luíza dos Santos Júlio
Andrea Rapoport
Celso Augusto Nunes da
Conceição

Circe Mara Marques
Daniel Achutti
Débora Silva de Oliveira
Helen Rodrigues Cardoso
Jaqueline Mielke Silva
Leonel Pires Ohlweiler
Márcia Elisabete Wilke Franco
Marialva Moog Pinto
Tatiana Gomes Rosa

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Cristina G. de Amorim CRB-14/898

C574

Cine-Fórum da Educação Superior: Olhares das áreas específicas/ Organizadoras:
BRUM, Evanisa Helena Maio de; KRETSCHMANN, Angela - Florianópolis: Conceito
Editorial, 2013.
150p.

ISBN 978-85-7874-336-9

1. Cinema 2. Conhecimento 3. Educação (org).

CDU – 378

Este exemplar foi produzido com o apoio da Faculdade Inedi, Cesuca, que detém os direitos autorais da obra, nos termos da Lei 9.610/98. Entretanto, é decisão do titular do direito distribuir gratuitamente a obra para os alunos dos cursos da Faculdade, como estímulo a aprendizado, até esgotar a edição
Venda Proibida.

© Copyright 2013 Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Faculdade Inedi - CESUCA

Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha - RS.
Rua. Silvério Manoel da Silva, 160 - Bairro Colinas
Fone: (51) 3396.1000 | www.cesuca.edu.br

Conceito Editorial

Rua Felipe Schmidt, 321 - sala 1003, Centro, CEP 88010-000 – Florianópolis/SC
Editorial: Fone (48) 3205-1300 – editorial@conceitojur.com.br
Comercial: Fone (48) 3240-1300 – comercial@conceitojur.com.br
www.conceitojur.com.br

Autores

Alexandre dos Santos Garcia

Ana Cristina da Silva Rodrigues

Ana Luiza Julio

Andrea Rapoport

Ângela Kretschmann

Angelita Delfino

Beatriz Petrella dos Santos

Camila Campos

Cristina Ribas Vargas

Danielle Nunes Pozzo

Débora Silva de Oliveira

Diego Augusto de Jesus Pacheco

Emerson de Lima Pinto

Evaldo Reis Furtado Jr.

Evanisa Helena Maio de Brum

Fabiane Simioni

Fernanda Vaz Hartmann

Guilherme de Oliveira Feldens

Guilherme Pressi

Juarez Mazzuca Jr.

Juliana Saboia de Melo

Lindomar Júnior Fonseca Alves

Lívia Lopes Lucas

Lucia Maria Porcello Scholl Viva

Lucas Nunes Ogliari

Marcelo Almeida Sant'Anna

Márcia Elisabete Wilke Franco

Michele dos Santos Ferreira

Mariana Barasuol da Rosa

Patrícia Beatriz de Macedo Vianna

Patricia Gaspar Mello

Patricia Leal de Vargas

Roberta Magalhães Gubert

Rosana de Souza Coelho

Ricardo Muniz Muccillo da Silva

Sandro Cezer Pereira

Saul Sastre

Suelen Assunção Santos

Tarcísio Neves da Fontoura

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
1. CISNE NEGRO	15
Entre o cisne negro e o cisne branco: uma reflexão do ponto de vista psicológico e educacional	
2. UMA PROVA DE AMOR	27
Uma prova de amor – debate	
3. SONHOS NO GELO	41
Todos nós temos sonhos no gelo: revivendo nossas escolhas ou vivendo novas experiências?	
4. A VILA	51
A Vila e a Biopolítica	
5. AYRTON SENNA – THE MOVIE	61
Poder, liderança e relações interpessoais	
6. ENTRE OS MUROS DA ESCOLA.....	73
Entre os muros da escola: reflexões a partir da Psicologia e da Educação	
7. O PODER E A LEI	83
O poder, a lei e a crise ética de nossos dias...	

8. CRASH – NO LIMITE.....	97
Crash: no limite entre as diferenças e as semelhanças	
9. MARGIN CALL.....	105
Margin Call – o dia antes do fim	
10. O JARDINEIRO FIEL	115
O jardineiro fiel – discussão teórica	
11. O SENHOR DAS ARMAS	127
O senhor das armas e a Administração	
SOBRE OS AUTORES	137

PREFÁCIO

Os olhares se fundem em distintas visões de mundo. A arte do cinema multiplica de forma impressionante a capacidade perceptiva acerca do mundo que se tem, coloca em cheque o mundo que se quer, rompe dogmas e propõe, muitas vezes de maneira revolucionária, uma mudança de atitude, que pode iniciar numa simples reflexão, num diálogo inocente, ou às vezes nem tanto, ou simplesmente no silêncio de uma noite em que uma turma decide partilhar um filme. A vida às vezes passa por nossos olhos como um filme, e um filme, muitas vezes, relata parte de nossa vida. O modo como pertencemos ao filme e o quanto fazemos de nossa vida o filme desejado podem também quebrar ilusões de um imaginário impossível, ou aproximar da realidade um sonho que parece inviável. O quanto podemos, enfim, romper, através de um filme – que multiplica os sentidos, que condensa a realidade, que expõe a imensidão de desejos, medos, sonhos, paixões e tantos outros sentimentos humanos, e assim expõe também a fragilidade humana.

Por tudo isso, no ano de 2012, os coordenadores dos sete cursos de graduação do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (Cesuca) organizaram o II Cine-Fórum, evento que objetivou oferecer aos alunos um momento cultural e científico com a utilização de metodologias alternativas e criativas que auxiliassem o processo de ensino-aprendizagem. Esse evento foi também uma oportunidade única, no ano, de aproximação, diálogo e trabalho conjunto dos coordenadores, do corpo de professores e de alunos de todos os cursos.

O livro *Cine-Fórum da Educação Superior: olhares das áreas específicas* surgiu a partir deste evento. Dessa forma, foi possível registrar as discussões sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade ocorridas em cada sala de aula durante os dois dias de evento. O objetivo foi muito mais do que aproximar o corpo docente e discente de uma experiência

cinematográfica. O objetivo foi efetivamente aproximar todos nós de uma arte um tanto quanto pouco reconhecida, enquanto instrumento valioso de aprendizado. O cinema é visto apenas como lazer, mas, mais do que isso, é um precioso meio de se alcançar de uma forma muito simples o segredo de todo nosso aprendizado: a sensibilidade. Toda arte visa sensibilizar. Pela arte, tornamo-nos sábios. Através do desenvolvimento da sensibilidade, percebemos mais, sentimos mais, expressamos mais, sonhamos mais e realizamos mais. Então, imagine um professor buscando ensinar uma matéria, tendo, como instrumento, um filme, a sétima arte.

E imagine toda a turma reunida assistindo ao mesmo filme e tendo oportunidade de discutir com os mestres os aspectos polêmicos, realizar a crítica e buscar uma aproximação com a direção, a produção e as interpretações do filme. E mais, realizando assim o diálogo que leva à aproximação com a matéria que objetiva desenvolver determinadas competências nos alunos. Mais do que isso, a faculdade também promove, pelas condições de organização do evento, uma verdadeira marcha cinematográfica, em que todos já se preparam para os adereços que acompanham o evento, como a pipoca, o refrigerante e todo o *frisson* que circula nos corredores e nas portas das inúmeras cinematecas que se abrem ao mesmo tempo.

O segundo ano do evento Cine-Fórum acabou trazendo o desejo dos professores de registrar os motivos pelos quais certos filmes foram escolhidos, e ainda mais, o desejo de registrar o resultado dos debates travados após a audiência do filme. O resultado de tudo isso aparece agora em formato de livro, que é generosamente presenteado pela direção aos seus professores e alunos, para que, no futuro, as demais turmas que desejarem experienciar determinado filme possam também se servir do debate que outros já realizaram. Nenhum deles visa esgotar o tema, obviamente, até porque, a cada vez que um filme é revisitado, ele já será um novo filme, pois estará numa nova época, com novas pessoas, e bem assim, com um novo sentido para o mundo que o acolhe.

Abrimos o livro com o filme *Cisne Negro*, que apresenta uma reflexão do ponto de vista psicológico e educacional, conduzindo o leitor à questão existencial e, em especial, à capacidade de transformação pela busca incessante de uma conquista. Acaba deixando evidente o risco que se corre quando a ambição torna-se descontrolada e assume mais

espaço do que deveria em nossas vidas, ou, ainda pior, quando essa ambição é tomada de empréstimo de um familiar, em geral dos pais. Os aspectos psicológicos, o falso *self* e as influências da família e do contexto educacional são então explorados.

Já com o filme *Uma prova de amor*, veremos a ocorrência de uma cena oposta à do filme anterior. Uma criança é gerada *in vitro* para salvar a vida da irmã, que está com leucemia. Também é uma criatura dirigida por desejo e por necessidades externas, mas entrará em choque contra as decisões da família e buscará um advogado para recusar-se a doar um rim que salvaria a vida da irmã. O filme enfrenta então a questão da doença terminal de modo claro, com seus reflexos no contexto familiar. E é então no contexto de um drama familiar que envolve doença terminal que a prova de amor surge e não apenas sensibiliza, mas surpreende o espectador.

O terceiro filme a ser apresentado, *Sonhos no gelo*, traz a história de uma adolescente estimulada a alcançar uma importante bolsa de estudos em Harvard. Aqui, novamente, os sonhos de uma mãe e os sonhos próprios de uma filha, a protagonista que vive um conflito entre viver seu próprio sonho ou o alheio. O sonho da mãe confunde-se com o da filha? A filha pode ter como sonho unicamente ver a mãe feliz, realizando o sonho para a mãe? O drama é comum e enfrentado pelos professores de modo muito sugestivo.

A seguir, apresenta-se o filme *A Vila*, que discutirá a ideia de ordem e segurança existente em uma comunidade, que utiliza o medo como instrumento para manutenção dessa ordem. Mostra ainda de que forma os habitantes e algumas personagens podem, de modo bastante peculiar, escapar desse domínio subliminar. Nesse contexto, é enfrentada a função estratégica e disciplinar que o medo possui nas sociedades e como ele é utilizado como instrumento para a manutenção da ordem jurídica e social.

O filme *Ayrton Senna*, trabalhado pelos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Comércio Exterior, traz inúmeras questões práticas envolvendo competição e políticas de gestão para alcance de objetivos e da vitória. Enfrenta, assim, a gradual profissionalização da atividade, a importância das relações entre os pilotos, o efeito da pressão psicológica e a importância da inteligência emocional.

Já o sexto filme, *Entre os muros da escola*, aborda as relações entre professores, alunos, pais, falta de motivação dos docentes, dificuldades do apoio institucional num contexto de grande diversidade étnica – uma abordagem que leva em conta aspectos educacionais e psicológicos.

Enquanto isso, o sétimo filme, *O Poder e a Lei*, na proposta dos professores do curso de Direito, seria debater a crise ética da profissão do advogado. Apresenta de modo crítico o modo sedutor como o Direito muitas vezes se apresenta ao futuro jurista, e como a vida real pode trazer surpresas para o profissional que insistir em manter certa inocência nas relações e no trato tanto com clientes quanto com os demais profissionais da área jurídica. É uma interessante abordagem para a construção de um debate, pois o enredo não apresenta um homem justo combatendo a injustiça, mas o tempo todo o espectador sente mudanças de humor e simpatia por uma ou outra personagem. Filosoficamente, também enfrenta a questão da busca da verdade no processo, drama sempre constante nos tribunais.

O oitavo filme a ser apresentado é *Crash*, cuja temática do “estrangeiro”, do preconceito, do multicultural traz a reflexão sobre o quanto o desconhecimento traz o medo do diferente, e a necessidade de diálogo. Já o filme seguinte, *Margin Call*, que trará também o debate sobre o preconceito, agora em relação à mulher, é escolhido como caminho excelente para que um grupo de professores discuta as origens da crise financeira de 2008. Para tanto, propõe discutir o paradigma da neutralidade da moeda, abordando a própria conjuntura internacional recessiva da Europa e Estados Unidos e, nesse contexto, não deixa de enfrentar ainda o valor e a ética, que, de alguma forma, persistem e até se revigoram a partir de uma crise.

Com o filme *O jardineiro fiel*, que, em meio à luta de uma ativista, põe a questão do próprio sentido da vida, e se há apenas um sentido para a vida. Também traz o papel do pobre, do negro, da exclusão social e do poder das grandes indústrias – no caso, em especial as farmacêuticas. E qual é o papel do excluído socialmente nesse debate? Quanto vale uma vida? É possível responder a essa questão? Essa é a proposta de abordagem extremamente pertinente dos professores que analisaram o filme e o discutiram com seus alunos.

Que todos possam sempre experimentar um filme como se fosse a primeira vez, com um sabor de nova descoberta, pois ela é sempre

nova, como dizia Heráclito: “Não se pode tomar banho no mesmo rio duas vezes”. O mesmo acontece com o filme. Não podemos assisti-lo duas vezes da mesma forma – sempre seremos novos, e por isso alguns filmes, em especial, são vistos dezenas de vezes. Alguns desses filmes foram selecionados com muito carinho pelos professores do Cesuca-Faculdade Inedi, e é assim que o evento se construiu e se apresentou, no ano de 2012, para a comunidade acadêmica. O evento foi tão proveitoso que seus efeitos se espalharam na comunidade acadêmica, se disseminaram e persistem, agora, adquirindo forma através do presente livro. Desejamos um excelente proveito a todos.

Profa. Dra. Ângela Kretschmann
 Profa. Dra. Evanisa Helena Maio de Brum

1. CISNE NEGRO

Ficha técnica

Título original: Black Swan

Título da tradução brasileira: *Cisne Negro*

Ano: 2010

País: Estados Unidos

Diretor: Darren Aronofsky

Atores principais: Natalie Portman, Vicent Cassel e Mila Kunis

Duração do filme: 108 minutos

Sinopse do filme

Nina é bailarina de uma companhia de balé de Nova York. Sua vida é inteiramente consumida pela dança. Ela mora com a mãe, Erica, bailarina aposentada que incentiva a ambição profissional da filha. O diretor artístico da companhia, Thomas Leroy, decide substituir a primeira bailarina para a abertura da temporada de *O Lago dos Cisnes*, e Nina é sua primeira escolha. *O Lago dos Cisnes* requer uma bailarina capaz de interpretar tanto o cisne branco, com inocência e graça, quanto o cisne negro, que representa malícia e sensualidade. Nina é perfeita para o papel do cisne branco, mas não para o cisne negro. Na busca pela aprovação para o papel, Nina começa a entrar em contato com seu lado mais sombrio, para interpretar o cisne negro. O filme é estrelado por Natalie Portman, Vincent Cassel, Mila Kunis, Barbara Hershey e Winona Ryder (resumo baseado no *link* <<http://www.filmesdecinema.com.br>>).

Temáticas abordadas no filme: verdadeiro e falso *self* – relação mãe-filha – ciclo familiar

Entre o cisne negro e o cisne branco: uma reflexão do ponto de vista psicológico e educacional

Evanisa Helena Maio de Brum
Fernanda Vaz Hartmann
Débora Silva de Oliveira
Márcia Elisabete Wilke Franco
Patrícia Leal de Vargas

O filme *Cisne Negro* é baseado na história do balé *O Lago dos Cisnes*; nele uma princesa pura e doce está presa no corpo de um cisne por um feitiço. Ela deseja voltar à forma humana, à liberdade, o que só ocorrerá se ela viver um amor verdadeiro. Seu desejo quase se realiza com a proximidade de um príncipe que se apaixona pelo cisne branco, mas antes que ele possa declarar seu amor ao cisne branco sua irmã gêmea, o cisne negro, engana-o e o seduz. Desolado, o cisne branco pula de um penhasco, matando-se; entretanto, na morte, encontra a liberdade.

Dessa forma, o filme *Cisne Negro* consiste em uma trajetória cinematográfica permeada pela dor de suas personagens e evoca a reflexão da existência, em cada um de nós, de lados saudáveis, representados no filme pelo cisne branco, e de lados não tão saudáveis, simbolizados pelo cisne negro. A dor está presente em diferentes situações, percebida já na preparação das bailarinas em utilizar as doloridas sapatilhas desgastadas, nos diversos machucados durante os espetáculos, no suor da dança, na necessária disciplina e no peso depositado no corpo pelos movimentos cheios de beleza e de suavidade.

O filme revela muito mais do que o palco de beleza de um espetáculo de balé. Apresenta de maneira muito tocante e mobilizadora o impulso violento e destrutivo da protagonista em direção a uma personalidade que nem desconfia ter a possibilidade de um dia ser, mesmo que isso lhe custe à sanidade mental.

A transformação da personagem, de uma bailarina fragilizada, meiga, assustada e sonhadora para uma poderosa, cheia de suavidade e principalmente cheia de vida é o tocante no filme e o que conduz o espectador a uma reflexão existencial. Nesse sentido, o objetivo deste

capítulo consiste em discutir, através de um entendimento psicanalítico e sistêmico, de que maneira deixamos de ser o que parecemos que somos para sermos outro lado de nós mesmos, passando ou não pela loucura. Por meio da análise do funcionamento da personagem principal, Nina, e de trechos do filme, buscou-se também compreender os padrões neuróticos criados pela família e pela sociedade, representados pelo cisne branco.

1. Pensando Nina como um ser em desenvolvimento

A criança, ao longo de seu crescimento e de seu desenvolvimento emocional, desenvolve a sua personalidade a partir de experiências e vivências armazenadas em sua memória. A capacidade de estabelecer um equilíbrio entre seu mundo interno e o mundo externo constitui, na visão de Winnicott, o verdadeiro *self*. Este consiste na habilidade própria, singular e espontânea do indivíduo de integrar as suas capacidades, propiciada por um cuidado materno adequado e suficientemente bom. A partir dessa perspectiva teórica, o cuidado materno possibilita à criança viver e se desenvolver, e facilita os estágios iniciais dos processos de desenvolvimento psicológico ou de desenvolvimento psicossomático (WINNICOTT, 1987). O apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê, que, com o tempo, torna-se capaz de afirmar sua própria individualidade e experimentar um sentimento de identidade pessoal.

A ausência dessa função materna pode trazer consequências desfavoráveis ao bebê (WINNICOTT, 1987). Quando esse cuidado materno não se apresenta adequado ou se apresenta insuficiente, não permitindo que a função de ego auxiliar se estruture, a criança recorre à construção de um ego auxiliar falso, com o objetivo de compensar o vazio materno. Winnicott denominou esse processo de construção de um falso *self*, que resulta em uma personalidade submissa a uma ou a mais pessoas.

Assim, a partir de uma visão winnicottiana, pode-se dizer que a personagem Nina apresenta um falso *self*, pois é submissa à mãe em todos os aspectos de sua vida, apresentando-se como um prolongamento do desejo da mãe. Dessa forma, ela não existe enquanto indivíduo, mas somente enquanto a “filha perfeita” e a “bailarina perfeita”. Podemos pensar que a mãe intrusiva de Nina não teria dado espaço a ela para desenvolver sua espontaneidade. Podemos supor que esta mãe não

vivenciou o estado inicial de preocupação materna primária na fase de dependência absoluta de Nina.

Para Winnicott (1987), a mãe, já ao final da gravidez e nas primeiras semanas após o parto, entra em um estado de “doença normal”, em que há o total envolvimento com as necessidades do bebê. Nesse momento, há uma grande revolução psicológica, em que a mãe precisa reorganizar-se emocionalmente e estar inteiramente disponível às necessidades básicas do bebê. A revolução psíquica que a mãe vivencia torna-se tão completa que se assemelha a um estado patológico transitório, mas que é extremamente necessário para o desenvolvimento emocional saudável do bebê.

O fato de a mãe de Nina talvez não ter se conectado às necessidades da filha nesta fase inicial e, possivelmente, ter se apresentado de modo intrusivo nas funções maternas, pode ter desencadeado uma falha em seu desenvolvimento emocional, criando um falso *self* como proteção ao verdadeiro. Nina é que tinha que se adaptar à mãe e se submeter às suas vontades, enquanto que o curso do desenvolvimento emocional, para Winnicott, deveria ser o inverso. Podemos pensar que a mãe de Nina deslocou suas ambições pessoais para a filha, que passou a ser vista como uma extensão de si mesma, e não como um sujeito, com desejos, emoções e sentimentos próprios. A submissão e a apatia também podem ser observadas na cena que se desenrola com o professor de dança, quando este lhe comunica que não seria a bailarina escolhida para fazer o espetáculo. Diante da fala do professor, Nina apenas refere “tudo bem” e sai, não reivindicando nem tampouco expressando seu descontentamento.

Assim, o professor representa a inclusão do terceiro e a ameaça de ser excluída, substituída por outra bailarina. Mais tarde no filme, é a figura do professor que, apesar de ser ameaçadora, provoca o nascimento do desejo de Nina de ser alguém e, conseqüentemente, de se integrar emocionalmente. Na visão freudiana, a presença paterna romperia com a relação fusionada entre mãe e filha. A inclusão de um terceiro transformaria a relação didática em trágica, incluindo a exclusão na interação entre os membros e permitindo em razão desta vivência do “excluído” a diferenciação do *self* (FREUD, 1974a). Pode-se inferir que o fato de não ter havido um terceiro na relação de Nina e sua mãe facilitou a manutenção da indiferenciação entre elas.

Outro aspecto bastante presente no filme é a presença da dor. Parece que a todo momento a dor está associada a ser, a existir. Nina desenvolve um comportamento de automutilação, na medida em que retira pele dos dedos da mão, arranha-se nas costas e em todo o corpo, como forma de sentir, de ser alguém. A necessidade desesperada de se sentir viva através da dor está intrinsecamente relacionada à sensação de não existência presente nos indivíduos com falso *self* (WINNICOTT, 1982). Além disso, parece que também há uma fusão dos sentimentos de dor *versus* prazer. Ao sentir dor, consegue aliviar a ansiedade do vazio.

O ponto fundamental do filme inicia diante das exigências que passam a ser feitas a Nina para que ela seja a primeira bailarina. Nos ensaios, Nina interpreta com movimentos perfeitos o cisne branco, contudo, não consegue interpretar o cisne negro, o que é apontado por seu professor ao dizer “Se eu estivesse escolhendo só o cisne branco seria você, mostre-me o cisne negro!”. Nina começa então a procurar dentro de si o necessário para interpretar o papel tão esperado da sua vida e encontra o vazio. O encontro com o vazio revela a ausência de defesas, seu ego não suporta a realidade (FREUD, 1974b) de não ser capaz de dançar o cisne negro e rompe, colocando-a diante de um funcionamento psicótico.

De acordo com a teoria de Winnicott (1975), Nina só conseguiria interpretar o cisne negro através do uso da agressividade, que, para o autor, é inerente à natureza humana e, portanto, inata, mas não no sentido constitucional, biológico ou psíquico, senão no sentido de pertencer ao estar vivo. Embora inerente, a agressividade só se desenvolverá e se tornará parte do indivíduo se lhe for dada a oportunidade de experienciá-la.

Para Winnicott, é a atitude do ambiente com relação à agressividade do bebê que influencia de maneira determinante o modo como este irá lidar com a tendência agressiva que faz parte da sua natureza humana. Pensando novamente em Nina, questionamos: com uma mãe controladora e intrusiva, como Nina encontraria espaço para experimentar sua agressividade e, conseqüentemente, existir? Como encontraria em si a agressividade necessária para interpretar o cisne negro? Como não se depararia, inevitavelmente, com o vazio dentro de si tendo sido constituída neste contexto de não existência?

Se o ambiente fornece cuidados satisfatórios e se mostra capaz de reconhecer, aceitar e integrar essa manifestação do humano, a fonte de agressividade torna-se integrada à personalidade total do indivíduo

e será elemento central em sua capacidade de relacionar-se com outros, de defender seu território, de brincar e de trabalhar. Se não for integrada, a agressividade terá que ser escondida e aparecerá como timidez, autocontrole, submissão, falta de espontaneidade, entre outras formas possíveis (WINNICOTT, 1975). Tal aspecto pode ser visualizado no início do filme no momento em que Nina dança, pois ela não consegue ser espontânea, por não ter integrado a agressividade à sua personalidade, bem como na fala do professor ao mostrar a Nina outra bailarina (Lily) dançando: “Veja como ela se move, é impreciso, mas sem esforço... Ela não está fingindo...”. Dessa forma, parece que Lily personifica o verdadeiro *self*.

O verdadeiro *self* parece ser revelado por Nina no final do filme, ao dançar como cisne negro de forma agressiva, intensa e cheia de vida. Parece que Nina, numa visão winnicottiana, consegue integrar a agressão ao seu *self* e começar a existir. Aqui retomamos a história inicial de *O Lago dos Cisnes*, pois é diante da morte do cisne branco (do falso *self*) que surge a liberdade (o nascimento do verdadeiro *self*) da princesa e de Nina. Tal aspecto pode ser observado quando consegue dançar majestosamente como cisne negro, parecendo encontrar vida dentro de si mesma, mesmo que vida pela dor. Mesmo machucada com um caco de espelho dentro de si, dança magnificamente. Pode-se pensar que esta dor a fez sentir-se viva, na medida em que, deitada no chão, dirige-se ao professor e menciona: “Eu senti!!! Eu senti a perfeição!!!”.

Assim, podemos supor que Nina sentiu a vida, sentiu-se viva pela via da dor e da agressividade; agressividade manifestada através do dançar intensamente como cisne negro. A última dança, apesar de ser tomada por um estado de loucura, já que Nina está delirando e psicotizando, representa a integração dos aspectos bons, positivos aos aspectos ruins, hostis e libidinosos. Pode-se pensar que é nesse momento que Nina vive com intensidade e contemplação, permitindo-se ser inteira. Por isso a intensidade do momento, pois nasce um ego verdadeiro e íntegro.

2. Pensando Nina em seu contexto familiar

O desenvolvimento individual e da maturidade emocional de cada indivíduo está intimamente relacionado às suas interações iniciais com seus pais e com sua família, de maneira geral (EIZIRIK; KAPCZINSKI; BASSOLS, 2001; WINNICOTT, 2001). A família pode ser entendida

como um conjunto de relações caracterizadas por influência recíproca, direta, intensa e duradoura entre seus membros (DE ANTONI, 2005). É o principal agente de socialização da criança, que influencia na aquisição de suas habilidades, comportamentos e valores apropriados para cada cultura, constituindo-se em uma dimensão essencial na vida dos indivíduos. A família caracteriza-se como parte essencial na construção da saúde emocional de seus membros, tendo como função básica a proteção e o bem-estar destes (MINUCHIN, 1982; OSÓRIO, 1992).

A partir de uma visão sistêmica, pode-se dizer que a estrutura familiar, formada apenas por uma mãe e uma filha, caracteriza-se por uma relação indiferenciada que denuncia um subsistema delimitado por fronteiras difusas, o que determina um comportamento indiferenciado e invasivo dos elementos que compõem o sistema. Entende-se por estrutura familiar, de acordo com Minuchin (1990), o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação familiar. Para esse mesmo autor, as fronteiras difusas oriundas de uma estrutura familiar disfuncional desencadeiam a renúncia de autonomia, desencorajam o domínio e a capacidade de resolução de problemas e refletem a falta de diferenciação entre os membros da família.

Tal aspecto também é fortalecido na medida em que essa família se isola. Mãe e filha vivem sozinhas, sem incluir amigos ou parentes. O isolamento da família agrava a disfuncionalidade, pois a inclusão de outros elementos, ainda que não sejam do núcleo familiar, permite a introdução de novas formas de se ver o mundo, criando a possibilidade de rever o padrão de comportamento adotado pela família e reciclando-o a partir do contato com o mundo externo.

Outro aspecto disfuncional dessa família é estabelecido a partir de um padrão de relacionamento que pertence à fase do ciclo vital da família, não coerente com a idade dos indivíduos. A perspectiva do ciclo de vida de uma família é um dos pilares da visão atual dos sistemas familiares em desenvolvimento. Esse conceito pode ser definido como o conjunto de transformações que marcam os diferentes estágios de evolução familiar e visa perceber os sintomas e as disfunções ao longo do tempo (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Para as autoras, o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar. Essa perspectiva torna-se importante para a compreensão dos problemas emocionais que as pessoas desenvolvem na

medida em que se movimentam juntas ao longo da vida. No que tange ao filme, através dessa visão, pode-se dizer que a mãe de Nina a trata como tendo dez anos de idade, organizando seu papel e função de mãe como se fosse mãe de uma menina pequena. A mãe de Nina é normativa e rígida, além de controladora.

Sabe-se que a família é a primeira célula socializadora do indivíduo, e como já foi mencionado anteriormente, nesse caso, a família está com uma estrutura disfuncional. A segunda chance que Nina teria de romper com a sua disfuncionalidade familiar e individual estaria na escola. A escola consiste na segunda estrutura social que oferece a oportunidade de crescer ou de reforçar a estrutura alienada socialmente. No caso do filme, a escola de balé age como uma ressonância da estrutura familiar, reproduzindo o mesmo padrão de interação já estabelecido na família: estrutura rígida, exigente, com hierarquia bem definida, não aceita o limite do indivíduo. As bailarinas têm que viver com a dor e com o sofrimento para tentar ser percebidas, ou seja, a estrutura que reforça a definição de falsos *selves*. As bailarinas somente serão reconhecidas como indivíduos se conseguirem receber os aplausos da plateia, ainda que precisem se anular enquanto sujeito.

Apesar da intensidade de sentimentos ambivalentes, como amor, ódio, paixão, desejo, manipulação, perseguição e aniquilação, os fatos vividos por Nina após ser escolhida para ser a primeira bailarina revelam uma luta interna no sentido de se libertar do falso *self* e encontrar o seu verdadeiro eu. E é nesse momento que, pela primeira vez, Nina começa a desobedecer à mãe e a se permitir se expor a situações de vida pertinentes à juventude, participando de festas, fazendo uso de bebidas e de drogas. A diferenciação da mãe fica simbolizada na cena em que a mãe lhe tranca em casa, ao ver a filha muito mal emocionalmente. Nesse momento, Nina acaba a agredindo fisicamente para conseguir se desvencilhar dela e seguir o seu projeto de primeira bailarina. A agressão surge como a possibilidade de se diferenciar da mãe, ainda que de forma muito primitiva. Através do corpo e da dor, pode se perceber enquanto dois, e não apenas enquanto um sujeito, fazendo-se diferente daquilo que o outro impõe como possibilidade de ser.

3. Pensando Nina no contexto educacional

Abordar o contexto educacional sob a análise do filme *Cisne Negro* é dar partida a uma discussão sobre os padrões tradicionais de Educação, em que temos uma premissa de reprodução e rigidez social. Nesse sentido, vemos diferentes conflitos que resultam em uma aprendizagem que vai de encontro ao desenvolvimento humano em sua totalidade, ou seja, um desenvolvimento que compreende as dimensões física, cognitiva e afetiva.

Sendo a aprendizagem um processo muito discutido e abordado sob diferentes enfoques, sejam eles psicológicos, biológicos ou sociais, entendemos que devemos, ao longo de nossa análise, trazer a reflexão sobre algumas teorias de aprendizagem. Essa reflexão irá nos permitir discutir acerca de relações e interações que se desenvolvem no filme *Cisne Negro* que nos levam a entender um pouco mais sobre o desenvolvimento humano sob o enfoque da aprendizagem.

Como ocorre a aprendizagem? Sob uma abordagem tradicional, a aprendizagem é um processo centralizado no ato de ensinar, em que o “ser aprendente” é passivo, recebendo a informação pronta sem capacidade para transformá-la. Nesse sentido, há um processo de transmissão e recepção que ocorre, exclusivamente, na escola, e tem como transmissor o professor.

Uma aprendizagem significativa resulta da soma entre afetividade e conhecimento. Aprende-se aquilo que se gosta, aprende-se aquilo que é relevante e possível de ser transformado. Vygotsky não separava o intelecto do afeto; “segundo ele são os desejos, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo” (REGO, 1995, p.120). A rigidez com que a prática do balé é apresentada nos leva a entendê-la como um martírio para Nina, que não demonstra prazer em dançar, apenas em reproduzir movimentos perfeitos.

Vemos que sua motivação é satisfazer a necessidade de compensação de sua mãe frente a uma carreira no balé frustrada e interrompida. A projeção dos desejos dos pais nos filhos é um fator preocupante que transita pelas três dimensões acima apresentadas e se mostra clara no filme, evidenciada por uma necessidade de controle em relação ao desempenho de Nina, às suas amigas e à sua vida afetiva. Isso, prova-

velmente, resultou em atitudes de agressividade, revolta e loucura. Segundo Netto (2012), perceber essa frustração requer olhar em diferentes direções, e uma delas é quando surge a agressividade, pois o filho pode perceber que foi boicotado em seu próprio sonho. Assim como ele foi privado de seu projeto de vida ele também priva os pais de seu afeto e de sua companhia. Isso representa a relação de Nina com sua mãe, em que a cobrança e o controle rumam a uma cena de violência, levando-nos a perceber a exteriorização de um sentimento de raiva e frustração. Essa cobrança e esse controle familiar podem levar a uma aprendizagem que privilegia a competição.

A competição pode ser saudável, no momento em que assume um caráter motivacional. Quando se organizam grupos competitivos, pode-se trabalhar no sentido de cooperação, em que cada integrante irá cooperar para alcançar o objetivo proposto, sem atribuir à competição um sentido excludente.

A escola tradicional é prisioneira da competição, fomentando a divisão e a separação entre profissionais que realizam o trabalho de forma isolada e solitária. É a instituição do “juntos, mas separados” e o espaço do “perde-perde”. A proposta consiste em valorizar e fortalecer o trabalho conjunto com base em uma visão associativa, do tipo “juntos, portanto solitários”, em situações “ganha-ganha” (RAMOS, 1995, p. 68).

Atualmente, a escola tem sido o centro da discussão de uma prática voltada ao desenvolvimento do sujeito em sua totalidade, buscando a integração entre as disciplinas, ou seja, a interdisciplinaridade. Trabalhar visando à interdisciplinaridade é privilegiar a cooperação entre as diversas disciplinas na construção de um saber único, sem fragmentá-lo.

Considerações finais

O filme *Cisne Negro* possibilita a reflexão de que tudo vai do normal ao patológico muito rapidamente, o que não nos permite, muitas vezes, saber quem é o “louco” e quem é o “normal”. Parece que só quem é “louco” é livre e pode fazer coisas que surpreendem os outros. Discutir esse filme suscita uma tentativa de encontrar os *eus* projetados no *eu* da personagem e de se dar conta de que o ser humano vive dentro de uma rotina, que o organiza e que lhe possibilita viver em sociedade. No entanto, essa realidade também é muitas vezes escravizadora, limitadora

da realização pessoal. Por isso é importante viver buscando a superação de suas limitações. Buscar a satisfação de seus desejos, de forma a integrar o cisne branco e o cisne negro que se tem dentro de si, consiste em um dos maiores desafios do ser humano.

Referências bibliográficas

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DE ANTONI, C. **Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico**. Tese de doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia de Desenvolvimento. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

EIZIRIK, C.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. **O ciclo da vida uma humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: **OBRAS Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira a partir do original de 1923. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. p. 177-186.

_____. O ego e o id. In: **OBRAS Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. p. 78-199.

MINUCHIN, S. **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. Um modelo familiar. In: _____. **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

NETTO, M. **Pais que projetam seus sonhos nos filhos**. Parte 2. Disponível em: <<http://artigosdepsicologia.wordpress.com/2008/01/09/pais-que-projetam-seus-sonhos-nos-filhos-%E2%80%93-parte-2/>>. Acesso em: 20/5/2012.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RAMOS, C. **Sala de Aula de Qualidade Total**. Rio de Janeiro: Quality Mark, 1995.

REGO, T. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

WINNICOTT, D. A mãe dedicada comum. In: _____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 1-12.

_____. **A família e o desenvolvimento individual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (original publicado em 1965).

_____. O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In: _____. **Brincar e realidade**. Rio Janeiro: Imago, 1975 (original publicado em 1971).

_____. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In: _____. **O Ambiente e os processos de Maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1982 (original publicado em 1962).

2. UMA PROVA DE AMOR

Ficha técnica

Título original: *My Sister's Keeper*

Título da tradução brasileira: *Uma prova de amor*

Ano: 2009

País: Estados Unidos

Diretor: Nick Cassavetes

Atores principais: Cameron Diaz, Abigail Breslin e Alec Baldwin

Duração do filme: 109 minutos

Sinopse do filme

Anna foi concebida com o propósito de salvar a vida de sua irmã mais velha, Kate, que apresentava um quadro de leucemia. Por 13 anos, ela foi submetida a inúmeras consultas médicas, cirurgias e transfusões, com o objetivo de doar sua medula óssea a Kate, papel que ela nunca havia contestado. Como uma adolescente típica, ela começa a questionar quem ela realmente é, e começa a se opor às ideias de sua família. Então, Anna toma uma decisão que seria impensável para a maioria, uma atitude que irá abalar sua família, contrata um advogado para ter o direito de escolha de fazer a doação ou não (resumo baseado no *link* <<http://www.cinepop.com.br>>).

Temáticas abordadas no filme: doença familiar – relação familiar – traços de personalidade

Uma prova de amor – debate

Patricia Gaspar Mello
Camila Campos
Livia Lopes Lucas
Fernanda Vaz Hartmann

A produção conta a história de Kate, uma menina de 15 anos que luta contra uma leucemia há quase uma década. Kate possui dois irmãos mais novos, Jesse e Anna. Anna foi concebida por fertilização *in vitro* para poder ser doadora da irmã mais velha. Porém, mesmo Anna tendo realizado todos os procedimentos para ajudar a irmã, nenhum foi suficiente para curar Kate e Anna se mantém como constante doadora compatível. Sara é a mãe da família e vem vivenciando uma crise em seu casamento com Brian por não conseguir conciliar a relação com o marido com o tempo dedicado aos cuidados da filha. Ela enfrenta ainda mais problemas quando Anna procura um advogado, buscando emancipação, para poder deixar de ser a doadora da irmã mais velha, frente à nova necessidade de doação, desta vez, de um rim.

O espectador vivencia uma dissonância constante ao longo do filme, dividido entre a compreensão do drama de Anna e a preocupação com a vida de Kate. Adicionalmente, empatiza com a luta de Sara para salvar a vida da filha, mas critica sua postura materna em relação a Anna.

1. Discussão teórica

A discussão teórica a respeito do filme não poderia iniciar sem um maior aprofundamento do conceito de doença terminal. Para a compreensão dos fenômenos de interação expostos no filme, é importante realizar uma leitura das características e dos comportamentos das personagens. Para tanto, três óticas da Psicologia devem ser expostas: a compreensão cognitiva da personalidade, a visão positiva dos traços pessoais e a interação desses dentro do sistema familiar.

A expressão “doença terminal” é definida na literatura como aquela doença que não demonstra mais possibilidade de remissão, invariavelmente, levando à morte. Negromonte e Araújo (2011) destacam que, na assistência psicológica ao paciente terminal, faz-se necessário o acompanhamento individualizado, para a morte digna. Entre as princi-

pais diretrizes, destaca-se a necessidade de o paciente estar relativamente livre da dor, ter a capacidade de reconhecer e resolver conflitos interpessoais passíveis de serem manejados e realizar os desejos restantes compatíveis com seu ideal de ego. No processo de despedida, realizado pela personagem Kate, podemos destacar a capacidade desta de proporcionar a si e a sua família uma morte digna, atingindo objetivos possíveis, como ir à praia em família, possibilitada pela minimização da dor administrada pelos remédios e, principalmente, solucionando questões familiares, desencadeando todo o processo de reestruturação familiar, que culmina na entrega de seu diário pessoal repleto de significados.

A incidência de doenças terminais vem crescendo nos últimos anos, estando especialmente relacionada com predisposição genética, associada com má qualidade de vida e estresse (BORGHI; SASSÁ; MATOS; DECESARO; MARCON, 2011). Entre as doenças terminais mais conhecidas, estão o câncer, doença de Alzheimer, coreia de Huntington, mal de Parkinson, esclerose múltipla, cirrose hepática, Aids e insuficiência renal. Segundo dados do Ministério da Saúde, mais de 90% da população irá morrer por causa de uma doença terminal (PINTO; BARBOSA; FERRETI; SOUZA; FRAM; BELASCO, 2009). Desta forma, parece relevante tratar o impacto da doença terminal tanto no indivíduo quanto na família.

Pesquisas (BORGHI; SASSÁ; MATOS; DECESARO; MARCON, 2011; PINTO; BARBOSA; FERRETI; SOUZA; FRAM; BELASCO, 2009; CARVALHO, 2008; CARVALHO, 2010) com cuidadores de pacientes terminais apontam que os mesmos referem insatisfação com alguns elementos relacionados à qualidade de vida, como, por exemplo, tempo para realizar atividades de lazer, demonstrando o sofrimento não somente com a doença do paciente, mas também com as consequências desta na vida do cuidador, geralmente, um familiar.

Carvalho e Almeida (2008) apontam que o paciente com câncer é confrontado com sucessivas mudanças de vida impostas pelo diagnóstico e pelo tratamento, ficando evidente o sofrimento pessoal deste e de seus familiares. No caso da personagem principal do filme, observa-se a presença de uma leucemia, consideravelmente avançada, para a qual as estratégias de tratamento não estão sendo eficazes.

O estigma do câncer, segundo Carvalho e Almeida (2008), compromete as relações familiares, dificultando a fala sobre a doença, o que

é progressivamente maior, frente ao avanço da mesma. A família tenta organizar-se para lidar com a doença e observa-se claramente o sofrimento da principal cuidadora, a mãe, para conciliar elementos da vida pessoal com os cuidados da filha. As alterações na rotina profissional de cuidadores têm sido foco de pesquisas, mostrando o quanto estes perdem, do ponto de vista laboral, com a doença de seus filhos. Kohlsdorf e Júnior (2010) destacam perdas decorrentes do afastamento do emprego, assim como o aumento de gastos relativos a deslocamento, alimentação, medicação e acomodação.

Quando se fala sobre doença terminal e morte, facilmente os entendimentos se focam nos aspectos de dor e sofrimento, mas é sempre importante ressaltar que são os aspectos de saúde, ou seja, os aspectos positivos da personalidade de um indivíduo que determinam o enfrentamento desse evento na vida. No caso de Kate, foram as características de sua personalidade, somadas às de sua mãe e de sua irmã, que conseguiram prolongar a vida de Kate por 14 anos. A perspectiva da Psicologia Positiva entende esses traços positivos de personalidade como forças.

A Psicologia Positiva é um movimento recente dentro da ciência psicológica, que tem como objetivo focar seus estudos nos potenciais, nas motivações e nas capacidades humanas (SNYDER; LOPEZ, 2005). Em função disso, Peterson e Seligman (2004) desenvolveram um sistema de classificação para os aspectos positivos, enfatizando as forças de caráter, denominado *Values in Action (VIA) – A Handbook of Classification of Strengths and Virtues*. Nesse manual, as forças foram divididas em características emocionais, cognitivas, relacionais e cívicas. Fazendo uma análise das personagens do filme, podemos identificar claramente algumas das forças presentes no VIA.

No sentido de integrar esses elementos em uma compreensão sistêmica, ou seja, a forma como essas diferentes personalidades integram dentro da família, passaremos a fazer uma relação da Psicologia Positiva com a perspectiva sistêmica. Na Teoria Geral dos Sistemas, a visão de mundo é holística e/ou ecológica, em que o universo é uma rede de inter-relações; nada existe se não em relação. Desse modo, o homem é parte de uma rede de interações que está em constante mudança (VASCONCELLOS, 1994). Essa abordagem operou o deslocamento da ênfase no conteúdo para a estrutura (PONCIANO, 1999). Tem-se, assim, a possibilidade de perceber e discriminar o jogo interativo das

personagens no contexto grupal e, a partir dessa percepção, fazer uma compreensão do conteúdo que envolve toda a família.

A família é compreendida como um conjunto de pessoas entre as quais existem interações circulares, ou seja, o comportamento de um dos seus membros afeta todos os outros elementos e estes funcionam em reciprocidade. Assim, as posições dos membros que a compõem se alteram a partir das experiências e comportamento de cada indivíduo (NICHOLS & SCHWARTZ, 1998). Na análise de algumas características da família, identificam-se algumas forças e algumas fraquezas. Paradoxalmente, no filme abordado, as forças dos indivíduos são responsáveis pela homeostase do sistema familiar em um funcionamento disfuncional.

A primeira e mais presente das forças, que podemos atribuir a todos os membros da família de Kate, é a capacidade de amar e ser amado. Em sua forma mais desenvolvida, o amor ocorre de forma recíproca dentro de uma relação com outra pessoa. Representa uma postura cognitiva, comportamental e emocional voltada para o outro que toma três formas prototípicas: amor pais-filho, amor filho-pais e amor romântico. O amor é sinalizado pela troca de ajuda, consolo e aceitação. Envolve sentimentos positivos fortes, compromisso e até mesmo sacrifício (PETERSON; SELIGMAN, 2004). Pode-se observar que foi esse amor que permitiu que a família se unisse para tentar curar a irmã e buscar meios que viabilizassem sua vida.

Soma-se a isso o amor altruísta, a generosidade, o cuidado e a compaixão que tanto os pais quanto os irmãos de Kate tinham para com ela, entre eles e ela para com toda a família. Essa força de caráter descreve a tendência dominante de ser bom para outras pessoas – de ser misericordioso e interessado em seu bem-estar, de fazer favores, praticar boas ações e de cuidar dos outros. Bondade e amor altruísta requerem o reconhecimento de uma humanidade comum na qual o outro é digno de atenção e afirmação por nenhuma razão utilitária, mas por sua própria causa (PETERSON; SELIGMAN, 2004). A união e a compreensão dos irmãos demonstram essa força, no momento em que Kate decide quebrar a homeostase e gerar um plano que romperia com o acordo implícito familiar de mantê-la viva “a qualquer preço”, sendo este o sentimento propulsor de todas as atitudes e comportamentos que surgiriam com este fim, mesmo cientes de que a “quebra do acordo” implicaria a morte de Kate.

Se formos analisar isoladamente a mãe de Kate (Sara), vemos forças marcantes, como a esperança, definida como um estado emocional positivo direcionado ao futuro (PACICO; ZANON; BASTIANELLO; HUTZ, 2011), característica que a mantinha motivada e persistente na busca de caminhos para a cura da filha. Essa força ganha uma intensidade tão importante que passa a ter um impacto negativo, pois anula aspectos de realidade. Também se percebe em Sara a capacidade de liderança, demonstrada durante todo o período de vida de Kate, em que a mesma envolve todos da família na tarefa de cura. Pode-se dizer que as características da mãe ganham proporções maiores, a ponto de contaminar todo o sistema familiar, pois Anna, a irmã mais nova de Kate, demonstrou muita coragem ao realizar a missão que a irmã tinha lhe incumbido, tanto nos momentos de doação quanto na ajuda que Kate lhe pediu. Da mesma forma, Anna foi persistente na busca de concretizar a sua missão. A persistência é definida como a continuação de uma ação voluntária em direção a um objetivo apesar dos obstáculos, dificuldades ou desencorajamento (PETERSON; SELIGMAN, 2004).

Por fim, não podemos nos esquecer de Kate, que, apesar da condição frágil e delicada de sua saúde durante toda a vida, sempre mostrou curiosidade e abertura durante a experiência, como no caso em que se permitiu namorar e ir ao baile do hospital. Curiosidade é definida como o interesse intrínseco do indivíduo pela experiência e conhecimento em si mesmo. Pessoas curiosas perseguem novidade, variedade e desafio em sua experiência no mundo (PETERSON; SELIGMAN, 2004).

É importante considerar que as forças de cada um fazem parte da sua personalidade e devem ser desenvolvidas e bem direcionadas pelo indivíduo. Isso significa que, em algumas situações, motivado por sentimentos como o medo ou raiva, o indivíduo utiliza suas forças para fins não saudáveis, tornando-as um problema. Como um exemplo disso, podemos citar a mãe de Kate, que utilizou a sua persistência e liderança para subjugar a família e levá-la a viver a doença de Kate acima de suas próprias vidas, em função do seu medo de perder a filha e fracassar como mãe. Como veremos a seguir, a dinâmica familiar se voltou para comportamentos doentios, causados por sentimentos de dor, medo e culpa, usando suas forças para fins não saudáveis, impossibilitando a família de ser feliz naquele período de tempo.

Sem dúvida as questões referentes a funcionamento da família são a grande contribuição deste filme. A família é apontada como elemento-chave para a sobrevivência, proteção e socialização de seus componentes, transmissão do capital econômico e da propriedade do grupo, bem como das relações de gênero e de solidariedade entre gerações. Trata-se da instância mediadora entre indivíduo e sociedade, tendo como principal função o desenvolvimento socioafetivo (CARVALHO e ALMEIDA, 2008).

Pode-se dizer que o filme é um grande convite para a reflexão sobre as duas dimensões experimentadas pelo convívio familiar: individualidade e mutualidade. Segundo Bowen (1991), o processo emocional de um indivíduo inicia-se na família e é regulado pelo interjogo das forças que direcionam as pessoas a seguirem sua própria direção, para serem independentes (individualidade), e das forças que direcionam o sujeito a responder as diretivas dos outros, de estar conectado (mutualidade). Uma família saudável deve oferecer um equilíbrio entre essas duas dimensões, ou seja, os indivíduos devem se sentir seguros para manifestar suas identidades e deve haver uma identidade coletiva que oferece a eles o sentimento de pertencimento e referência (CARNEIRO, 1996a).

No filme, houve uma ruptura desse equilíbrio a partir de um estresse acidental (horizontal), ou seja, a doença de Kate é vivida como uma crise acidental que rompe com o padrão de funcionamento da família e oferece um novo padrão. Carter e McGolgrick (1995) apontam que a família pode estar exposta a estressores “verticais” (também chamados transgeracionais) ou “horizontais” (desenvolvimentais). Os estressores verticais incluem padrões, mitos, tabus, expectativas, segredos e legados transmitidos de geração a geração. Já os estressores horizontais estão relacionados às transições do ciclo vital e incluem tanto os eventos previsíveis, inerentes à passagem de uma etapa do ciclo vital para outra, quanto os imprevisíveis, que podem romper o processo de ciclo de vida, tais como morte prematura, enfermidade crônica, nascimento de criança deficiente, entre outros.

Sabemos que um diagnóstico oncológico geralmente coloca o indivíduo, sua família e seus íntimos em situação de pânico. Num momento como esse, a família pode reagir de modo a se manter próxima e unida (movimento centrípeto) ou se afastar (movimento centrífugo). No movimento centrípeto, há uma forte tendência da família em parti-

cipar ativamente do tratamento e dos cuidados ao paciente identificado. Desta forma, a família se une no tratamento, fortalecendo não apenas o paciente, mas ela própria. O problema está no movimento centrífugo, quando a família se afasta do paciente. Não podemos nem devemos entender esse afastamento como uma reação agressiva ou de fuga, muito pelo contrário, precisamos entendê-lo como um movimento de autodefesa, de autoproteção. Sabe-se que um impacto emocional pode desencadear as seguintes reações psicológicas: choque, negação, ambivalência, revolta, negociação, depressão, aceitação e adaptação. Sendo o adoecimento um problema que envolve mudanças na rotina familiar, alterações no dia a dia de todos do grupo, ressalta-se a importância do fortalecimento do diálogo franco (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

O novo padrão interacional da família, estabelecido a partir da doença de Kate, tem elementos de disfuncionalidade, pois a doença passa a ser “a mola condutora da família”, e o sentido de mutualidade (coletividade) se sobrepõe, anulando os aspectos de individualidade de cada membro da família. A disfuncionalidade é entendida como uma padronização do funcionamento da família, em que os membros desta relacionam-se sempre da mesma maneira, de forma rígida, não permitindo possibilidades de alternativa. Sempre que se fala em família disfuncional, estamos falando de doença nas famílias. Assim, temos todo o funcionamento familiar envolvido nesse problema (PRADO, 1996).

Cabe assinalar alguns aspectos centrais da teoria estrutural (MINUCHIN, 1982), a fim de gerar uma melhor compreensão da linguagem utilizada. A família compreendida como sistema organiza-se em unidades sistêmico-relacionais (subsistemas) que são criadas por interações particulares entre os indivíduos nelas envolvidos, definindo os papéis a serem desempenhados, bem como as finalidades e os objetivos. Numa família, podemos encontrar, fundamentalmente, quatro subsistemas: o individual (constituído pelo indivíduo); o parental ou executivo (constituído pelos pais); o conjugal (o casal) e o fraternal (constituído pelos irmãos).

A funcionalidade de um sistema familiar é compreendida a partir da análise de funções, papéis e fronteiras. Os padrões transacionais da família se estabelecem através da organização hierárquica e fronteiras entre os subsistemas (nítidas, difusas ou rígidas). As fronteiras são o conjunto de regras que determinam quais serão os participantes de cada

subsistema da família, são as fronteiras que protegem a distinção do sistema e garantem sua particularidade, possibilitando o funcionamento eficaz do sistema familiar (MINUCHIN *apud* CARNEIRO, 2005).

Para que o funcionamento familiar seja adequado, essas fronteiras devem ser nítidas, pois elas é que serão responsáveis pela construção de relações esclarecidas nas quais as pessoas dizem “sim” ou “não”, objetivamente e de acordo com as demandas surgidas. Já as fronteiras difusas são constituídas por relações complexas e papéis confusos, não é estabelecida de forma clara a função de cada membro nem existe de fato preocupação e comunicação entre eles. No que diz respeito às fronteiras rígidas, elas são compostas por relações distantes, nas quais as pessoas não se conhecem muito bem. Viu-se que na família em questão as fronteiras são difusas, não permitindo que cada membro da família tenha a clareza de sua função e de seu papel, em vários momentos os filhos se ocupam de funções parentais, quando têm que se preocupar em proteger e cuidar do outro e abrir mão de suas necessidades particulares, aspecto típico do subsistema parental.

Seguindo a análise da estrutura da família (MINUCHIN, 1982), entende-se que as famílias que possuem um sentido elevado de apoio mútuo, um envolvimento excessivo que restringe o desenvolvimento de autonomia e independência, são chamadas de famílias aglutinadas ou emaranhadas. Neste tipo de família, as fronteiras entre os membros são difusas e os membros da família reagem de forma exagerada e ficam excessivamente envolvidos uns com os outros. Em todas as famílias emaranhadas, os processos de diferenciação estão embaraçados. Na esfera patológica, a falta de diferenciação da família torna qualquer separação da família um ato de traição (MINUCHIN, 1982).

Pode-se perceber que a doença de Kate organiza a estrutura familiar, marcada por uma estrutura com fronteiras difusas, em que Kate assume o papel de paciente identificada, detentora de uma situação problema responsável pela mobilização de todos os membros da família. O paciente identificado é alguém que exerce o sintoma de um sistema, em que o sintoma serve a uma função homeostática ou a uma função evolutiva – “isto é, se ele está a serviço de manter a família a mesma ou encorajando-a a evoluir para um estágio diferente” (PAPP, 1992, p. 24). No filme, pode-se observar as duas situações; por muito tempo a doença de Kate serviu para manter a família estagnada no mesmo funciona-

mento e, no momento mais atual, Kate rompe com a homeostase para que o sistema possa continuar evoluindo.

Diante da doença da filha, a unidade parental (executiva) se fragiliza, pois a mãe assume um papel dominador, ela é a forte, e o marido, o periférico. Essa dinâmica interacional pode ser percebida pela comunicação que se estabelece entre o casal e entre os demais membros da família ao longo do filme. Por comunicação, pode-se entender o processo pelo qual marido e mulher, pais e filhos constituem relação uns com os outros. É a forma pela qual “democraticamente” os elementos do processo de comunicação podem se expressar e, simultaneamente, comungar a sua subjetividade. Pode-se, assim, dizer que o processo de comunicação no sistema familiar permite aos seus elementos partilhar o que têm em comum, reduzindo, desta forma, a incerteza e a ambiguidade, mas também evidenciar as diferenças que os caracterizam. Essa diferenciação pode levar a um clima de bem-estar e de harmonia, pela descoberta da diferença, ou pode gerar um clima de tensão e de angústia nos sujeitos envolvidos, face ao ruído do imprevisto, da incerteza e do desigual (EPSTEIN, 1973). No filme, pode-se identificar em várias cenas que as diferentes formas de perceber e compreender o mundo geram conflitos; dentre as mais marcantes, está o momento em que Anna fala que não quer doar o rim para a irmã Kate e recebe um tapa da mãe em seu rosto, e o dia em que o pai de Kate a leva à praia e sua mãe fala que vai se divorciar caso ele siga com essa proposta.

A estrutura familiar observada no filme se instala, provavelmente, pela incapacidade comunicacional dos integrantes da família. Diante da atitude determinada e obstinada da mãe, os demais se calam, inclusive o pai, que passa a ficar mais tempo fora de casa, envolvido com o trabalho. Apesar de o pai se tornar mais periférico, percebe-se que ele oferece uma sustentação emocional, principalmente aos filhos. Ele é a figura parental que ainda ouve, que reconhece a subjetividade de cada um, que flexibiliza, e apesar de se calar frente à mãe, consegue transmitir a sustentação emocional apenas com um olhar (cena da saída de Kate para o baile).

Quando o subsistema parental se fragiliza, a tendência é o subsistema fraternal se fortalecer, como tentativa de resgate da força do sistema. É o que ocorre nesta família; diante da fragilidade dos pais enquanto unidade parental, os irmãos se aliam e determinam a grande

mudança (o rompimento da homeostase disfuncional) a partir do plano de entrar na justiça e solicitar a emancipação médica de Anna. Foi a força da aliança dos três irmãos que permitiu virem à tona todas as situações e sentimentos que estavam negligenciados por esta família (o desejo de Kate de não viver mais como doente, a perturbação emocional do irmão, a negação da existência de Anna como sujeito, a crise do casamento do casal, a anulação de todos outros papéis sociais da mãe), revelando a disfuncionalidade familiar.

Percebe-se que nesta família o subsistema fraternal cumpriu o seu papel social, na medida em que proporcionou a aprendizagem sobre cooperação, lealdade e capacidade de expressar os sentimentos, revelando-se um contexto privilegiado para aprendizagem da resolução de conflitos (MINUCHIN, 1982). Acredita-se que esse subsistema foi o principal responsável pelas mudanças surgidas no contexto familiar.

Fazendo parte do subsistema fraterno, é justamente Kate, que é o elemento doente, quem planeja toda a situação de rompimento com o padrão de funcionamento instalado (homeostase), e, mesmo na condição de frágil (pela doença), torna-se a mais forte de todos, na medida em que percebe a disfuncionalidade familiar. Fica clara a sua força, e mesmo a inversão de papéis, no último diálogo entre mãe e filha, quando Kate faz a mãe aceitar a sua situação real (a morte), que ela está pronta para tal e que tudo ficará bem.

Referências bibliográficas

BORGHI, A. C.; SASSÁ, A. H.; MATOS, P. C. B.; DECESARO, M. N.; MARCON, S. S. Qualidade de vida de idosos com doença de Alzheimer e de seus cuidadores. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, 32(4):751-8, dez. 2011.

BOWEN, M. **De la familia al individuo**: La diferenciación del si mesmo en el sistema familiar. Buenos Aires: Paidós, 1991.

CARNEIRO, T. F. **Família**: Diagnóstico e terapia. Petrópolis: Vozes, 1996a.

CARNEIRO, T. F. Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. **Psicologia**: Ciência e Profissão, Brasília, v. 16, n. 1, 1996b.

CARNEIRO, T. F. EFE: Entrevista Familiar Estruturada: um mito clínico de avaliação das relações familiares. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2005

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

CARVALHO, I. M. de; ALMEIDA, P. H. de. Família e proteção social. **São Paulo Perspec**, São Paulo, v.17, n. 2, 2008.

EPSTEIN, Isaac (Org.). **Cibernética e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GOMES, H. S. R. Terapia de família. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 6, n. 2, São Paulo Apr./June 2003.

KOHLSDORF, M.; JÚNIOR, A. L. C. Dificuldades relatadas por cuidadores de crianças e adolescentes com leucemia: alterações comportamentais e familiares. **Interação em psicologia**, v. 1, n. 14, Curitiba, Jan./Jun. 2010.

MINUCHIN, S. **Famílias Funcionamento & Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

NEGROMONTE, M. R. O.; ARAÚJO, T. C. C. F. Impacto do manejo clínico da dor: avaliação de estresse e enfrentamento entre profissionais de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 19(2): 1-7; mar./abr., 2011.

NICHOLS, M.; SHWARTZ, R. **Terapia Familiar**: conceitos e mitos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998)

OLIVA, Angela Donato. Razão, emoção e ação em cena: a mente humana sob um olhar evolucionista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 1, 2006.

PACICO, J. C.; ZANON, C.; BASTIANELLO, M. R.; HUTZ, C. S. Adaptation, validation and correlations of Adult Dispositional Hope Scale for Brazilians. **Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 24(4), 666-670, 2011.

PAPP, P. **O processo de mudança**: uma abordagem prática à terapia sistêmica de família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PETERSON, C.; SELIGMAN, M. E. P. **Character Strengths and Virtues – A Handbook and Classification**. Washington, D. C.: APA Press and Oxford University Press, 2004.

PINTO, M. F.; BARBOSA, D. A.; FERRETI, C. E. L.; SOUZA, L. F.; FRAM, D. S.; BELASCO, A. G. S. Qualidade de vida de cuidadores de idosos com doença de Alzheimer. **Acta paulista de enfermagem, São Paulo**, v. 22, n. 5, 2009.

PONCIANO, E. T. **História da Terapia de família**: De Palo Alto ao Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1999.

PRADI, L. **Famílias e Terapeutas**: construindo caminhos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (Eds.). **The handbook of Positive Psychology**. New York: Oxford University Press, 2005.

VASCONCELOS, Maria José de. A Cibernética como Base Epistemológica da Terapia Familiar Sistêmica. In: MACEDO, Rosa Maria Stefanini de (Ed.). **Anais do I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar**. São Paulo: PUC, 1994. v. 2.

_____. **Terapia Familiar Sistêmica**: Bases da Cibernética. São Paulo: Editorial Psy, 1995.

3. SONHOS NO GELO

Ficha técnica

Título original: *Ice princess*

Título da tradução brasileira: *Sonhos no gelo*

Ano: 2005

País: Canadá, Estados Unidos

Diretor: Tim Fywell

Atriz principal: Michelle Trachtenberg

Duração do filme: 98 minutos

Sinopse do filme

Casey Carlyle (Michelle Trachtenberg) é estimulada por seu professor de física para obter uma bolsa de estudos e ser aluna em Harvard. Para tanto, ela precisa apresentar um trabalho pessoal; assim, entre livros de cálculos e teorias engenhosas direciona sua pesquisa para a patinação artística, pois crê que exista uma fórmula aerodinâmica exata para aqueles movimentos. Casey não imaginava que ficaria tão fascinada por este esporte, ao ponto de considerar a física menos importante. Isso provoca o desespero da mãe, Joan Carlyle (Joan Cusack), uma professora de literatura inglesa que sonha ver a filha em Harvard (resumo baseado no *link* <<http://www.adorocinema.com>>).

Temáticas abordadas no filme: estudo – patinação artística no gelo – escolha profissional – superação

Todos nós temos sonhos no gelo: revivendo nossas escolhas ou vivendo novas experiências?

Lucas Nunes Ogliari
Suelen Assunção Santos
Beatriz Petrella dos Santos

A verdadeira experiência é aquela na qual o homem se torna consciente de sua finitude. Nela, o poder de fazer e a autoconsciência de uma razão planificadora encontram seu limite. Mostra-se como pura ficção a ideia de que se pode dar marcha-ré a tudo, de que sempre há tempo para tudo e de que, de um modo ou de outro, tudo retorna. Quem está e atua na história faz constantemente a experiência de que nada retorna. Reconhecer o que é não quer dizer aqui conhecer o que há num momento, mas perceber os limites dentro dos quais ainda há possibilidade de futuro para as expectativas e os planos: ou, mais fundamentalmente, que toda a expectativa e toda a planificação dos seres finitos é, por sua vez, finita e limitada. A verdadeira experiência é assim a experiência da própria historicidade.

Hans-Georg Gadamer¹

Uma experiência encontra significado em um conjunto de possibilidades e condições que proporcionam rupturas na maneira de pensar e de agir, e quando se tem como proposta buscar, através da memória, a justificativa para a formação escolar e acadêmica de si, buscam-se significados na história da própria constituição do eu, nas *pessoas e nas experiências vividas*, nos *lugares*, no *cotidiano* e nas *histórias de vida*. O pensar sobre a Educação e sobre as coisas nos faz percorrer, em um vaivém histórico-reflexivo, nossa jornada como estudante e nossa busca por nos constituirmos com profissionais. Nesse caso, colocamo-nos

1 *Verdade e Método.*

como objeto de conhecimento, num jogo de conhecer a nós mesmos para compreender melhor a constituição de nossas verdades.

Em nossa trajetória acadêmica e profissional, deixamos para trás algumas convicções responsáveis por nos constituir como profissionais e, ao mesmo tempo, percebemos a importância da negação de nossas expectativas. Diante de tantas possibilidades de justificar nossa trajetória acadêmica e profissional, a palavra *escolha* carrega consigo um amplo sentido, trazendo, em seu significado, a responsabilidade por “estarmos onde estamos” hoje, deixando uma brecha para a complexidade do ser humano na busca pela compreensão de decisões tomadas em nossas vidas.

Esses pensamentos e reflexões emergiram quando traçávamos uma discussão acerca da temática do filme *Sonhos no gelo*, em um programa do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (Cesuca), que promoveu uma seção de cinema, o II Cine-Fórum, que ocorreu nos dias 15 e 16 de maio de 2012, com alunos de diferentes cursos, seguido de um significativo debate.

O filme *Sonhos no gelo* trata de uma escolha, mas não apenas de uma decisão a ser tomada como tantas outras em nosso dia a dia, e sim uma escolha especial a ser feita por uma garota chamada Casey. Esta garota tem de tomar uma decisão acerca de sua vida profissional, pois seu desempenho na escola lhe permitiria entrar na universidade que outra almejava, mas não tanto como sua mãe, que tencionava que isso ocorresse, projetando sobre sua filha seus próprios sonhos de adolescente.

Ao buscar inspiração para o projeto de física que lhe garantiria o ingresso na universidade, a jovem decide relacionar seu trabalho com algo de que gostava desde a infância, a patinação no gelo. Casey começou a frequentar rotineiramente os treinos de patinação no gelo de uma colega com o objetivo de projetar, sobre os movimentos desenhados nesse esporte, seus conhecimentos de física, e assim contribuir para o desempenho das atletas.

Mas ao envolver-se como o universo da patinação no gelo, Casey descobre um novo sentido para a sua vida. Sua adoração pela patinação no gelo faz com que ela passe a treinar e a participar de torneios. Na véspera da entrega do projeto à universidade, Casey tem de fazer a escolha de sua vida: ingressar no curso de física e ter uma carreira promissora ou seguir os seus sonhos no gelo.

A discussão realizada após o filme foi norteada pelo seguinte roteiro:

Comentar, em trios, sobre as questões abaixo.

Qual é a temática tratada no filme?

Escolha uma palavra para representar o filme.

O tema em questão é atual? Por quê?

Que mensagem a obra deixou para vocês?

Externar ao grande grupo

Após essa primeira etapa de interação, seguimos para um segundo momento:

Pense sobre o que fez você escolher o seu curso de graduação.

Você teve influências de seus pais, familiares, amigos...?

Você largaria uma carreira promissora por um sonho?

Externar ao grande grupo.

As discussões em grande grupo tomaram proporções significativas e acabaram por conduzir a temática do fórum para um movimento de introspecção, ou seja, de reconhecer-se a si próprio e tentar compreender até que ponto nós somos sujeitos de nossas escolhas. Muitos espectadores, agora interlocutores, passaram a relatar como conduziram as escolhas que os levaram a cursar uma graduação e, nesse processo de retomar as escolhas do passado, perceberam a possibilidade de “reviver” aquelas experiências, só que agora sob outra perspectiva.

A experiência vivenciada no II Cine-Fórum, descrita em apenas algumas passagens, foi única, imersa de histórias de vida, encontrando significado no conjunto de possibilidades que permeiam o dia a dia de cada espectador/interlocutor.

Com a intenção de explicar, de compreender, ou somente de discutir o que se passou naquela “sala de cinema”, apoiamo-nos sobre aqueles que se propuseram, de alguma forma, a esclarecer a história das relações que uma pessoa tem consigo mesma na constituição de suas verdades e na tomada de decisão acerca de suas escolhas, ou seja, autores que tratam

da “ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade que nos constitui como sujeitos de conhecimentos” (FOUCAULT, 2008, p. 25).

Foucault afirma que seu objetivo há mais de 25 anos tem sido o de:

[...] traçar uma história das diferentes maneiras em que, em nossa cultura, os homens têm desenvolvido um saber acerca de si mesmos: economia, biologia, psiquiatria, medicina e penologia. O ponto principal não consiste em aceitar este saber como um valor dado, mas sim em analisar estas chamadas ciências como “jogos de verdade”, específicos, relacionados com técnicas específicas que os homens utilizam para entender-se a si mesmos (FOUCAULT, 2008, p. 47-48, tradução nossa).

Foucault (2008) escreveu sobre modos de subjetivação que possibilitaram, na história da humanidade, tratar do “cuidado de si” e do “conhecer a si mesmo”. Ele “resgata” algumas técnicas do “conhecer a si mesmo”, do “exame de si”, trazendo em seu estudo a descrição de práticas presentes desde a cultura antiga greco-romana e cristã que se deram através do ato da escrita e da vigilância, em relatos (cartas) do cotidiano, explicitando a preocupação do homem com o “cuidado de si” e o “conhecer a si mesmo”.

O ato do silêncio e da escuta a si próprio em um exame de consciência também é uma técnica de “conhecer a si mesmo”, presente na doutrina estoica, e juntamente às práticas anteriores, a *Askesis*, consistia em um exercício mental de conhecer-se a si mesmo, através de práticas de meditação e memorização, como exercícios do pensamento (*Melete*) e práticas de abdição de prazeres e privações físicas (*Gymnasia*); tendo ainda a interpretação de sonhos como outra técnica de “exame de si”.

O cristianismo também traz, em sua história, “tecnologias do eu”, práticas para a purificação da alma através do “conhecer a si mesmo”, como a *exomologēsis*, que “para os cristãos significava reconhecer publicamente a verdade de sua fé ou reconhecer publicamente que eram cristãos” (FOUCAULT, 2008, p. 82, tradução nossa). De acordo com Foucault:

A diferença entre as tradições estoica e cristã deve-se a que a na tradição estoica o exame de si, o juízo e a disciplina mostram o caminho ao conhecimento de si mediante a sobreposição da verdade de cada um através da memória, isto é, memorizando regras. Na *exomologēsis* o penitente alcança a verdade sobre si mesmo por meio de uma ruptura e

de uma dissociação violentas. É importante insistir que a *exomologēsis* não é verbal. É simbólica, ritual e teatral (FOUCAULT, 2008, p. 86, tradução nossa).

Foucault (2008) afirma que o ato de “conhecer-se a si mesmo”, na Antiguidade, seria uma consequência do “preocupar-se consigo mesmo” e que “no mundo moderno o conhecimento de si constitui o princípio fundamental” (p. 55, tradução nossa).

As discussões deram corpo ao II Cine-Fórum e possibilitaram a releitura de algumas páginas da vida de cada participante, como em um *exercício de si*, gerando uma autocrítica. Poderíamos ter como ideal a prática de uma reflexão crítica a cada dia a respeito das coisas que nos cercam, do momento que estamos vivendo, das pessoas que convivem conosco, do que elas significavam para nós e do que significamos para elas. Fazendo esse exercício – que naquele momento foi-nos proporcionado pela discussão acerca do filme –, damos margem para que a experiência tome o seu lugar em nossas vidas.

O repensar sobre as atitudes e decisões que tomamos em nossas vidas repousa sobre um limiar entre “renunciar a si mesmo” e “conhecer a si mesmo”. Com experiências como estas, deixamos para trás algumas convicções responsáveis por nos constituir como estudantes ou profissionais e, ao mesmo tempo, percebemos a importância da negação de nossas expectativas, pois a verdadeira experiência não é aquela que se integra às nossas expectativas, confirmando-as, mas sim a que as nega (GADAMER, 1997).

Transcrevemos abaixo algumas das falas sobre o repensar provocado pelo filme durante o debate:

“O relacionamento de mãe e filha; correr atrás do que realmente se quer.”

“O sonho dela, da protagonista, era o sonho frustrado da mãe.”

“E ela foi muito corajosa, pois foi atrás do sonho dela, o que ela quis superar o que a mãe esperava.”

“Mas ela teve disciplina, persistência, e não desistiu.”

“Eu achei interessante a parte do filme que trata das prioridades. Em vários momentos da história da protagonista, ela teve que escolher o que ela ia fazer naquele dia. Por exemplo: a entrevista pra faculdade no mesmo momento do treinamento de patinação. Aí a questão de se

ter foco e objetivo. O que pra ti é prioridade naquele momento, o que pra ti é mais importante? E também a questão da prova: ela teve notas baixas porque naquele momento o foco dela não era os estudos, não era prioridade. Ela deixou bem claro que ela queria ser escalonada. Então se te bem claro, qual é a tua prioridade: é o teu sonho, tua família, teu trabalho, teu estudo, tua condição física?”

“Eu sempre falo isso durante as aulas pros professores que quando escolhemos isso – vir pra faculdade – abrimos mãos de muitas outras coisas. Então depois que eu me formar vou ficar um ano em casa assistindo a novela das oito, pra me dar esse prazer. Que foi o que eu abri mão por cinco anos da minha vida pra isso, porque priorizei outras coisas. Achei interessante porque isso ficou nítido no filme. Até a questão de relacionamento, que eu aprendi na faculdade, como administrar a vida com meu namorado, pois não o vejo durante a semana. São questões que envolvem toda nossa vida, nosso cotidiano.”

“No marketing a gente discutiu isso. Qualificação não é apenas fazer cursos e cursos e cursos. A qualidade não é quantidade. Tenho que tentar descobrir a área em que sou bom, e potencializar.”

“Sobre a competição. O que tu és capaz de fazer pra vencer? Até onde tu deves ir? Por quem tu deve passar por cima? É a questão da Ética que está exposta no filme.”

“Bem como a mãe dela disse: como assim, tu preferes patinar? Como se a física fosse mais importante que a arte.”

“Qual é a diferença de qualidade e quantidade do conteúdo? Pois todos são abrangentes e únicos.”

“É que se tem uma ideia de que arte serve para pintar.”

A experiência do cotidiano, ou a experiência de vida, não é algo possível de se quantificar, medir, e tampouco pode ser descrita na forma de leis ou regras. O conceito de experiência, em sua *essência hermenêutica*, por sua constituição e historicidade, não é orientado pela ciência e tampouco tem espaço em seu escopo de atuação (GADAMER, 1997). Para Larrosa (2001), a ciência moderna converteu experiência em experimento, eliminando o que “a experiência tem de experiência”, que é a impossibilidade de objetivação e de universalização.

Além de separar experiência de experimento, Larrosa (2001) propõe dar outro tom à palavra, *reivindicando-a*, trazendo-a sob alguns apontamentos. O primeiro apontamento traz a necessidade de remover

o dogmatismo e a autoridade da experiência, de maneira que cada experiência seja única e individual, sem que ninguém tenha de aceitar ou tomar a experiência do outro como uma verdade para si apenas pelo fato de que ela já tenha ocorrido. O segundo aspecto ressaltado é que o autor separa experiência de prática no sentido de que aquele que está aberto à experiência não se configura como um ser ativo, mas sim como alguém que está aberto, disponível, que deixa as coisas agirem sobre ele em vez de agir sobre as coisas.

No entanto, quando propomos a fala de nós mesmos ao retomar o significado de escolhas que fizemos no passado, assumimos uma postura muito mais receptiva do que ativa, deixamos com que as experiências vividas percorram, novamente, nosso íntimo, fazendo um exercício de reconhecimento de nós mesmos.

Por fim, um questionamento: a autenticidade de experiências como essas, de retomarmos escolhas do passado, escolhas decisivas, em que muitas vezes deixamos nossos “sonhos de gelo” de lado na segurança de uma carreira promissora, ou nos lançarmos na incerteza de uma fantasia que não sabemos ao certo aonde nos levará? Tivemos a oportunidade de reviver essas escolhas, de retomar experiências através de lembranças, através das reinterpretações feitas sobre nossas próprias decisões.

Seria possível, então, repetir ou reviver uma experiência?

Não para Gadamer nem pela *essência da experiência hermenêutica*; não para Foucault nem pelas *condições de possibilidades*, que tornam cada experiência única; tampouco para Larrosa, que *reivindicou a experiência*.

A verdadeira experiência deve ser única e impossível de se repetir. No entanto, ter retomado as escolhas que fizemos no passado proporcionou uma nova experiência, e isso nos faz perceber que talvez jamais consigamos expor o que realmente se passou diante de cada escolha que fizemos no passado. As discussões acerca dessas escolhas fazem parte do presente e se tornam possíveis hoje, através de um exercício de memória, de autorreflexão e de reinterpretação de nós mesmos.

Reviver escolhas importantes que tivemos de fazer em nossas vidas é sempre vivenciar uma nova experiência.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo**. Buenos Aires: Paidós, 2008. 152 p.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LARROSA, Jorge. La experiencia y sus lenguajes: algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. **El cardo**, a. 2, n. 3, fev. 2001.

4. A VILA

Ficha técnica

Título original: *The Village*

Título da tradução brasileira: *A Vila*

Ano: 2004

País: Estados Unidos

Diretor: M. Night Shyamalan

Atores principais: Joaquim Phoenix, Bryce Dallas Howard, William Hurt, Sigourney Weaver, Adrien Brody, Judy Greer, Brendan Gleeson, Michael Pitt, Cherry Jones, Jayne Atkinson, Celia Weston, Fran Kranz

Duração do filme: 108 minutos

Sinopse do filme

A Vila retrata a história de uma pequena comunidade em uma época atemporal nos Estados Unidos que vive uma existência idílica, ainda que condicionada pela hipotética existência de criaturas que vivem no bosque. Sob uma espécie de pacto, nenhum habitante da vila invade a floresta e nenhum dos habitantes da floresta entra nos limites da comunidade. Porém, quando Lucius Hunt (Joaquim Phoenix) é gravemente ferido por Noah (Adrien Brody), Edward Walker (William Hurt) permite que sua filha Ivy (Bryce Dallas Howard) atravesse a floresta em busca de remédios.

Temáticas abordadas no filme: ordem – medo – organização social

A Vila e a Biopolítica

Ana Luiza Julio
Ângela Kretschmann
Emerson de Lima Pinto
Fabiane Simioni
Guilherme de Oliveira Feldens

Introdução

O filme *A Vila* narra a história de uma comunidade pacata, aparentemente do século XIX, que vive, dentro de um limite físico bem determinado, cercada por uma vasta floresta vizinha. Escondida sob esta suposta aparência de tranquilidade, verifica-se, logo no início do filme, que esta comunidade vive sob constantes ameaças que a cercam. Assim, o desenvolvimento do enredo mostra ao espectador que a suposta segurança do local é mantida através de um pacto (ou contrato) entre os habitantes da vila e as (supostas) criaturas que habitam a floresta.

1. A função estratégica e disciplinar do medo nas sociedades

A história nos remete à função social do medo em uma comunidade que tem nele o passaporte para manter o *status quo*. O filme apresenta, então, toda a lógica disciplinar que envolve a população da vila. Todos os habitantes são proibidos de ultrapassar os limites do território para ingressar na floresta. Todos são proibidos de usar roupas vermelhas, pois essa cor atrairia os monstros. Há postos de vigia, onde os jovens rapazes ficam de guarda em turnos, prontos para, ao menor sinal de perigo, tocar um sino que ordena que todos devem se esconder em suas casas. Todos são condicionados a denunciarem qualquer medida de desrespeito às regras de segurança. Além disso, verifica-se que todos os habitantes estão submetidos a um conselho de anciãos, formado pelos mais antigos moradores daquela localidade (na verdade, seus fundadores, como se irá descobrir posteriormente). Esse conselho exerce poder sobre os moradores, instituindo “as verdades” que circu-

lam no local e garantindo a propagação aos mais jovens das tradições e das regras de condutas exigidas na comunidade.²

No final do filme, a “virada” aplicada pelo diretor em seus espectadores mostra que os fundadores daquela vila eram, na verdade, vítimas de violência que resolveram criar um espaço seguro, distante da cidade e das ameaças modernas. A vila revela-se, então, uma criação utópica feita nos dias atuais, obra da vontade de seus fundadores. Não há monstros no bosque. Tudo faz parte da estratégia para manter as pessoas fora da floresta e dentro dos limites das cercas.

Analisado nesse aspecto, o filme (lançado em 2004) foi logo considerado uma metáfora da sociedade e da realidade política e governamental norte-americana do “pós-11 de setembro”. O medo do desconhecido, do outro “sem rosto” que ronda a “segurança” e a “tranquilidade” social era a figura exata do medo dos cidadãos norte-americanos do terrorismo. O medo de um inimigo não identificável que pode atacar qualquer um, todos, a qualquer momento. Além disso, a utilização política do medo pelo conselho da vila também pode ser analisada paralelamente com as práticas radicais e antidemocráticas do governo George Bush.³

Porém, o essencial apresentado no filme de M. Night Shyamalan é o fato de que o medo é um eficiente instrumento político de controle e de afirmação da Biopolítica. Ele caracteriza, em diversas cenas, de maneira muito criativa, o medo sendo utilizado politicamente como uma ferramenta ao serviço do poder de um Estado, capaz de impor, sob o pretexto de um bem comum, um domínio completo de seus objetivos sociais e morais sobre todos os indivíduos. Mais do que isso, a utilização do medo para a criação de um Estado, uma organização social.

A vila é uma comunidade que se encerra em si mesma, sendo desnecessário todo e qualquer vínculo com a sociedade externa. É o conselho de anciãos que mantém toda essa proibição de vínculos exter-

2 Em uma das cenas do filme, é mostrado o interior de uma espécie de “sala de aula” na qual um dos mais antigos habitantes da vila está ensinando as crianças sobre os “assustadores” habitantes da floresta, explicando regras essenciais, para toda a vida, relativas a segurança e ao bem-estar de todos.

3 Basta lembrar que tal governo retirou diversas garantias constitucionais dos cidadãos americanos, permitindo, por exemplo, a prisão e a incomunicabilidade de “suspeitos” de práticas terroristas. Com base em uma retórica de liberdade, o governo dos Estados Unidos também implantou uma política externa “linha dura”, que resultou na invasão do Afeganistão e do Iraque. As atrocidades cometidas na base militar de Guantánamo e as cenas de torturas protagonizadas pelo exército norte-americano no Iraque tornaram-se símbolos negativos desse período.

nos, mesmo reconhecendo que há coisas, tais como medicamentos, que poderiam melhorar as condições de vida da comunidade. Para manter essa situação, muitos segredos são mantidos, e estes vão pesando sobre a condição de liberdade dos habitantes da vila.

Dentro desse contexto, é importante ressaltar também que a cor vermelha é representante da vida pulsante, do sangue propriamente dito. Não por acaso, na Vila é a “cor proibida”, já que não se pode esperar tal comportamento de um grupo dominado. Além disso, há expressões significativas que são trabalhadas com as crianças na escola como: “não entrar na floresta”; “aqueles que não mencionamos” têm garras enormes e são carnívoros. Essas são representações de um inconsciente que não pode, sob o peso de manter ordem, vir à tona. Assim, ao não falar, não expressar dúvidas e angústias, fica tudo depositado na figura demoníaca.

2. O uso do medo como um instrumento para a ordem jurídico-social

Diante dessa realidade, ocorre uma juridicização total da vida humana, resultando em uma abundância de regras e legislações, que procuram regular ao máximo todos os espaços de atividades individuais.⁴ O ser humano fica, assim, submetido completamente à legislação e ao poder do Estado, ficando somente o cidadão “portador de documentos” pleno de “exercício de direitos”, o que vem a ocasionar injustiça, racismos e perseguições. Os indivíduos são reduzidos a um número, a uma generalização, ficando objetivados conforme os fins instrumentais das regras de mercado.⁵ A racionalidade instrumental, instrumento do modelo social hegemônico, passa a invadir os diversos âmbitos de nos-

4 “Decidir é criar direito, isto é, decidir sobre qual parcela da realidade do homem ou do mundo cai sob a regulação do direito. No princípio do direito está a decisão do soberano; e, em segundo lugar, que o poder não apenas alcança o que é mediado pelo direito, mas a todo homem. Nenhuma parcela do homem está no abrigo de ser regulado. Não existe nenhum santuário do homem que escape ao direito. Até a distinção entre íntimo, privado e público é coisa do direito, pois pode ser objeto de uma decisão. A decisão brilha com todo seu esplendor no estado de exceção, mas essa mesma decisão está operando ao longo e estrito de todo exercício do poder” (MATE, 2005, p 87).

5 RUIZ, 2007, p. 270.

sa existência. Obedecendo aos mecanismos do mercado, a dominação da população e a consequente exclusão de uma parcela de indivíduos, torna-se algo natural.

A modernidade definiu a *zoe* (vida nua e crua, do indivíduo, antes de se tornar cidadão, e por isso, protegido pelo Estado) como um elemento fundamental para as estratégias de poder do Estado moderno.⁶ O cuidado com a vida particular de cada indivíduo, antes sem qualquer valor para o soberano, tornou-se o centro da política moderna e objeto de preocupação pública. O Estado se apropria da vida humana instrumentalizando o seu poder, ao mesmo tempo em que esse poder se torna a garantia de preservação dela.⁷ Dessa maneira, a vida humana, da mesma forma que outros recursos, torna-se um mero instrumento de utilidade a ser ajustada conforme a tática de governo.

Com isso, não apenas a vida humana é instrumentalizada, mas em especial o próprio medo, que é capaz de determinar ações preferíveis pelo Estado, serve como excelente instrumento para forçar comportamentos sem que se exijam outras imposições de sanções, ou ameaças, por parte do Estado, a não ser uma espécie de *marketing* dirigido que difunda o medo como princípio para a ordem e poder dos que detêm o controle jurídico-social.

3. Liberdade sob controle e o descontrole saudável da liberdade

A significação política da vida humana acaba por servir de fio condutor à Biopolítica,⁸ colocando a população como objeto de análise das instituições sociais. Segundo Mate (2005), o pensamento liberal, por exemplo, produz liberdade, mas a submete a todos os tipos de controles, pois ela é necessária, mas também perigosa. Assim, cria-se um sistema de equilíbrio entre liberdade e segurança, ocasionando o surgimento das instituições e técnicas disciplinadoras.⁹ A vida humana acaba se in-

6 AGAMBEN, 2002, p. 9.

7 RUIZ, 2007, p. 270.

8 MATE, 2005, p. 74.

9 Segundo Foucault (1999, p. 131), “o momento em que se percebeu ser, segundo a economia do poder, mais eficaz e mais rentável vigiar que punir. Este momento corresponde à formação, ao mesmo tempo rápida e lenta, no século XVIII e no fim do século XIX, de um novo tipo de exercício do poder... Mas quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no

corporando às estratégias do poder do Estado moderno, e o que seria uma teoria de garantia de exercício da liberdade torna-se uma rede que amarra o homem moderno dentro da segurança da lei.¹⁰

Pode-se perceber esse fator em diversas passagens do filme. A existência de um conselho formado pelos “moradores mais antigos” revela a verticalização do poder. São eles que determinam as normas do lugar, restando submisso o restante da população. Esse conselho determina também toda a rígida disciplina do lugar, já que são eles os detentores da “verdade” propagada de geração a geração. Assim, torna-se evidente que, conseqüentemente, esse conselho detém poder sobre o corpo e sobre a vida e a morte de seus cidadãos.

No início do filme, há um enterro de um jovem morador que morreu por não ter tido acesso a remédios. Lucius Hunt (Joaquim Phoenix), inconformado com o fato e com a piora de estado do doente mental Noah (Adrien Brody), questiona o isolamento da aldeia, solicitando ao conselho permissão para atravessar as fronteiras da aldeia. Lucius tem seus pedidos negados pela decisão do conselho, formado por Edward Walker (William Hurt), o líder da comunidade, e de sua mãe, Alice Hunt (Sigourney Weaver). Porém, quando o próprio Lucius é ferido gravemente por Noah, o conselho decide permitir a Ivy atravessar a floresta para buscar remédios na “cidade”. Tais momentos do filme evidenciam o completo controle do conselho sobre a vida de seus habitantes.

“Escondido” na estabilidade e na ordem social absoluta, há, porém, sempre um vazio legal que não atingirá determinada população para quem o “Estado de exceção” é a norma. Segundo Reyes Mate (2005), o que caracteriza justamente essa situação fática é a consideração dos oprimidos como não sujeitos, sob uma nua vida, completamente afastados de seus próprios direitos.¹¹ Assim, quando o homem é

ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atividades, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana”.

10 “Assim, com a modernidade e seus derivados políticos, pensados para cercar a insegurança animal e garantir o exercício da liberdade, próprio do Liberalismo, tem que se dissimular sob a retórica da liberdade; essa retórica, no entanto, perde credibilidade quando, em momentos de crise, aparece sem máscaras a violência da segurança. Então, o homem moderno se sente amarrado na rede que devia protegê-lo” (MATE, 2005, p. 107).

11 “O que se deve entender por excepcionalidade? A opressão a que provisionalmente se via submetida uma parte da humanidade. O que constitui para uma parte da população em oprimidos

reduzido ao puro corpo biológico, como no caso do filme, ele deixa de ser sujeito de direitos para converter-se em mero objeto de poder das decisões do soberano, não havendo limites para a barbárie.

Essa objetivação dos cidadãos é exemplificada no filme através de dezenas de regimentos comportamentais impostos pelo conselho da vila. Assim, quando Noah entrega para Ivy sementes vermelhas (a cor ruim), que só nascem no bosque, o rapaz deficiente é castigado. Quando Lucius confessa que desrespeitou uma norma da vila, é punido não só pelo conselho, mas pela reprimenda de todos na comunidade. Nota-se que o conselho impõe sessões nas quais os moradores devem falar de seus comportamentos e do comportamento dos outros, impondo uma grande rede de disciplina sobre a população.

Em contraste com a objetivação dos moradores da vila, o filme aponta a presença do “louco” para salientar aquilo com que a comunidade não sabe lidar, já que ele libera, por assim dizer, o que os outros não conseguem. O “louco”, ao não sentir medo, diverte-se com os “barulhos” manifestos pelas criaturas da floresta. Ele fere, em nome da paixão, e se suja de sangue, a cor proibida. Se todas as pessoas da comunidade são duras, tensas, obsessivas, o “louco” libera suas emoções. A figura de Ivy também apresenta uma contraposição interessante, pois tem na cegueira a função de superar os limites infantilizados que mantêm o vilarejo. Ela é a única pessoa que verdadeiramente tem condições de “ver” além das fronteiras do medo.

4. Risco e liberdade, segurança e aprisionamento

Cabe salientar também que a articulação entre vida e Direito, em uma sociedade de risco, coloca-nos necessariamente diante de uma decisão e de um novo risco. Na vila, o risco que se supõe haver em atravessar o bosque e enfrentar criaturas perigosas é construído por outro medo: o isolamento permanente da comunidade e a impossibilidade de sua continuidade. Quando Ivy retorna à comunidade com os remédios para salvar seu prometido Lucius, ela preserva a mentira, mantendo o segredo sobre o contrato social originário. A personagem passa a com-

é o fato de serem tratados como não sujeitos, como seres carentes dos direitos próprios, do ser humano e, portanto, como nua vida. A eles se aplica esse modo de política chamado biopolítica, porque vela-se nela tudo o que essa atividade humana coletiva possa ter de vontade ou racionalidade, para ficar à mercê da biologia” (MATE, 2005, p. 94).

partilhar do saber e do poder dos códigos da vila. A continuidade da comunidade, em tese, está assegurada, pois as próximas gerações continuarão a ser educadas no ideal de normatividade eleito pelo conselho de fundadores. Os riscos e perigos cuidadosamente ritualizados na vila serão mantidos, para assegurar que todos desfrutem da ignorância feliz e da paz artificial.

Concordamos com Beck (1997), quando o autor refere que a sociedade de risco não é uma opção que se pode escolher ou rejeitar no decorrer de disputas políticas. Ela surge na continuidade dos processos de modernização autônoma das sociedades contemporâneas. Trata-se, em última análise, de um modo de resistência aos processos que causam medo, sofrimento e insegurança, através de movimentos ou associações contingentes que pretendem o controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes.

Concluimos afirmando que o Estado de Exceção, em Agamben, e a sociedade de risco, em Beck, são ferramentas importantes para pensar as dinâmicas sociais em sociedades industriais contemporâneas. Parece-nos que a chave explicativa para a compreensão de um sentimento atávico como o medo pode ser dada a partir da análise das crises de certezas: a insegurança alimentar, as catástrofes climáticas, os fenômenos migratórios, o terrorismo, as novas/velhas guerras santas, a violência difusa. Trata-se de fenômenos que embaralham as dicotomias binárias cartesianas, construídas durante a modernidade em oposição ao coletivismo medieval, entre o “nós” e o “eles”, entre o mundo natural e o cultural, entre a cidade perversa e a vila.

De outra parte, esses fenômenos abrem possibilidades inéditas de rupturas no espaço social, os quais ditam outras possibilidades para o exercício da convivência coletiva. Isso importa na medida em que tais fraturas sociais necessitam de novos olhares, sobretudo para escapar da lógica individualizante dos riscos e da responsabilização individual. São novas vulnerabilidades que, a depender de sua interpretação política e social, são potenciais indicadores de novas patologias, as quais demandam uma outra composição na administração desses conflitos de riscos.

Para finalizar, relacionando tais questionamentos com o filme, pode-se afirmar que quando Noah (o “louco”) morre pela mão de Ivy, encerra-se o ciclo, em acordo com o conselho de anciãos. Novas modalidades, tempos e segredos provavelmente vão surgir após a ida de Ivy à

cidade, mas o vilarejo continuará a se encerrar nos limites de sua própria comunidade, exercendo uma violência ao não permitir a expansão da própria vida que os vínculos sociais propõem além-muros. Assim, pode-se questionar sobre os limites a que se busca chegar para garantir segurança, revelando que não há forma de organização social, seja ela democrática ou não, que não comporte uma redução de parcela da população a pura vida nua.

Resta questionar o quanto a instrumentalização do medo para fins políticos inibiu a curiosidade, que tradicionalmente veio vinculada ao pensar crítico ou filosofar.¹² A ausência do medo, ali, poderia levar a uma reflexão sobre a busca de segurança, tanto emocional quanto jurídica, na medida em que a possibilidade de previsibilidade do futuro sempre trouxe enorme tranquilidade, muitas vezes não importando o preço a ser pago por ela. Enfim, a vila retrata apenas uma situação que em várias passagens históricas da humanidade não cansa de ser repetida, impulsiva ou convencionalmente. E se o esclarecimento sempre foi perseguido para livrar os seres humanos da escravização pelo medo,¹³ para alcançar este intento, o filme explorou inúmeras formas de inibir qualquer possibilidade de questionamento sobre a situação, levando a crer na absoluta normalidade do mau imaginário, que impõe a ordem a partir do medo sem limites.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. ed. 2ª reimp. Tradução de Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1990.

12 “Pues los hombres comienzan y comenzaron siempre a filosofar movidos por la admiración [...]. Pero el que se plantea un problema o se admira, reconoce su ignorancia” (ARISTÓTELES, 1990, p. 14).

13 “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19).

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Unesp, 1997. p. 11-71.

_____. **La sociedad del riesgo**. Hacia una nueva modernidad. Barcelona: Paidós, 1998.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

MATE, Reyes. **Memórias de Auschwitz**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005.

_____. **Medianoche en la historia**. Madri: Trota, 2006.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. Paradoxos do biopoder: a redução da vida humana a mera vida natural. **Filosofia Unisinos**, v. 8, n. 3, dez. 2007.

5. AYRTON SENNA – THE MOVIE

Ficha técnica

Título da tradução do filme: *Senna – o brasileiro, o herói, o campeão*

Ano: 2010

Direção: Asif Kapadia

Duração do filme: 105 minutos

Sinopse do filme

O documentário foca a carreira de Senna na Fórmula 1, com principal atenção na rivalidade com o piloto francês Alain Prost, bem como na sua relação com os dirigentes da Federação Internacional de Automobilismo (FIA). A produção também conta com várias imagens inéditas dos bastidores da Fórmula 1, como reuniões entre os pilotos e dirigentes. O lado pessoal também é mostrado, porém com pouco destaque, com imagens de arquivo da família Senna e depoimentos da irmã, além de entrevistas do pai e da mãe do piloto. O lado de “superstar” do piloto também é lembrado durante a obra. A produção também conta com a participação do jornalista Reginaldo Leme, conhecido por cobrir a Fórmula 1 desde a década de 1970 e narrações de algumas corridas por Galvão Bueno, assim como a dupla da BBC, James Hunt (comentários) e Murray Walker (narração) (resumo baseado no *link* <<http://www.wikipedia.org>>).

Temáticas abordadas no filme: poder – liderança – relações interpessoais

Poder, liderança e relações interpessoais

Alexandre dos Santos Garcia
Diego Augusto de Jesus Pacheco
Juliana Saboia de Melo
Ricardo Muniz Muccillo da Silva

Introdução

Este capítulo abordará o documentário sobre a trajetória de Ayrton Senna na Fórmula 1, dentro da perspectiva de Administração e do administrador. O filme, lançado em novembro de 2010, apresenta a trajetória de um dos melhores pilotos da história da Fórmula 1, do início dos anos 1980 aos 1990 até o trágico acidente no Grande Prêmio da Itália em 1994. Ao assistir ao filme, dentre outros aspectos, é possível perceber as características de liderança de Ayrton Senna, as relações interpessoais construtivas entre os membros da equipe das escuderias por onde passou, tais como Toleman, Lotus, McLaren e Williams, e seu ponto de vista diante das imposições políticas da Fórmula 1. Nesse sentido, pode-se dizer que o pano de fundo de discussão do filme se baseia na relação de Senna com diversos aspectos da competição e com as políticas de gestão da Fórmula 1 à época.

Dentro deste cenário, foi possível relacionar o filme com questões tanto do ponto de vista práticas e como acadêmicas do campo da Administração. Tais pontos de vistas serão discutidos e analisados nesse trabalho a partir de três tópicos centrais: (i) “Quando deixou de ser só corrida”: este tópico apresenta questões relacionadas às mudanças percebidas após o ingresso de Senna no mundo profissional das corridas, as relações de poder entre equipes, pilotos e diretorias da Fórmula 1; (ii) “A competição interna”: este tópico aborda questões de liderança e as relações interpessoais entre os pilotos, a pressão de caráter psicológico e até mesmo social sofrida por Senna (ao “levar o Brasil nas costas” diante de um contexto social político brasileiro em crise) e o direcionamento das escuderias para “escolha” dos campeões; (iii) “Competindo para ganhar”: neste ponto, são enfatizadas questões de relações interpessoais, a importância da inteligência emocional no relacionamento entre membros de equipe e a busca pela perfeição.

Para conduzir a discussão, o presente artigo está dividido em quatro seções. Na primeira seção será abordado o tópico “quando a F1 deixou de ser somente uma corrida”, realizando contrapontos com os achados da literatura sobre as relações sociais, a formação de grupos e o poder; a segunda seção discorre sobre o tópico “A competição interna”, ao relacionar a literatura sobre liderança, relações interpessoais e os jogos de poder na gestão; na terceira seção, é discutido o tópico “Competindo para ganhar”, que identifica elementos do documentário que estão presentes na literatura clássica sobre a inteligência emocional e a busca pela excelência no desempenho; por fim, a quarta seção apresenta o fechamento das discussões na seção de considerações finais, ao sugerir os principais pontos de aproximação entre o documentário em si e o campo da Administração e o papel do administrador. Desse modo, foi possível apresentar uma percepção sobre o filme e sua relação com o mundo dos negócios.

1. Quando deixou de ser só corrida

Aqui serão abordados os assuntos pertinentes ao início da carreira de Senna na Fórmula 1, em que se inicia a percepção do piloto sobre as relações sociais, políticas e de poder presentes no mundo da corrida. As relações sociais são ações em que dois ou mais indivíduos estão empenhados em agir através de uma conduta em que estes levam em conta o comportamento dos demais de maneira significativa (SANTOS, 2005). Através das relações sociais, surgem as relações de poder, que permeiam os relacionamentos humanos, sejam pessoais ou profissionais.

No meio profissional, o poder apresenta-se através das relações hierárquicas de subordinação e entre os pares. Pode-se dizer que o processo de dominação gerado pelo poder exercido entre os membros organizacionais foi apresentado primeiramente por Max Weber (1864-1920). A discussão proposta por Max Weber procurou descrever a base em que as organizações se assentam, dirigindo para um processo de autoridade e obediência (processo de dominação) dependentes de leis (MAXIMIANO, 2000). Ainda segundo Weber (1987), a dominação é a probabilidade de encontrar obediência dentro de um grupo, e a probabilidade de exercer o poder exige uma mínima vontade de obediência.

Conforme afirmou Morgan (2009), o uso do poder nas relações pessoais é o meio pelo qual os conflitos de interesses são resolvidos.

Segundo o autor, o poder influencia quem consegue o quê, quando e como. No filme em questão, as relações de poder ocorrem através das relações dos pilotos entre si, com os chefes das escuderias e com o presidente da FIA, Jean-Marie Balestre. Inicialmente, Ayrton Senna apresenta o desejo de apenas correr, quando o objetivo era somente pilotar e vencer. Ao iniciar como profissional na Fórmula 1, Senna percebe que jogos de poder e política faziam parte das relações entre os membros da Fórmula 1, deixando-o, de certa forma, incomodado, dado que os jogos de poder, sobretudo na relação de Prost com a alta cúpula da Fórmula 1, contrariavam seus valores morais.

O poder entre pilotos também é evidenciado através da relação entre Ayrton Senna e Alain Prost. Senna e Prost eram, à época, colegas na mesma escuderia; todavia, estavam em estágios diferentes de maturidade dentro da carreira de piloto da Fórmula 1. Senna era novato e era apenas uma promessa no esporte. Demonstrava certa imaturidade nas relações políticas e de poder existentes no meio esportivo. Por outro lado, Prost era o campeão mundial e possuía uma sólida carreira e, sobretudo era um bom entendedor dos jogos internos e da pressão do trabalho. Neste momento, pode-se dizer que emergiu então o primeiro grande conflito: quem seria a estrela da escuderia? E assim nasce a rivalidade entre Senna e Prost, rivalidade essa que perdurou até o último ano de vida de Senna. O filme mostra uma tentativa de aproximação entre os pilotos, contudo, ao longo do primeiro ano de Senna na Fórmula 1, as primeiras situações de conflitos começam, e os jogos de poder mostram-se presentes, chegando ao ponto de batidas entre os dois pilotos serem propositalmente provocadas em determinadas corridas. Ao longo dos anos seguintes, entre 1987 e 1988, os pilotos competem pelo título de campeão do mundo, e as relações de política interna começam a prevalecer.

Na visão do poder, a política, ocorre através do exercício da dominância das relações pessoais, em que um indivíduo dotado de competências de bom relacionamento e com uma ampla rede de contatos pode gerar influência sobre os demais, principalmente se questões políticas estiverem envolvidas. Este último, segundo Maximiano (2000), reflete os postos mais elevados de uma hierarquia, sendo a capacidade de atuar politicamente um fator-chave de sucesso para o gerente organizacional. Na visão de Morgan (2009), o político organizacional habilidoso cons-

trói e cultivava tais relações, incorporando a influência de todos que tenham importante presença no campo em que atua.

As relações de política e poder são apresentadas no filme através da passagem sobre o Grande Prêmio (GP) do Japão em 1989. Nesse episódio, o título mundial é atribuído a Prost, após uma longa decisão dos dirigentes da FIA, os quais reuniram-se junto com Prost a portas fechadas. Nessa passagem do documentário, Senna perdeu o título por causa de uma manobra irregular (um retorno feito após uma saída de pista), que culminou com a sua desclassificação da corrida, mesmo chegando em primeiro e garantindo o título do campeonato no total de pontos obtidos. Houve muitas controvérsias a respeito da decisão oficial, levando a questionamentos sobre a influência de Prost na decisão tomada. Ainda, Balestre surge como principal agente na tomada de decisão, apresentando sua autoridade formal enquanto dirigente de FIA. Após essa situação, Senna apresenta-se frustrado com o esporte e abre guerra declarada contra os representantes oficiais da FIA.

Nesse ponto da discussão, uma reflexão sobre as ideias de Morgan (2009) contribui para o entendimento dos fatos. A autoridade formal, considerada por Morgan (2009) como a primeira e mais clara relação de poder, é um poder legitimado, o qual é respeitado e conhecido por aqueles com quem se interage. Ainda, a autoridade formal embasa-se em três características: carisma, tradição e lei. Segundo Maximiano (2000), a tradição centra-se nos usos e costumes, passa de geração em geração e depende da crença nos hábitos. A característica carismática é focada nas qualidades pessoais de um líder e depende da admiração ou devoção dos seguidores nessas qualidades. E a última característica da autoridade formal é a legal, a qual é embasada em normas impessoais e racionais, em que se criam a figura de autoridade, direitos e obrigações.

A construção da autoridade formal surge no documentário através da figura de Jean-Marie Balestre, que se faz reconhecido por suas atitudes de poder legal. Após o ocorrido em 1989, Senna pediu melhorias e regras mais claras para o esporte. Um episódio que ilustra a autoridade formal decorreu de uma reunião coletiva entre pilotos e dirigentes em 1990. Senna solicitou que fossem substituídas as proteções fixas das pistas por pneus, evitando a capotagem do carro caso houvesse saída da pista. Diante da solicitação de Senna, Balestre apresenta-se de forma autoritária, afirmando a seguinte frase: “[...] a melhor decisão será a mi-

na, que é a decisão de perguntar a todos...”. Desta forma, pode-se dizer que se oculta um perfil autoritário ante a um perfil democrático. Em outro momento, Balestre utiliza de seu poder legal, alterando o lado da pole, retirando-a do lado limpo da pista, para o lado sujo, dificultando a saída de Senna.

Diante do apresentado no filme, mostram-se extremamente presentes as relações de poder e os jogos políticos que norteiam as organizações. Nesse caso, o foco é dado a uma organização do segmento esportivo. Motta e Vasconcelos (2002) colaboram com essa visão, afirmando que a organização são sistemas de jogos estruturados, que induzem a jogos de poder e de comportamentos. Os agentes envolvidos podem ou não colaborar para a realização desses jogos, mas, ao lutar por seus interesses sociais, os atores jogam, agindo “estrategicamente a partir das opções fornecidas pelo sistema” (MOTTA; VASCONCELOS, 2002, p. 364). E foi dentro deste contexto que a carreira de Ayrton Senna foi construída, trilhada e encerrada.

2. A competição interna

É importante destacar, para a presente discussão, outro relevante aspecto que está presente tanto no documentário quanto no dia a dia das organizações modernas: a existência dos conflitos entre os membros de uma equipe de trabalho gerada pela competição interna. Simon e March (1996) discutiram o tema dos conflitos e identificaram dois tipos principais de conflitos no ambiente organizacional. O primeiro tipo seria o intraindividual, que se origina em um problema decisório de um indivíduo que não tem uma alternativa aceitável, considerando seus próprios objetivos e percepções para resolvê-lo. Nesse tipo de conflito, a ideia principal é a dificuldade do indivíduo em chegar a uma conclusão sobre o problema. Em contrapartida, o segundo tipo de conflito organizacional surge em decorrência das divergências entre as escolhas que são feitas por diferentes indivíduos dentro da organização com o intuito de resolver um problema.

Em determinado momento, o documentário evidencia a competição interna entre Senna e Prost, ao apresentar claramente dois pontos. O primeiro ocorreu quando Senna percebeu que os engenheiros da equipe não estavam divulgando todas as informações que ele solicitava. Nesse caso, o foco era dado para Prost, o piloto mais experiente. O se-

gundo ponto aconteceu quando Senna percebeu o direcionamento que era dado pelas escuderias para facilitar a “escolha” dos campeões. Em um dado momento, foi solicitado para que deixasse Prost passar e tomar sua posição durante a corrida, a fim de somar mais pontos.

Segundo afirma Rondeau (1996), as principais características de um conflito são a interdependência, a incompatibilidade e a interação. Pode-se dizer que o conflito existe quando uma parte (indivíduo ou grupo) percebe o outro como um obstáculo à satisfação de suas preocupações, o que nele irá provocar então sentimento de frustração. E tal frustração poderá levá-lo a reagir diante da situação (RONDEAU, 1996). Nesse caso, organizando uma análise comparativa entre as ideias de Rondeau (1996) sob a perspectiva do documentário, Prost via Senna como um obstáculo para conquistar seus anseios. Isso porque claramente Senna era talentoso nas pistas, em corridas sob bom tempo, mas, sobretudo, em corridas sob chuva. Pode-se afirmar também que as consequências dos conflitos no contexto das organizações modernas são igualmente relevantes para os resultados finais desejados pelo time ou organização. Nas organizações, os desdobramentos da competição interna resultam, em última análise, em queda de produtividade e no afastamento das metas estabelecidas. Já no caso do documentário, a consequência principal foi a saída de Senna para outra equipe da Fórmula 1.

Outra importante discussão para o presente trabalho está relacionada com os temas da liderança e seus reflexos nas relações entre os indivíduos. Rowe (2002) discutiu os conceitos atuais de liderança e definiu a liderança estratégica como a habilidade de influenciar outras pessoas a tomar, de forma voluntária e rotineira, decisões que aumentem a viabilidade em longo prazo da organização, ao mesmo tempo em que mantém a estabilidade financeira em curto prazo. Tal definição é diferente da feita por Hitt e Ireland (2001), que incluem o conceito de tomada de decisões voluntárias e concentram-se tanto no presente quanto no futuro. No sentido de relacionar as implicações das definições supracitadas com o documentário, algumas passagens do filme precisam ser discutidas. Em dado momento do filme, Senna exerce o papel de líder dos demais pilotos, ao sugerir melhorias em segurança nas corridas. Após Senna tomar a iniciativa diante dos demais, outros pilotos também se sentem a vontade para opinar. Dessa forma, a atitude de Senna não só influenciou os colegas de profissão como também evidenciou sua visão

sistêmica ao pensar no bem-estar dos demais. Portanto, pode-se afirmar que tais pontos remetem a características típicas de um líder.

3. Competindo para ganhar

A competição é um dos pontos principais na vida de Ayrton Senna e esteve presente desde sua infância, nas corridas de kart que disputava. É possível verificar, no filme, que seu objetivo principal era competir e sempre vencer. No entanto, não somente no esporte é possível competir, como também no mercado de trabalho. Seja na busca de diferenciais entre os concorrentes, nas equipes que buscam ser melhores entre si, nas pessoas que buscam os melhores cargos e melhor destaque no mercado.

Pode-se dizer que tanto a empresa quanto o mercado fazem parte da atividade econômica. Todavia, muitas vezes a competição é tomada somente enquanto estrutura de mercado, em que apenas a dimensão externa das forças entre compradores e vendedores é levada em consideração, enquanto as ações e decisões da firma (por meio de seus gestores) não são contempladas (DOMENICO; TEIXEIRA, 2006, p. 4). Na verdade, a competição pode ser considerada não somente em termos de recursos, mas também em termos de interesses dos públicos que impactam ou são impactados pelas ações organizacionais (DOMENICO; TEIXEIRA, 2006, p. 4). Ainda, os autores afirmam que, dessa forma, podemos ampliar nosso campo de visão ao colocarmos que não somente as empresas competem por clientes, mas também pelos diferentes públicos de interesse que interferem de algum modo em seus objetivos.

Ao fazer a relação com o filme, pode-se dizer que Senna competiu para ter o melhor lugar, ser o melhor piloto. Senna tinha um desempenho elevado, diferente dos outros pilotos, e tinha que provar nas pistas sua capacidade de vencer e enfrentar os desafios. Cada decisão tomada tinha que ser feita rapidamente. E como se já não bastasse, Senna teve que aprender a lidar com questões pessoais e de relacionamento. Quando entrou na McLaren, em 1988, teve que enfrentar os desafios da competição interna, com o companheiro de equipe Alain Prost, como já discutido anteriormente.

Dentro dessa perspectiva, pode-se perceber a importância das relações interpessoais e dos valores que Senna trazia com ele. Para Domenico e Teixeira (2006), os valores humanos básicos vão influenciar,

por transcenderem as situações, os diversos campos específicos da vida, assim como o trabalho, a família e, por que não, a forma de competir. Tanto os diversos grupos que existem na sociedade e que interagem para a obtenção de seus objetivos como os indivíduos, cujos valores também foram esculpidos nessa cultura, apresentam valores relativos à competição.

Ayrton Senna tinha valores e crenças que o diferenciavam dos demais pilotos. Possuía uma família que o acompanhava desde o início de sua carreira e o apoiava em suas escolhas e decisões. Quando fazia algo que não estava alinhado com seus valores, entrava em conflito interno. Um exemplo disso foi sua vitória 1989, após ter provocado o acidente com Alain Prost e ser punido pelos dirigentes da prova, fato que acabou retirando o título mundial do piloto naquele ano. No filme é possível visualizar que Senna, ficou com um elevado sentimento de culpa e desconforto, após o acidente.

A competição pode ser vista como ato de competir; é provável que existam diferentes hierarquias de valores relativos à competição para diferentes sociedades capitalistas. Portanto, os valores relativos à competição, sejam individuais ou compartilhados, devem sofrer uma influência da sociedade, que é detentora de diferentes heranças culturais, com as quais as organizações e as pessoas convivem (DOMENICO; TEIXEIRA, 2006, p. 7).

Além da competição, outro aspecto importante a ser destacado são as relações interpessoais e como Senna lidava com as mesmas. Segundo Lima e Zoschke (2007), as relações podem ser chamadas de internas, quando se trata de relações com pessoas da mesma organização (por exemplo, do patrão com seus empregados), ou de externas, quando se trata das relações de um ou mais membros de uma organização com pessoas externas a esta (por exemplo, as relações de um dirigente com fornecedores, clientes e gerentes do banco que lhe presta serviço).

Ayrton buscava a perfeição com a sua equipe de mecânicos e engenheiros, para ter o melhor carro, e a sua relação com a equipe era excelente. No entanto, com a equipe de Alain Prost, o clima era tenso, já que os engenheiros não compartilhavam informações, pois, como vimos, havia uma disputa interna entre os dois pilotos.

Dentro dessa perspectiva, os sistemas humanos e sociais tendem a mudar sua lógica interna de comportamento a fim de manter intera-

ções com seu contexto que sejam favoráveis à sua existência e ao seu desenvolvimento. Assim, tais sistemas apresentam a propriedade de aprendizagem, seja ela muito ou pouco desenvolvida, consciente ou não. Há um consenso entre os teóricos da Administração segundo o qual é fundamental que uma organização apresente compatibilidade entre sua condição interna e seu contexto para continuar a existir e para poder se desenvolver no longo prazo (LIMA; ZOSCHKE, 2007, p. 153).

Contudo, pode-se dizer que, independentemente da competição, seja no esporte ou nas organizações, as relações interpessoais são importantes para que haja um equilíbrio entre o desenvolvimento pessoal e organizacional.

Considerações finais

Este trabalho discutiu o documentário *Senna*, lançado em novembro de 2010, sobre a trajetória de Ayrton Senna na Fórmula 1, dentro da perspectiva de Administração e do administrador. As reflexões aqui realizadas buscaram identificar no documentário alguns elementos que também estão existentes na literatura sobre temas relevantes no campo da Administração e para o cotidiano do administrador, como, por exemplo, relações de poder, políticas internas, trabalho em equipe, gestão de conflitos, liderança, inteligência emocional e a competitividade.

Para conduzir a discussão proposta, foram trabalhados três tópicos centrais. O primeiro foi “Quando deixou de ser só corrida”, que discutiu questões relacionadas às mudanças percebidas após o ingresso de Senna no mundo profissional das corridas e as relações de poder. O tópico “A competição interna” debateu questões de liderança e as relações interpessoais entre os pilotos. E por fim, “Competindo para ganhar” debateu as relações interpessoais, a importância da inteligência emocional e a busca pela perfeição.

As principais considerações delineadas após as reflexões propostas permitem afirmar que o documentário *Senna* fornece uma série de relevantes elementos de reflexão que estão presentes no contexto das organizações modernas. Tais reflexões expuseram, sobretudo, a complexidade que envolve as relações interpessoais, reafirmando, assim, o papel do administrador para compreendê-las e gerenciá-las no cotidiano das nossas organizações.

Referências bibliográficas

DOMENICO, S. M. R. de; TEIXEIRA M. L. M. **Valores Relativos à Competição**: tentativa de proposta de um construto. Artigo apresentado no IV EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais. Porto Alegre, 4 a 6/jun. 2006.

HITT, M. A.; IRELAND, R. D.; HOSKISSON, R. E. **Strategic management**: competitiveness and globalization. 4. ed. Cincinnati: South-Western College Publishing Company, 2001. Cap. 1.

LIMA, E. O.; ZOSCHKE, A. C. K. Relações dos Dirigentes e Gestão Estratégica de Pequenas e Médias Empresas. **RAI** – Revista de Administração e Inovação, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 150-164, 2007.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MOTTA, F. C. P.; VASCONCELOS, I. F. G. **Teoria geral da administração**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

RONDEAU, A. A gestão dos conflitos nas organizações. In: CHANLAT, Jean F. **O indivíduo na organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

ROWE, G. W. Liderança estratégica e criação de valor. Fórum AME de Estratégia e Liderança. **RAE** – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 42, n. 1, jan./mar. 2002.

SANTOS, E. R. **Sociologia**: textos e contextos. Coordenação de Ottmar Teske. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2005.

SIMON, H.; MARCH, J. G. **Teoria das organizações**. Rio de Janeiro: FGV, 1966.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

6. ENTRE OS MUROS DA ESCOLA

Ficha técnica

Título original: *Entre Les Murs*

Título da tradução brasileira: *Entre os muros da escola*

Ano: 2008

País: França

Diretor: Laurent Cantet

Ator principal: François Bégaudeau, que vive a personagem François Marin, é também autor do livro que originou o filme.

Duração do filme: 128 minutos

Sinopse do filme

François Marin trabalha como professor de francês em uma escola de Ensino Médio localizada na periferia de Paris. Contrariamente aos outros docentes da escola, ele acredita no potencial de aprendizagem dos seus alunos, mas nem sempre é bem-sucedido ao tentar concretizar o que racionalmente acredita ser o certo. O filme aborda as múltiplas relações que ocorrem na escola, especialmente na sala de aula: as relações entre alunos e professor, alunos e alunos, professor e professores, professor e pais e alunos e pais. A falta de motivação do corpo docente, o pouco apoio institucional e a diversidade entre os alunos filhos de imigrantes são temas abordados neste filme (resumo baseado no *link* <<http://www.adorocinema.com>>).

***Entre os muros da escola:* reflexões a partir da Psicologia e da Educação**

Andrea Rapoport
Patrícia Beatriz de Macedo Vianna
Ana Cristina da Silva Rodrigues
Michele dos Santos Ferreira
Lucia Maria Porcello Scholl Viva

Introdução

A proposta do presente artigo é elencar alguns pontos de reflexão sobre o filme *Entre os muros da escola*, que é baseado no livro¹⁴ de mesmo título e de autoria de François Bégaudeau, também ator principal do filme (François Marin). Interessante, e já previsível, é o fato de que cada vez que assistimos ao filme novos aspectos foram notados e também a análise do mesmo vai se transformando por causa da riqueza que esta obra apresenta. O mesmo acontece ao propor-se um debate que passa diferentes áreas de formação e teorias que embasam a reflexão, quando percebemos que o mesmo objeto de estudo tem múltiplos olhares, podendo-se abordá-lo de forma multidisciplinar e complementar, incluindo temáticas com características de transversalidade.

François Marin trabalha como professor de francês em uma escola de Ensino Médio localizada na periferia de Paris. Ele, diferentemente dos outros docentes da escola, parece acreditar no potencial de aprendizagem de seus alunos. Apesar de sua boa intenção, François nem sempre é bem-sucedido. Podemos levantar algumas possíveis explicações para isso, como a falta de preparo para trabalhar com adolescentes, a dificuldade de romper com alguns paradigmas do modelo de educação tradicional (empirista), a influência da falta de motivação e preconceitos dos outros professores, o pouco apoio institucional e também os desafios para lidar com a diversidade entre os alunos, filhos de imigrantes.

Adolescentes em crise ou crise com os adolescentes?

14 Publicado pela Editora Martins Fontes.

Inicialmente, ao considerar a idade dos alunos desta turma, que têm aproximadamente 13-14 anos, eles estão passando pelo processo inicial da adolescência e vivenciando conflitos inerentes a esta faixa etária. Conforme Knobel e Aberastury (1981), neste período, os adolescentes estão passando pela chamada “Síndrome normal da adolescência”, que tem como características: a) busca de si mesmo e da identidade; b) tendência grupal; c) necessidade de fantasiar e intelectualizar; d) crises religiosas; e) deslocalização temporal; f) evolução sexual manifesta; g) atitude social reivindicatória; h) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta; i) separação progressiva dos pais; j) constantes flutuações do humor.

Dessa forma, é esperado que esta seja uma fase difícil, na qual os educadores devem estar preparados para lidar com as características inerentes aos conflitos vividos por seus alunos. Os professores, inclusive François, parecem não se dar conta de que a forma típica e provocadora de se vestirem, assuntos ligados à sexualidade, atitudes reivindicatórias, humor oscilante, falta de interesse por assuntos que não respondem aos seus anseios e não tenham significado fazem parte do trabalho com alunos adolescentes. Um dos exemplos é a situação em que um aluno pergunta para François se ele é homossexual, causando impacto e surpresa no professor, mas, em vez de apenas uma resposta negando o fato, ele poderia aproveitar para conversar e problematizar sobre o assunto, assim como em outros momentos em que apareceu o interesse pelo tema sexualidade.

A turma retratada no filme é vista como indisciplinada, os alunos vivem estigmatizados pela sua origem familiar e cultural, são vistos como fracos intelectualmente e muitos deles provavelmente destinados ao fracasso e à evasão escolar. Lecionar para uma turma de adolescentes, assim como para qualquer outra etapa de ensino, deve ser uma escolha que envolva interesse e motivação docente, assim como conhecimento não apenas dos conteúdos, mas também das características de cada fase do desenvolvimento. Caso contrário, pode tornar-se um fardo pesado para se carregar.

A primeira “lição” para quem trabalha com adolescentes é não tomar para o lado pessoal qualquer tipo de afronta vinda de um aluno. Responder a uma provocação no mesmo tom só faz você perder o respeito e a admiração do grupo, o que dificulta o trabalho em classe.

Além disso, ao perceber que tirou o professor do sério, o jovem se sente vitorioso e estimulado a repetir a dose (CAVALCANTE, 2004, p. 47).

A relação professor-aluno atravessada pelo inconsciente

François enfrentou situações em que não conseguiu manter a tranquilidade e a postura profissional, sentindo-se, conforme referido acima por Cavalcante, atacado de forma pessoal, o que provocou uma reação impulsiva e baseada na emoção, e não na razão. O comportamento de François poderia ser analisado a partir da Psicanálise, buscando-se compreender que existem motivos inconscientes que movem as nossas ações. Kupfer (1997) destaca que, para Freud, a Educação exerce poder através da palavra, a palavra é reveladora, a palavra escapa ao controle de quem fala por causa do poder do inconsciente. Dentre as várias manifestações do inconsciente interferindo na relação pedagógica, aqui se destaca o exemplo de uma aluna em especial.

A atitude da aluna Esmeralda, que desde o início do filme tem uma postura mais crítica e provocadora, pode caracterizar-se como uma transferência em relação a François. Ou seja, ao professor podem ser direcionadas marcas de experiências vividas com seus pais, algo que pertence ao aluno e que se reproduz diante de outra pessoa que representa uma figura de autoridade. “O aluno pode, na relação com o professor, reviver sentimentos hostis, e ficar impedido de reconhecer a autoridade do professor para ensinar” (AMARAL, 2010, p. 79). Da mesma maneira, François parece ter uma especial dificuldade para lidar com Esmeralda, respondendo aos seus “ataques” de forma confusa e incoerente porque provavelmente ela também desperta nele sentimentos inconscientes que interferem na relação.

Apatia docente

Uma das primeiras falas do filme é de um docente que diz, na sala dos professores: “Desejo aos novatos muita coragem”. Esta afirmação reflete muito do contexto que será discutido acerca da forma como o comportamento dos alunos é visto, bem como de que maneira ocorrem as ações e interações dentro desta escola.

Apesar de o foco principal do filme ser o ano letivo da turma do professor François, a análise não pode deixar de considerar que na escola os professores parecem profissionais desmotivados, desiludidos com a Educação e presos a preconceitos em relação aos alunos e suas famílias. Isso pode ser observado já no primeiro dia de aula, quando um professor lista o nome dos alunos e indica, *a priori*, “bonzinho, nada bonzinho”. Tal comportamento geralmente influencia o professor que não conhece o aluno e, a partir dessas impressões, direciona suas ações. Além disso, nas reuniões de professores e nos momentos de intervalo, ao se proporem temas importantes para discussão, estes acabam desviando-se para conversas sobre banalidades. Um exemplo refere-se a uma reunião de professores quando foi discutida a criação de um sistema de pontos para penalizar atos de indisciplina dos alunos. Uma professora questiona se o elogio não seria mais produtivo do que a punição, já que esta não estava mostrando-se eficaz. Ao mesmo tempo, François refere que as regras são muito rígidas, não permitindo flexibilidade. Sem aprofundar o debate, passa-se a pauta para o aumento do custo do cafezinho.

Estariam os professores fugindo de um espaço de discussão produtivo e perpetuando um sistema educacional excludente? Não será esta também a realidade de muitas de nossas escolas públicas? Cabe questionar, ainda: são esses alunos incapazes e indisciplinados ou existem outros fatores influenciando o quadro descrito no filme? Esses fatores envolvem desde a pessoa de cada professor até o sistema educacional no qual estão inseridos, frágil e até incompetente para desempenhar a sua função educacional. Inclui-se aqui o contexto político, econômico e cultural no qual a escola está inserida, bem como todos que nela atuam, incluindo professores, supervisores, diretor, entre outros.

Observa-se um descrédito no processo educacional e na possibilidade de aprendizagem dos alunos, colocando os professores em uma posição passiva e cômoda, porque nada podem fazer para seus alunos aprenderem e, de forma similar, alguns alunos também assumem uma postura passiva ao cumprirem o estigma a eles atribuído. Temos, assim, a convivência de diferentes concepções epistemológicas dos professores e da instituição de ensino como um todo. Por um lado, um modelo apriorista (inatista) e, por outro, os professores aparecem como figuras autoritárias e detentoras de poder e de saber, possivelmente uma conduta defensiva que reflete o fato de não saberem lidar com o que conside-

ram indisciplina. Essa postura cômoda conduz à projeção da responsabilidade do possível fracasso nos alunos e em suas famílias.

Conforme dito anteriormente, o comportamento de François é diferente do de vários professores desta escola, mas marcado por uma sequência de contradições. Inicialmente, quando o professor de História sugere um trabalho multidisciplinar com a disciplina de Francês através da leitura de um livro em comum, as indicações são consideradas difíceis para o nível dos alunos. Nessa linha, François duvida que a aluna Esmeralda tenha lido o livro *A República* (clássico de Platão), por considerar que seria uma escolha inusitada e complexa para ela. A sua atitude é de pedir que ela fale sobre o livro para comprovar a veracidade de sua afirmação, e não para compartilhar com os colegas a importância da escolha de leituras que sejam do interesse deles, independentemente de ser uma cobrança escolar.

François tenta estabelecer uma relação de troca e construção dos conhecimentos em suas aulas. São mostradas várias situações nas quais ele faz perguntas para os alunos sobre suas dúvidas, opiniões e exemplos. Mas outra situação ocorre quando ele é questionado sobre o significado dos conteúdos que estão estudando na disciplina e não percebe que não considerou quem são seus alunos, quais são os seus interesses, o que lhes é significativo. Isso pode ser observado quando perguntam o porquê de estudarem determinados tempos verbais que as pessoas não costumam usar em seu cotidiano, segundo os alunos, linguagem de burguês. Esta colocação parece pertinente para um grupo de alunos imigrantes ou filhos de imigrantes que ainda estão aprendendo a comunicar-se. Ou ainda, por que os nomes utilizados nos exemplos das frases do professor não consideram a origem multicultural dos alunos? “A escola tem que acolher as sugestões dos estudantes, analisá-las e ver se são viáveis. Assim, eles se sentem considerados e respeitados” (BOS-SA *apud* CAVALCANTE, 2004, p. 47). É fundamental que a escola procure relacionar os temas do currículo com o cotidiano, as necessidades e motivações dos alunos.

De fato, cabe ao professor estabelecer um vínculo com os alunos, motivá-los, tornar-se referência, incentivando o aprendizado. Há que se enxergar o contexto social no qual estão inseridos os estudantes, como eles se relacionam com o conhecimento e com a construção de novos conhecimentos. Há que se investir no conhecimento prévio desses alunos, no que eles sabem e podem oferecer [...] (LEVY, 2009, p. 37).

Os alunos desta turma são questionadores e não indisciplinados; críticos diante de imposições que não lhes fazem sentido. Em parte, isso pode ser característica da própria fase da adolescência, em que manifestam atitudes sociais reivindicatórias e lutam por um espaço de construção da identidade, muitas vezes ocorrendo pela oposição às figuras de autoridade que representam a dependência dos pais da infância (ABERASTURY; KNOBEL, 1981). Mas os conflitos não se dão apenas em relação aos professores, aparecem dentro do próprio grupo, conforme destaca Levy (2009, p. 36) “diferenças de origem, nacionalidade, religião e outros pontos de vista se evidenciam através dos comportamentos, atitudes e acaloradas discussões”. Que bom seria se tivéssemos alunos assim em nossas salas de aula em vez de alunos que simplesmente se preocupam com a nota e que decoram ou colam os conteúdos, não conseguindo posicionar-se em relação aos mesmos.

Nesse caminho de avanços e de retrocessos, merece destaque a atividade em que François solicita a produção textual de um autorretrato. A partir da leitura do livro sobre Anne Frank, solicita que os alunos escrevam sobre si, como são e do que gostam. Naturalmente não foi uma atividade livre de polêmica, pois já no início dizem que suas vidas são pouco interessantes ou que têm vergonha de falar sobre a sua intimidade. Nessa proposta, o docente valoriza a história de cada um e revela flexibilidade ao possibilitar que o aluno Souleymane (posteriormente expulso), com dificuldade de se expressar de forma escrita, faça-o através de fotografias e depois coloque legendas, expondo o trabalho para os colegas verem. Entretanto, durante a realização da atividade, novamente François revela a contradição que atravessa sua trajetória com esta turma, entre o seu discurso racional e as manifestações inconscientes. Repete-se a situação em que ele duvida da aluna Esmeralda quando ela e uma colega dizem que fazem passeios nas Galerias Laffaiete. Esta é uma demonstração do quanto é difícil romper com paradigmas vividos por muito tempo enquanto aluno e educador e também do quanto somos suscetíveis aos preconceitos e estereótipos impostos em nossa cultura, além de reforçar a dificuldade de François de lidar de forma específica com Esmeralda. Isso também acontece com outros professores nas diferentes instituições de ensino, que, por mais que se digam imparciais e que tratam a todos os alunos de forma semelhante, não estão livres da ação de seu inconsciente e de dificuldades na tomada de decisões e realização de escolhas.

Perrenoud (2001, p. 12) discute o profissionalismo de um professor indicando que este envolve não somente o

[...] domínio de conhecimentos profissionais diversos (conhecimentos ensinados, modos de análise das situações, conhecimentos relativos aos procedimentos de ensino, etc.), mas também por esquemas de percepção, de análise, de decisão, de planejamento, de avaliação e outros, que lhe permitam mobilizar os seus conhecimentos em uma determinada situação.

A competência do professor estaria, segundo Perrenoud (2001), na sua capacidade de nortear suas ações eficazmente, apoiadas em conhecimentos, mas sem se limitar a eles. O profissional deve saber analisar e explicitar sua prática, tomando assim consciência de suas ações e permitindo uma lucidez profissional.

Cabe analisar ainda o conselho de classe realizado nesta escola, que conta com a participação de docentes, direção e alunas representantes. Esse momento deveria ser uma oportunidade de troca, buscando-se conhecer o aluno como um todo e refletir sobre possíveis intervenções para auxiliá-los no processo de aprendizagem. Em vez disso, repete-se a desmotivação docente e a manutenção dos estereótipos em relação aos alunos, rotulando-os como aptos ou não aptos, com elogio ou sem elogio. A preocupação parece ser maior com a indisciplina do que com os avanços e possibilidades de cada aluno, conforme destacou Esmeralda, que posteriormente relatou aos colegas o que aconteceu. Este evento teve um significativo reflexo na sala de aula e na culminância do ano letivo. Após as alunas comentarem sobre o conselho, François as repreendeu, o que desencadeou uma discussão, que terminou com ele dizendo que elas estavam se comportando como vagabundas. Diante desse fato, os demais alunos se pronunciaram e um deles, ao defendê-las, acaba sendo expulso da aula e acidentalmente machucando uma colega. Com isso o aluno foi levado à sala do diretor, o professor preencheu um relatório no qual omitiu sua atitude desrespeitosa e alguns fatos ocorreram até que o conselho disciplinar decidiu pela expulsão do aluno. Ou seja, impunidade do professor e a necessidade da escola de afirmar sua autoridade de forma autoritária.

Há exigências e responsabilidades próprias da docência com conseqüências muito importantes. Conforme nos coloca Charlot, ser professor é defrontar-se

[...] incessantemente com a necessidade de decidir imediatamente no dia a dia da sala de aula. Uma coisa está acontecendo na sala de aula e o professor tem que decidir sem ter tempo suficiente para refletir. E depois de decidir com urgência, ele tem que assumir as consequências da decisão dos seus atos (2006, p. 91).

Como é difícil ser desafiado, ser questionado em suas atitudes? Com certeza esta atitude não pode ser vista apenas por um ângulo, o de considerar as alunas vítimas e o professor culpado. Mas será que outra pessoa não julgaria de forma contrária, isentando François da sua responsabilidade? De certa forma, foi isso o que ocorreu no filme, um aluno expulso e a vida continua, como se nada fosse mudar, demonstrado na cena final, em que o professor e os alunos jogam futebol no pátio da escola. Mas como François poderia ter lidado com essa situação no momento em que aconteceu? E posteriormente, já com a possibilidade de retomar a verdade dos fatos e assumir suas atitudes? A reflexão é fundamental para que ocorra a mudança, assim como a humildade em assumir os erros e modificar posturas.

Considerações finais

O filme apresenta várias inquietações para aquele docente que deseja refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem, as dificuldades inerentes ao contexto escolar, às relações interpessoais na escola, a faixa etária e características dos alunos e também quanto a si mesmo enquanto pessoa que escolheu a docência para atuação profissional.

A presente análise foi abrangente, mas não suficiente para esgotar os pontos a serem abordados a partir deste filme, colocando-se ainda a possibilidade de discutir as relações com a família, o contexto multicultural da escola e do país, aspectos curriculares e didáticos, ética, entre outros. Fica o convite para que se derrubem os muros das escolas e se possa olhar para fora e para dentro delas buscando-se a superação das dicotomias e a melhoria da qualidade da Educação.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal:** um Enfoque Psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

AMARAL, Andréa Baggio. Psicologia da aprendizagem: um olhar diferenciado para a relação professor-aluno. **Revista Conteúdo**, Capivari, SP, v. 1, n. 3, p. 70-102, jan./jul. 2010.

CAVALCANTE, Meire. Adolescentes – Entender a cabeça dessa turma é a chave para obter um bom aprendizado. **Revista Nova Escola**, São Paulo, p. 46-49, set. 2004.

CHARLOT, Bernard. Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional. In:

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese**

e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2006, p 89-108.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1997.

LEVY, Denise Sahyun. Entre os muros da escola: um olhar sobre a sala de aula na França e no mundo. **Direcional Educador**, São Paulo, n. 55, p. 36-37, ago. 2009.

PERRENOUD, Philippe; MARGUERITE, Altet; ÉVELINE, Charlier. Formando professores profissionais: três conjuntos de questões. In: PAQUAY, Léopold. **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

PIMENTA, Selma; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2006.

7. O PODER E A LEI

Ficha técnica

Título original: *The Lincoln Lawyer*

Título da tradução brasileira: *O Poder e a Lei*

Ano: 2011

País: Estados Unidos

Diretor: Brad Furman

Atores principais: Matthew McConaughey, Ryan Phillippe, Marisa Tomei, William H. Macy, Josh Lucas, John Leguizamo, Michaela Conlin

Duração do filme: 108 minutos

Sinopse do filme

Michael Haller (Matthew McConaughey) é um advogado que roda pela cidade farejando novas oportunidades de ganhar dinheiro. Seu objetivo são serviços nos quais o dinheiro seja garantido. Seus clientes são motoqueiros, prostitutas, traficantes etc. Até o dia em que se depara com o caso que promete mudar sua vida. Ele terá que defender o jovem *playboy* Louis Roulet (Ryan Phillippe), detido por agressão e tentativa de estupro. Rapidamente, o caso mais fácil e rentável de sua carreira acaba jogando Michael em uma assustadora situação, em que a tensão aumenta a cada segundo e a verdade se afasta a cada novo passo (resumo baseado no *link* <<http://www.cinefis.com.br>>).

Temáticas abordadas no filme: Direito – justiça – ética

O poder, a lei e a crise ética de nossos dias...

Ângela Kretschmann
Guilherme de Oliveira Feldens
Marcelo Almeida Sant'Anna
Roberta Magalhães Gubert

Introdução

A metodologia Direito e cinema se insere em uma metodologia mais ampla, do Direito e Literatura, que nos EUA e na Europa já recebe contornos de atividade acadêmica regular e que já faz parte do currículo oficial dos cursos de Direito de diversas universidades. Essa tradição, já centenária,¹⁵ muito tem a contribuir na compreensão do fenômeno jurídico, tanto na discussão dos temas jurídicos na perspectiva do *Direito na Literatura* (ou, por que não, do *Direito no cinema*) como também na perspectiva do *Direito como literatura*, na qual investigamos em que medida podemos melhor compreender – enquanto narrativa que é – a questão da linguagem no Direito.¹⁶

1. Velhos clichês que ainda surpreendem

O filme *O Poder e a Lei* (*The Lincoln Lawyer*, EUA, 2011) pode ser visto como mais uma obra cinematográfica inserida na temática dos chamados “filmes de tribunal”. Nela, o advogado Michael Haller roda pela cidade com seu Lincoln preto (conforme o título original em inglês) procurando casos que resultem em dinheiro fácil. A personagem, apresentada ao espectador como um sujeito charmoso e durão, segue um “código de ética” próprio: por um lado, afirma estar ajudando os excluídos e desfavorecidos, mas, por outro, atende “seus clientes” no banco traseiro de seu carro em troca de muito dinheiro e favorecimentos. Haller é questionado pelos seus colegas de profissão (inclusive sua ex-mulher) sobre suas atitudes e sua imagem, mas tudo que parece mover a personagem é

15 Tudo se inicia com John Wigmore (1908, p. 574-596). Também importante destacar o ensaio de Benjamin Cardozo (1925, p. 699-706).

16 Para uma introdução mais aprofundada, ver Andre Karam Trindade e Roberta Magalhães Gubert (2008, p. 11-68).

o benefício próprio. Seu cotidiano muda radicalmente quando é procurado para fazer a defesa de um jovem rico e poderoso que afirma ter sido acusado injustamente de agressão e tentativa de estupro.

A discussão sobre a obra em destaque pode iniciar com a análise de seu curioso título original: *The Lincoln Lawyer*.¹⁷ Lincoln é um nome com relevante carga significativa para a cultura norte-americana e no filme pode ser analisado em dois sentidos. Por um lado, Lincoln foi o mais importante presidente dos Estados Unidos, chamado por muitos de verdadeiro pai da nação ao conseguir o que nem mesmo os pais fundadores (que redigiram a Carta de Independência e a Constituição) alcançaram, ou seja, unificar os Estados-membros – divididos pelo tema da escravidão – e pacificar o país após a Guerra de Secessão (1861-1865). Por outro lado, Lincoln é o nome da divisão de luxo dos carros produzidos pela Ford Motors. A limusine Lincoln, durante todo o século XX, simbolizou o poder e a opulência econômica norte-americana e foi o carro oficial dos presidentes daquele período.¹⁸

Entretanto, o Lincoln usado pela personagem central apresenta outros contornos, não é um carro novo, último modelo; pelo contrário, é um carro antigo, que busca expressar uma história, uma extensão da própria personalidade do advogado, um pouco malandro, dirigido por um motorista peculiar. O cenário não é mais o da abundância e da supremacia norte-americana do século XX, mas sim o de uma nova conjuntura, mais decadente, mais conflituosa.

Ou seja, além da típica trama de “história policial”, pode-se visualizar, em muitos detalhes do filme, a completa crise moral do mundo atual, registrada no cinismo de uma razão instrumental regida pela cultura do lucro e do consumo, que nos direciona ao mais profundo individualismo. As atitudes da personagem, que inventa despesas, pagamentos de perícias, contratação de outros profissionais, invade a privacidade das pessoas para levar vantagem profissional e financeira, expõe o individualismo marcante da pós-modernidade¹⁹ e os caminhos (muitas vezes) injustos dos tribunais.

17 Tradução livre: *O advogado Lincoln*.

18 Disponível em: <<http://www.lincoln.com>>. Acesso em: 15/5/2012.

19 E ao fazer tal afirmativa, desde já, nos posicionamos frente ao debate científico atual (2001; 1999; 2004; 2005).

A obra merece elogios na construção de sua narrativa, que não cai no maniqueísmo da ideia do bem perfeito e exato contra o mal, do mocinho contra o bandido, do homem justo combatendo a injustiça. Evidente que o filme não está imune aos clichês, mas, no contexto geral, o espectador experimenta a todo momento reviravoltas, sentimentos contraditórios, tonalidades de cinza. O filme, como metáfora do processo penal, mostra que a construção da verdade se dá pela aproximação das verdades possíveis, pelas versões de verdades contadas, confrontadas pelas provas colhidas, que são sempre intermediadas, pela testemunha, pelos documentos, pela perícia (ainda calcada no paradigma cientificista de certeza absoluta do século XX). Ou seja, a verdade é construída e não possui sentido unívoco e imutável.

2. As personagens e seus papéis no sistema

A personagem central apresenta a figura do advogado como uma profissão qualquer, movida pela ambição e pelo lucro ilimitado. A imagem do advogado como “indispensável à administração da justiça”²⁰ ou, como diria Voltaire, “a mais bela das profissões”, parece aqui não existir. Basta ter amplo conhecimento das leis, da jurisprudência e, nas palavras da personagem, dos “caminhos do sistema” para que seja “acatado” e “reconhecido”.

O réu também é uma figura interessante, inicialmente uma figura angelical, o rapaz bonito, que aparenta um medo sincero de estar na cadeia, um lugar violento, perigoso e desconhecido. Sua versão para os fatos parece convincente e causa estranhamento ao advogado, já cínico e descrente diante dos longos anos de prática e questiona-se: um réu inocente? Como se a condição de réu fosse incompatível com a inocência. Mas a narrativa se desenvolve e a primeira versão da verdade desmorona, o réu recebe outros contornos. Esbarra talvez num dos maiores clichês.

O assassino é perverso, sádico, dissimulado. Não teve a figura paterna na criação e foi testemunha de violento estupro da mãe. O réu estupra, tortura, mata com prazer e depois elabora um intrincado plano

20 A Constituição Federal, em seu art. 133, determina: “O advogado é indispensável à Administração da justiça, sendo inviolável por seus atos e manifestações no exercício da profissão, nos limites da lei”. Este pensamento é repetido no Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil, dispondo que o exercício da advocacia manifesta a prestação de um serviço público e o desempenho de uma função social.

para livrar-se de qualquer punição. Não sente remorso ou culpa, intelectualiza tudo de forma inteligente para que possa permanecer livre, uma vez que não reconhece a existência de limites para o que deseja fazer. Não tem empatia por qualquer de suas vítimas (dentre elas o rapaz que cumpre pena em seu lugar e o próprio advogado, que passa a chanta-gear). Interessante destacar uma frase do filme, dita pelo advogado no momento de desespero em que se percebe vítima indefesa, preso a uma teia de perversidade: “Antes tinha medo de não reconhecer a inocência, hoje tenho medo do mal, do mal puro”.

Por fim, cumpre destacar que mesmo os EUA, país com a maior massa carcerária do mundo, fruto de um sistema criminal bastante autoritário, também parece não ter ultrapassado a perversa seletividade do Direito Penal e das condutas que receberão a persecução e a sanção estatal. O filme, que aparenta ter a intenção de trazer uma visão realista do cotidiano do foro criminal, mostra que os clientes usuais permanecem os mesmos: negros, latinos, pobres e prostitutas; e que a condição econômica do réu será sempre um fator determinante na condução do processo e na obtenção de um resultado mais favorável (mais brando).

Essa imagem é contrastante com os valores liberais, com o valor democrático, com o valor da liberdade, pregada e vendida pelos EUA, que continuamente apresentam exigências políticas para parceiros econômicos, ou não, com base em tais valores, ao mesmo tempo em que não estão conseguindo realmente afirmar que os mesmos são aplicados igualmente em seu território. O velho e tradicional debate sobre a igualdade não é apenas uma atualidade em países como o Brasil, são contextos históricos distintos em que a questão mostra-se eternamente atual.

3. O advogado e sua função ética

O advogado recusa a estabilidade, a adoção de uma posição fixa, determinada, é um herói contraditório, foi casado com uma promotora de acusação, ainda está emocionalmente vinculado a ela, mas não pode retornar para casa, pois esses seriam mundos incompatíveis; ele não utiliza um escritório fixo, afirma para a secretária que o carro é seu escritório, passando uma ideia de itinerante, cigano, nômade, atende a prostituta por amizade, mostra-se preocupado com ela, mas também não se constrange em usá-la para uma armação; engana os clientes na cobrança dos honorários (simulação de perícias e outras despesas), mas,

por outro lado, parece ter um código muito pessoal de conduta e lealdade. A personagem principal materializa a complexidade do ser humano e a visão da obra de que o certo e o errado não estariam em pontos exatamente opostos.

No contexto do filme, convém revisitar o mito descrito por Platão, colocado na boca de Protágoras, e que serve de exemplo da necessidade de princípios morais mínimos que evitem a instrumentalização do comportamento profissional daqueles que lidam diariamente com questões de justiça e violência. O mito, de maneira simbólica, demonstra as consequências que a ausência de referenciais éticos de justiça e solidariedade pode trazer para o convívio humano:²¹

Foi no tempo em que os Deuses existiam, mas não existiam ainda as raças dos mortais. Chegado que foi o tempo em que o destino chamou-as à existência, os Deuses modelaram-nas com uma mistura de terra e fogo e, desejando apresentá-las à luz do dia, ordenaram que Prometeu e Epimeteu dotassem-nas com as qualidades e habilidades que lhes fossem oportunas.

Epimeteu pediu a Prometeu para trabalhar sozinho dizendo-lhe: “Quando o trabalho tiver sido feito, a ti a tarefa de controlá-lo”. Obtido o consentimento, ele começou a distribuição. A algumas raças deu a força sem a velocidade. Às mais fracas deu a velocidade. A umas deu garras (para atacar e se defender), e aos animais de pequeno porte deu asas para fugir, ou um abrigo debaixo da terra, onde se proteger. As que tinham grande porte, já encontravam nisto a sua proteção. Ele procurava, assim, igualar as chances durante a distribuição e se precavia para que nenhuma raça viesse a perecer.

Mas, Epimeteu não era previdente, e depois que esbanjou o tesouro das qualidades com os seres privados de razão, notou que a espécie humana ficara desguarnecida. Ficou, então, preocupado sem saber o que fazer. Neste ínterim, chegou Prometeu para controlar a distribuição, e notou que, sob todos os aspectos, os outros animais estavam devidamente protegidos, mas o homem ficara nu, descalço, desprotegido contra o frio e sem armas para se defender.

Preocupado em encontrar um meio para salvar a espécie humana, Prometeu roubou, dos Deuses Hefesto e Atená, a sabedoria prática e o fogo. Assim fazendo, deu à raça humana um dom divino, pelo qual os homens adquiriram a inteligência que aplicava às necessidades da vida.

21 Platão, 1980, 320c-322e.

Mas os homens não tinham a arte de administrar as cidades. Esta encontrava-se na morada de Zeus, e Prometeu não podia penetrar na Acrópolis, porque era protegida por guardas muito temíveis. [...]

Então, Zeus temendo que a espécie humana pudesse desaparecer completamente, mandou Hermes levar-lhe os sentimentos do respeito e da justiça, como organizadores das cidades e como vínculos através dos quais se unissem as amizades.

Hermes perguntou a Zeus de que modo deveria distribuir esses sentimentos. “Devo distribuí-los do mesmo modo como foram distribuídas as artes especializadas?”, perguntou ele. [...] Hermes então perguntou se devia distribuir os sentimentos de justiça e respeito somente a algumas pessoas especializadas, ou se devia fazer indistintamente a todos. “A todos indistintamente”, respondeu Zeus, “pois as cidades não podem existir se apenas um pequeno número participar desses sentimentos”. Além disso, ordenou Zeus: “Edita, em meu nome, uma lei, segundo a qual deve-se condenar à morte, como uma doença para o corpo social, todo aquele que não for capaz de participar dos sentimentos do respeito e da justiça!”

O advogado deve superar a mera visão individualista acerca de sua conduta, devendo buscar um existir ético em suas atividades profissionais.²² Somente dessa forma vai conseguir cumprir com seu papel em uma sociedade justa e democrática. O Direito não é um fim por si mesmo, mas deve ser razoável e justo.

A determinação da função social do advogado assume, conforme determina a própria Constituição Federal, um caráter positivo, apontando um programa a ser realizado em benefício de toda a sociedade.²³ A função social do advogado, portanto, é uma ordem de realização que visa sobrepor as tendências instrumentais e individualistas no exercício da profissão. Cabe ao advogado, em um Estado Democrático de Direito,

22 Segundo Carnelutti (1944, p. 145), “a ação no processo requer por parte de quem a exerce certas qualidades e disposições, que nem todos estão em condição de possuir [...] Isso significa que não a podem exercer utilmente aqueles que não são dotados de uma certa cultura [...] O defensor deve atuar exatamente como um transformador, através do qual a energia não se desperdice senão em mínima parte. Não basta, portanto, que o defensor esteja preparado tecnicamente; faz falta, além disso, que possua idoneidade moral para sua profissão e, por outro lado, que sua posição no processo seja tal que permita receber e transmitir integralmente o impulso de interesse da parte”.

23 Rozicki, 2000, p. 134.

indicar os caminhos para a eficiência da prestação jurisdicional, apontando os caminhos corretos na humanização dos julgados.²⁴

Segundo José Augusto Delgado:

[...] num país como o Brasil, a participação política *lato sensu* do cidadão advogado constitui um referencial obrigatório e uma necessidade não só da sua familiaridade com as leis, mas por seu discernimento, em razão desse conhecimento jurídico, de distinguir o certo do errado, o verdadeiro do falso, o justo do injusto. Por participar de igual entendimento do acima exposto, estamos certos da indispensabilidade da atuação do advogado para a construção de uma doutrina capaz de influir no estabelecimento, para o futuro, de uma Democracia que tenha como alvo maior o cidadão, impondo ao Estado o dever de zelar pela realização de suas necessidades no campo educacional, da saúde, da segurança, do progresso econômico, da justiça social e, especialmente, da garantia da sua liberdade de pensar e de ir e vir.²⁵

Os acontecimentos mostrados durante todo o filme comprovam que a instrumentalização do Direito facilita a prática de atos contrários aos objetivos primordiais de justiça. A valorização do ser humano é o primeiro passo para atingir uma sociedade verdadeiramente justa e democrática. No contexto atual, as “injustiças” são vistas como “meros fatos” a serem trabalhados ou corrigidos para a restauração do sistema, sem dar prioridade às singularidades envolvidas no caso. Por conta da análise dessa perspectiva, percebe-se, como traço característico da modernidade, o total individualismo e ausência de preocupação com o “terceiro da relação”, com o “outro”. A restauração de qualquer injustiça torna-se efeito secundário da preservação da ordem e da segurança, ou da busca por sucesso profissional, sem qualquer relação de responsabilidade.

O mau comportamento do advogado resulta na ineficaz aplicação dos direitos fundamentais, pois significa dizer que os “conflitos públicos” não entram nos fóruns, nos tribunais ou em repartições públicas. Forma-se o quadro ideal para arbitrariedades, pois os cidadãos tornam-se meros objetos, partes de processos dos quais não conseguem fazer

24 Para Rozicki (2000, p. 135), cabe aos advogados “uma especial função no seio da sociedade. Sua função pretende a segurança dos interesses da coletividade. Protegida, também pela função social do advogado, que deve ser exercida, a sociedade não pode correr o risco de ver impedida a eficácia de seus direitos”.

25 José Augusto Delgado, 2000, p. 216.

parte como sujeitos. É por essa razão que o exercício da advocacia não pode ser objeto de puro comércio e de procedimentos de mercantilização. O dinheiro não pode se tornar o “Deus do mundo”,²⁶ fazendo com que tudo o que tenha a ver com ele seja posto em primeiro plano.

O advogado deve ser, sobretudo, um profissional ético. Deve zelar pelo aperfeiçoamento da ordem jurídica e pela eficácia dos direitos da coletividade, garantindo justiça e estabilidade social. A crise ética enfrentada pela sociedade atual somente será superada se, conforme o exposto pelo mito narrado por Platão, houver a quebra desse paradigma individualista e a adequação da atividade jurisdicional como uma função que conjugue os ideais de justiça e solidariedade.

4. Possibilidades de quebra desse paradigma

Uma análise jurídica sobre o filme pode destacar a evidente oposição entre a noção de verdade real e o princípio da verdade processual. A verdade buscada no processo penal é aquela capaz de convencer o julgador da materialidade e da autoria do crime. Assim como no filme, a cena do crime traz muitas incertezas e *diferentes versões possíveis* para o que pode ter levado ao cometimento do fato. A finalidade do processo é colher um conjunto de provas suficientes, para construir dentro dos autos a certeza absoluta (*beyond a reasonable doubt*) de que o autor do crime é o réu em julgamento. E esse talvez seja um dos pontos mais interessantes da obra, que leva o espectador a muitas versões possíveis e mostra a dificuldade na construção da *verdade dentro do processo* (na medida em que a verdade real não pode ser repetida, sendo, portanto, inacessível).

Eis o resquício de efeitos da construção científica moderna, e daí a crítica ao pensamento moderno desde o início do texto, que elevou o saber jurídico a um saber científico próprio das ciências naturais, com preferência a uma racionalidade procedimental no lugar de uma razão material. Mas acontece que estamos tratando de um conhecimento que não tem caráter simplesmente “reprodutivo”, mas produtivo, de reconstrução do sentido do ordenamento jurídico, na sua coerência ou uni-

26 Kierkegaard, 2005, p. 331.

dade valorativa²⁷ – até porque “já não nos é lícito acreditar que é hoje possível um conhecimento definitivo”...²⁸

Tudo isso se relaciona com o niilismo e a distância anunciada e declarada pelo positivismo entre juízos de fato e de valor, em que uma busca de segurança jurídica levou ao gradual abandono de um pensamento clássico que reclamava uma compreensão do Direito e soluções jurídicas que deveriam corresponder a juízos de verossimilhança, ao contrário da busca pela certeza própria das ciências da natureza “inaplicáveis à moral e ao direito, enquanto ciências do espírito”.²⁹

A quebra desse paradigma poderia ser desencadeada mediante uma modificação processual completa, na qual as personagens reformulem suas funções e conceitos. Nesse cenário – hoje utópico³⁰ –, o Direito deixa de ser um reflexo das modificações da sociedade e passa a ser instrumento dessa modificação.

Nessa seara, o filme nos permite refletir sobre alguns institutos processuais típicos da *common law* e sua incorporação ao nosso sistema. A título de exemplo, chama a atenção a relevância que a palavra adquire no *grand jury*, na medida em que o acusado não é obrigado a prestar depoimento; no entanto, se optar por falar, deverá ser fiel aos fatos, em outras palavras, a mentira proferida em juízo não passa incólume. Tal situação é tratada de maneira completamente diferente em nosso sistema. Entende-se que o réu poderá calar sem qualquer prejuízo e seu silêncio não poderá ser utilizado como fundamento da condenação. Assim, o réu não será punido criminalmente se, ao apresentar sua versão sobre os fatos, mentir ou alterar a verdade, uma vez que a lei não estabelece sanção nesses casos. Acreditamos que tal ponto merece análise mais apurada, pois talvez fosse mais adequado elevar a credibilidade da palavra do réu, sem fragilizar – todavia – as garantias processuais penais.

Hoje, o interrogatório é tratado como um ato ordinário do processo; não se intima a defesa técnica para que se manifeste se deseja ou não expor o acusado ao interrogatório. Da mesma forma, não existe

27 Cfe. Lamego, 1990, p. 65.

28 Cfe. Larenz, 1997, p. 241.

29 Baptista da Silva, 1996, p. 107, 114-115.

30 Tal afirmação se deve ao fato de considerarmos pouco provável a aprovação de uma reforma do Código de Processo Penal, não só pela ausência de motivação política, mas também pelo fato de que se avizinha o ano eleitoral, o qual dita os rumos da pauta do Congresso Nacional.

uma cultura forense que encare com naturalidade o silêncio do réu,³¹ sendo que a mera vedação de não utilizar o silêncio em prejuízo do acusado se limita às manifestações escritas, no entanto, não é capaz de operar na subjetividade do julgador. A modificação desse instituto abriria caminho para que a palavra do réu fosse ponderada realmente a título prova, e não como meio de defesa pessoal; contudo, isso somente seria possível mediante uma advocacia profundamente compromissada com valores éticos e que levasse em conta seu papel no sistema judiciário.

Então, a (re)construção de ideais de justiça e solidariedade passa por reformular velhos institutos e sua interpretação; cumpre aproximar as personagens processuais atribuindo a cada uma suas responsabilidades para com princípios comuns. Aos advogados se exige – mais uma vez³² – uma contribuição histórica no sentido de refletir sua função. O desafio que se levanta consiste em buscar o ponto de equilíbrio entre a defesa dos direitos fundamentais dos acusados e a observância de critérios éticos no exercício profissional.

Também é importante referir o instituto do *plea of bargain*, ou seja, a discricionariedade concedida aos advogados de acusação (*district attorneys*) para fazer acordos com os acusados – para redução de pena ou até mesmo para que não ocorra denúncia – em troca de informações que auxiliem na prisão de pessoas responsáveis por crimes mais graves, poder que não existe na legislação brasileira. Outro dado relevante é o grande número de acordos que são feitos pela justiça americana, entre 90 a 95% dos casos criminais; o réu declara-se culpado e o montante da pena é negociada diretamente com a acusação, passando apenas pela homologação do juiz. Essa prática se justifica se pelo alto custo na realização dos júris (que são aplicados à totalidade dos casos criminais e a muitas questões cíveis), mas também em razão da cultura rígida e

31 Ainda que não se tenha dados empíricos para tal afirmação, preferimos a crítica científica a simplesmente ignorar nossos sentidos, quando – no cotidiano forense – identificamos diversas vezes essa situação.

32 Vale recordar que a Ordem dos Advogados do Brasil esteve presente em momentos importantes da história nacional, impulsionando relevantes modificações, haja vista a luta pela redemocratização após o golpe Militar de 1964: “Durante o ano de 1980 e o início de 1981 o Brasil foi sacudido por explosões. Nas bancas de jornais, os jornalheiros recebiam bilhetes ordenando-lhes que parassem de vender publicações esquerdistas. Os que se recusaram tiveram suas bancas destruídas. [...] Uma carta bomba enviada à sede da Ordem dos Advogados matou um mulher que teve a infelicidade de abri-la. Considerando a liderança daquela organização na luta pela redemocratização, quase ninguém duvidou de que a agressão só podia ter partido da direita” (SKIDMORE, 1988, p. 442).

autoritária que existe nos EUA, levando os acusados a acreditar que um acordo é mais vantajoso do que a possibilidade de receber uma punição mais severa por parte de seus pares.

Diferentemente, no Brasil aplicam-se os princípios da obrigatoriedade e da indisponibilidade da ação penal, enquanto o procedimento do júri (considerado uma garantia fundamental pelo art. 5º, inciso XXXVIII, da Constituição Federal) limita-se aos crimes dolosos contra a vida.

Em geral, o sistema da *common law* norte-americana caracteriza-se por uma maior autonomia e discricionariedade das partes, permitindo, por exemplo, ao órgão de acusação não realizar a denúncia contra determinados acusados, como também desistir da acusação, durante o curso do processo. Essa liberdade também existe na produção da prova, tanto do órgão de acusação quanto do advogado de defesa, que é produzida pela partes e apenas apresentada durante o julgamento para que passe a constar dos autos. Todo esse cenário aponta para uma grande carga de responsabilidade e para a necessidade de uma conduta ética que se sustenta na confiança pessoal entre juízes e advogados.

Enquanto isso, no sistema romano-germânico-canônico, herdado pelo Brasil, o formalismo e a do processo é que são adotados quase como regra de defesa, buscando modos de enganar o sistema pela impraticabilidade legal, pela prescrição, e enfim, por qualquer modo que se possa retardar o julgamento de mérito ou mesmo a execução da sentença, fazendo com que as partes, muitas vezes, que vencem uma ação, questionem-se se efetivamente venceram alguma coisa. A vitória, em processos que na realidade parecem nunca findar, representa absolutamente nada; pelo contrário, parece ainda reforçar o quadro da dor insuportável da inexistência de justiça.

Conclusão

Não obstante os distintos sistemas de resolução de conflitos, que aqui restaram comparados, tanto no sistema da *common law* como no sistema romano-germânico, a crise moral atinge a justiça e o mundo da prestação de serviços advocatícios. Situações de espanto do juiz nos EUA em relação ao comportamento dos advogados aqui não são tão comuns, pois lá o juiz depende de uma atuação efetivamente clara e transparente dos advogados para decidir o caso. Aqui o juiz já sabe que deve,

mas nem sempre pode confiar nos advogados. A tradição é distinta. Ele confia nos jusperitos, que efetivamente trazem ao caso esclarecimentos fundamentais que podem auxiliar na decisão. Fora isso, são argumentos contraditórios que se entrechocam diante do juiz que precisa decidir.

De todo modo, a crise moral própria do mundo atual atinge todos os sistemas. O consumismo alimenta o sistema e nem se consegue pensar em inibi-lo, pois ele representa um próprio sistema autopoiético, que se autorreproduz e retroalimenta, alimentando a todos. Assustador. Visível no filme, em que tudo ficou reduzido a bens de consumo, e no caso da justiça, os crimes tornam-se bens comercializáveis. Assim, uma funerária não deixa de ser hipócrita ao lamentar a morte, dogmáticos de plantão ou mesmo voluntaristas empertigados insistem em, a seu modo, instrumentalizar o Direito para amoldá-lo a seus interesses. Nem mesmo a lei gera segurança jurídica, nem mesmo o apelo a princípios e instrumentos de “ponderação” interpretativa, pois tudo resta na atualidade a serviço da sede de poder que estrangula o que de fato deveria ser o norte de todos os juristas, a justiça, lugar a que não se pode chegar se não for a partir de um comprometimento ético.

Referências bibliográficas

BAPTISTA DA SILVA, Ovídio Araújo. **Execução e Jurisdição**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOZO, Benjamin. Law and Literature. **The Yale Review**, New Haven, n. 14, p. 699-706, jul. 1925.

CARNELUTTI, Francisco. **Sistema de derecho procesal civil**. v. II. Santiago: Uteha, 1944.

DELGADO, José Augusto. O advogado e a democracia para o século XXI. In: PAIVA, Mário Antônio Lobato de. **A importância do advogado para o direito, a justiça e a sociedade**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

KIERKEGAARD, Soren. Emmanuel. **As obras do amor**. Algumas considerações cristãs em forma de discursos. Petrópolis: Vozes, 2005.

LAMEGO, José. **Hermenêutica e jurisprudência**. Lisboa: Fragmentos, 1990.

LARENZ, Karl. **Metodologia da ciência do direito**. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997. 3. ed. traduzida da 6ª ed. do original alemão por José Lamego.

PAIVA, Mário Antônio Lobato de. **A importância do advogado para o direito, a justiça e a sociedade**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Matese, 1980.

ROZICKI, Cristiane. O papel do advogado na justiça brasileira. In: PAIVA, Mário Antônio Lobato de. **A importância do advogado para o direito, a justiça e a sociedade**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)**. Tradução de Mário Salviano Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TRINDADE, Andre Karam; GUBERT, Roberta Magalhães. Direito e Literatura: aproximações e perspectivas para se repensar o direito. In: _____ (Orgs.). **Direito & Literatura**. Reflexões Teóricas. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008. p. 11-68.

WIGMORE, John. A List of Legal Novels. **Illinois Law Review**, Champaign, n. 3, p. 574-596, abr. 1908.

8. CRASH – NO LIMITE

Ficha técnica

Título original: *Crash*

Título da tradução brasileira: *Crash – No limite*

Ano: lançamento em 2004 e estreia no Brasil em 2005

País: Estados Unidos e Alemanha

Diretor: Paul Haggis

Atores principais: Sandra Bullock, Don Cheadle, Matt Dillon

Duração do filme: 112 minutos

Sinopse do filme

O filme mostra uma visão agressiva e perturbadora das complexidades que envolvem as questões raciais na América contemporânea. Jean Cabot (Sandra Bullock) é a rica e mimada esposa de um promotor, em uma cidade ao sul da Califórnia. Ela tem seu carro de luxo roubado por dois assaltantes negros. O roubo culmina num acidente que acaba por aproximar habitantes de diversas origens étnicas e classes sociais de Los Angeles em um drama urbano: um veterano policial racista, um detetive negro e seu irmão traficante de drogas, um bem-sucedido diretor de cinema e sua esposa, e um imigrante iraniano e sua filha (resumo baseado no *link* <<http://filmow.com/crash-no-limite-t4731>>).

Temáticas abordadas no filme: Retrata uma sociedade marcada pelo preconceito, demonstrado como uma realidade complexa entre negros, brancos, muçulmanos, latinos, pobres, ricos.

Crash: no limite entre as diferenças e as semelhanças

Mariana Barasuol da Rosa
Rosana de Souza Coelho

*Em Los Angeles ninguém te toca.
Estamos sempre atrás do metal e do vidro.
Acho que sentimos tanta falta desse toque,
que batemos uns nos outros só
para sentir alguma coisa.*
(Frase de uma das personagens de *Crash*).

Crash, filme de Paul Haggis, começa a ser produzido após os atentados de 11 de setembro de 2001, os quais deixaram a sociedade americana sob um constante sentimento de insegurança e confusão ideológica. *Crash – No Limite* retrata este cenário de insegurança e constante medo presente na sociedade, que resultam no crescimento da intolerância das pessoas com o diferente quanto a raça, crenças e classes sociais.

Em uma sociedade em que as pessoas se colocam em papéis de bons ou maus, o filme mostra que estes papéis podem se intercalar ou se inverter de acordo com as atitudes e ações tomadas. As situações nas quais as pessoas são colocadas diariamente as fazem mudar de comportamento constantemente, nem sempre para o bem.

Outra discussão presente no filme é o pré-julgamento que as pessoas fazem do próximo. Enquanto seres humanos, nosso julgamento é decorrente da percepção das pessoas e do mundo que nos cerca. Schermerhorn, Hunt e Osborn (1999) definem *percepção* como “o processo pelo qual as pessoas escolhem, organizam, interpretam, processam e reagem às informações do mundo que as rodeia” (p. 74). Através da percepção, transformamos as informações em respostas que envolvem sentimentos e ações. Contudo, as informações obtidas por meio dos cinco sentidos – visão, audição, tato, olfato e paladar – não são necessariamente iguais à realidade nem tampouco são as mesmas para duas pessoas quando estas descrevem o mesmo fato. Ou seja, a percepção é um processo que sofre a influência dos valores, dos conhecimentos e sentimentos, os

quais, como sabemos, são fruto da formação familiar e educacional e, portanto, adquiridos e experimentados de formas diferentes por cada um de nós. Pelo exposto acima, vemos que a qualidade do processo perceptivo é de fundamental importância e impacta fortemente nas relações interpessoais, uma vez que é através dele que o ser humano forma suas impressões sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as experiências da vida cotidiana. Tais impressões, após “construídas”, têm um efeito duradouro e permitem fazer avaliações sobre si e sobre o outro, julgar fatos e emitir opiniões, interagir, enfim, com o meio externo.

Por ser um processo complexo, a percepção acontece em meio a uma série de distorções, às quais damos o nome de *distorções perceptivas*. Longe de serem fenômenos patológicos, as distorções perceptivas são comuns no processo perceptivo e decorrem, por um lado, pelo fato de nossa percepção ser sempre resultado das experiências individuais e, por outro, pela nossa limitada capacidade física e psicológica de perceber a totalidade dos fatos nos quais estamos envolvidos.

Uma das distorções mais conhecidas é o que se denomina *efeito de halo*, o qual acontece quando, durante o processo perceptivo, certo atributo (característica) de uma pessoa ou situação é usado para formar uma impressão geral sobre a pessoa ou situação (SCHERMERHORN; HUNT; OSBORN, 1999). Outra distorção perceptiva bastante recorrente em nossa vida cotidiana é o que chamamos de *estereótipos* ou *protótipos*. A percepção sobre o outro baseada em um estereótipo é colocada por Schermerhorn, Hunt e Osborn (1999) como responsável por uma possível distorção no processo perceptivo, uma vez que os estereótipos escondem as diferenças individuais, ou seja, podem evitar que as pessoas sejam analisadas como indivíduos, e que se avalie precisamente suas preferências, necessidades e habilidades. É comum que os problemas e as dificuldades sejam interpretados como de responsabilidade do outro, nunca se incluindo como integrante da sociedade.

Em uma das primeiras cenas de *Crash*, assistimos ao roubo do carro das personagens Jean (Sandra Bullock) e seu marido Rick (Brendan Fraser), os quais são ameaçados por dois rapazes negros e que portam armas. Na cena seguinte, Jean e Rick estão em sua casa, enquanto um rapaz branco, aparentando ser latino-americano, faz a troca das fechaduras da porta de entrada, como Jean havia solicitado ao marido. No entanto, ao olhar o rapaz, Jean fica muito nervosa e fala ao marido

para que chame outro profissional e faça novamente a troca da fechadura, pois, em sua percepção, o rapaz poderia ser do mesmo grupo que os assaltou na noite anterior; supõe que ele levará as chaves para fazer cópias, etc.

Os apelos do marido para que Jean fale mais baixo e para que reconheça que a fechadura já está sendo trocada são inúteis, pois ela associa a figura do rapaz à dos outros dois rapazes que roubaram o seu carro. Aqui, a percepção de Jean, fortemente influenciada pela questão étnica, leva-a a supor que uma pessoa de etnia diferente da sua é, automaticamente, um criminoso. Sob o efeito da irritação e da frustração pelo roubo do carro, a percepção de Jean fica “contaminada” pelo *efeito de halo*, ou seja, ela “seleciona” uma característica (no caso, o fato de o rapaz ser latino-americano) e o julga criminoso apenas por ela. Atitude que também resulta de uma “percepção estereotipada”, pois equipara e julga tanto os rapazes negros como o rapaz branco como criminosos, não reconhece suas características individuais e os percebe como sendo do mesmo “tipo de pessoa”, no caso aqui, pessoas que roubam carros.

No que se refere à psicologia individual, ou seja, à forma singular como cada um vivencia o “encontro” com as diferenças e semelhanças que aparecem nas relações interpessoais, temos, na literatura psicanalítica, um texto muito interessante e elucidativo, escrito por Freud em 1919. Referimo-nos ao artigo “O Estranho” (“Unheimlich”, em alemão), no qual Freud examina o fenômeno do *duplo* e discorre sobre seus efeitos no bojo de seus estudos sobre o *estranho*. Ali, ele traça um percurso de pesquisa e nos mostra que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1976, p. 277). Aponta a ambivalência que, etimologicamente, esta palavra comporta: *unheimlich* (estranho) é, de um modo ou de outro, uma subespécie de *heimlich* (familiar). Freud lembra que o *duplo* foi inicialmente postulado por Otto Rank (1914) como sendo uma segurança contra a destruição do ego, uma garantia da imortalidade, transformando-se, posteriormente, “em estranho anunciador da morte” (idem, p. 293).

Enquanto um tema pertinente ao *estranho*, Freud o concebe como relacionado a causas infantis, afirmando que a ideia do duplo “brota do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo” (FREUD, 1976, p. 293). Circunscrito

aos processos identificatórios,³³ diz respeito a uma duplicação do eu, o qual vai, progressivamente, investindo o *duplo* e lhe atribuindo características que pertenceram ao antigo narcisismo não totalmente superado dos primeiros anos. O *duplo* é, assim, uma projeção daquilo que, para o ego, arranha-lhe o narcisismo, a “construção” de um outro que pode, imaginariamente, ser o depositário do que o ego idealiza em si mesmo, uma operação defensiva que encerra o outro como estranho.

Deslizando o conceito freudiano de *estranho* para a figura do estrangeiro, Koltai (2000) aponta que, enquanto objeto identificatório, o estrangeiro fascina, atrai, mas também repele, convocando o ego a um incessante movimento de ter que fazer existir fora de si algo que lhe é interior. Esforço sempre fracassado, uma vez que o que é projetado retorna como estranhamente familiar. Seguindo Freud, a autora lembra que o conflito de base é aquele que realizam *Eros* e *Tanatos*. A ambivalência entre amor e ódio é o “combustível” da compulsão a repetição e se manifesta tanto no processo civilizatório quanto na singularidade, “fazendo com que o *estranho* que o sujeito quer eliminar se transforme no *estrangeiro* que precisa ser eliminado socialmente” (KOLTAI, 2000, p. 60). A ambivalência que a palavra “estrangeiro” carrega traduz a ambivalência que todo processo de identificação comporta.

Koltai (2000) nos informa que a palavra *estrangeiro* remete ao que é *hospes* (hospedeiro), mas também ao que é *hostis* (inimigo). Apoiando-se nos estudos de Gardner (1983), comenta que ela foi lentamente politizada, primeiramente na língua latina e, mais tarde, no francês, no inglês e no alemão:

Até o século XIV era chamado estrangeiro, em francês, aquilo que era incompreensível ou fora do comum. Só posteriormente surgiu o substantivo que se refere a um “fora”, de conotação política. No inglês do século XVI a palavra *strange* dizia respeito à mulher adúltera e ao não familiar, a alguém que a família não reconhece; só no século XVIII passa a referir-se a alguém vindo de outro país, de *abroad*. Em alemão, a palavra *fremd* designa, antes de mais nada, o não familiar. A estrangeiridade aparece bem mais tarde, para se tornar no alemão moderno *auslander* (GARDNER,, 2000, p. 23 *apud* KOLTAI, 1983).

33 O leitor encontrará a definição deste e de outros termos oriundos da Psicologia e da Psicanálise remetendo-se ao glossário no final do texto.

Como destaca Simmel (*apud* MORAES SILVA, 1983), o estrangeiro não se limita ao viajante que chega hoje e parte amanhã, mas pode ser alguém que chega hoje e amanhã fica. Assim, a presença do outro incomoda, sobretudo, porque lembra ao eu que sua identidade não está totalmente assegurada. Na “disputa de territórios”, reside a tentativa, por vezes sangrenta, de traçar “fronteiras” mais nítidas:

[...] as dúvidas de sua própria identidade, a impossibilidade de uma definição satisfatória do que é o eu – ou o nós – conduz rapidamente à tentação de transformar o outro em delimitação do mesmo. Trata-se de uma definição negativa, de repulsa, digamos: eu sou o outro desse outro que desejo excluir porque ele invade meu domínio – procedimento ainda mais fácil na medida em que não sei mais qual é meu território (GAGNEBIN, 2010, p. 44).

No que concerne às experiências subjetivas, o que é sentido como *estranho* (diferente) também é o que se apresenta como *familiar* (semelhante), como *Crash* nos mostra através do comportamento assustado do comerciante persa, em função dos possíveis assaltos à sua loja. Comportamento que se traduz em atitudes de desconfiança em relação ao outro, percebido como ameaçador e usurpador de seus direitos de cidadão. Momento ilustrado pela cena em que o rapaz, de origem latina, tenta consertar a fechadura de sua loja, mas é “agredido” verbalmente por ele ao tentar explicar que a troca da fechadura não é suficiente para garantir sua proteção, uma vez que a porta também estava com problemas.

Sem conseguir ouvir os argumentos do rapaz, o comerciante supõe-se roubado e o acusa de ladrão. O desfecho não poderia ser outro: a loja é arrombada e o comerciante persa resolve matar o rapaz que conserta as fechaduras, percebido como o grande culpado pelo arrombamento da loja. O curioso é que, embora de nacionalidades diferentes, ambos guardavam semelhanças, pois eram estrangeiros nos EUA. Contudo, quando o outro é percebido tão somente como um diferente-inimigo, a impossibilidade de uma aproximação através das semelhanças se desfaz e, paradoxalmente, faz com que as semelhanças se tornem fonte potencial de ameaça.

O reconhecimento da diferença no outro – seja ela étnica, de gênero ou de classe social – faz lembrar as diferenças que cada um carrega consigo e o esforço que todos temos que fazer para nos defender da discriminação e do preconceito. Assim, muitas vezes a “eliminação” do ou-

tro é uma tentativa desesperada de evitar o encontro com o sofrimento que a sua presença não nos deixa esquecer. Sofrimento sentido quando somos nós os “acusados” de ladrões, de inúteis ou de incompetentes.

Porém – e felizmente – muitas vezes o “desejo de vida” nos faz ultrapassar o impulso de destruir o outro e recuar, reconhecendo-o como um semelhante que merece, tanto quanto nós, viver. *Crash* também nos mostra isso, de forma surpreendente, pois o faz através da mudança de comportamento de uma personagem negra e extremamente ressentida, cuja percepção de um inimigo sempre à espreita era sua companheira cotidiana.

Depois de algumas aventuras e desventuras, a ressentida personagem, precisando de dinheiro, resgata um automóvel tipo van, cujo proprietário, um chinês, ele tinha anteriormente atropelado. Ao levar o automóvel para uma oficina de desmonte de carros, qual não é sua surpresa ao ver que, dentro dele e acorrentados, haviam homens, mulheres e crianças cambojanas, dos quais o dono da oficina lhe propõe a compra. Seres humanos transformados em mera mercadoria. Contudo, no desfecho dessa cena, o que vemos é a libertação dessas pessoas feita pelo jovem negro. Ele lhes dá dinheiro para a alimentação, “apresenta-lhes” a América e diz a eles que estão livres.

Alguém já disse que “a arte imita a vida”. Pensamos que o cinema, esta arte de narrar histórias e que ganhou a alcunha de “sétima arte” pelo teórico italiano Ricciotto Canudo,³⁴ nos traz mais do que divertimento, na medida em que nos leva à reflexão de temas tão diversos quanto importantes e nos faz refletir sobre atitudes e comportamentos que exercemos diariamente em resposta aos percalços que o mundo/sociedade nos coloca e as prováveis consequências na vida de pessoas a que, aparentemente, não estamos ligados. Assistir a *Crash* é uma experiência que nos provoca choro, riso, reflexões e angústias, lembrando-nos, a todo momento, a riqueza que subjaz em nossas diferenças e semelhanças. Riqueza que muitas vezes nos inquieta, sem dúvida, mas que também se apresenta como a possibilidade de convivência e de se criar “saídas” para que a relação com o outro seja fonte de prazer.

34 Conforme <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema>>. Acesso em: 17/6/2012.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund (1919). O Estranho. **Obras completas**. v. XVII, Standard Edition. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GAGNEBIN, Jeanne Marie; A competência do estrangeiro. **Humanidades**, Brasília, v. 57, p. 36-47, 2010.

KOLTAI, Caterina. **Psicanálise e política** – o estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Baptiste. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel** – Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais. v. 34. p. 182-188.

SCHERMERHORN, John R.; HUNT, James G.; OSBORN, Richard N. **Fundamentos do comportamento organizacional**. Porto Alegre: Bookman, 1999.

Glossário

- **Identificação** (processo identificatório): processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.
- **Eros**: termo pelo qual os gregos designavam o amor e o deus Amor. Freud o utiliza na sua última teoria das pulsões para designar o conjunto das pulsões de vida em oposição às pulsões de morte.
- **Tanatos**: termo grego (a Morte) às vezes utilizado para designar as pulsões de morte, por simetria com o termo “Eros”. O seu emprego sublinha o caráter radical do dualismo pulsional conferindo-lhe um significado quase mítico.
- **Compulsão a repetição**: processo inconsciente pelo qual o indivíduo se coloca ativamente em situações penosas, repetindo, assim, experiências antigas, mas tendo a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado por experiências atuais.

9. MARGIN CALL

Ficha técnica

Título original: *Margin Call*

Título da tradução brasileira: *Margin Call – o dia antes do fim*

Ano: 2011

País: Estados Unidos

Diretor: J. C. Chandor

Ator principal/Atores principais: Kevin Spacey como Sam Rogers, Paul Bettany como Will Emerson, Jeremy Irons como John Tuld, Zachary Quinto como Peter Sullivan, Penn Badgley como Seth Bregman, Simon Baker como Jared Cohen, Stanley Tucci como Eric Dale, Demi Moore como Sarah Robertson, Acomoiif Mandvi como Ramesh Shah, Mary McDonnell como Mary Rogers, Comohley Williams como Heather Burke, Susan Blackwell como Lauren Bratberg, Al Sapienza como Louis Carmelo

Duração do filme: 109 minutos

Sinopse do filme

O filme desenvolve-se pela perspectiva de funcionários de uma empresa de investimento, durante um período de 24 horas antes da crise financeira mundial de 2008 (resumo baseado no *link* <<http://www.adorocinema.com>>).

Temática abordada no filme: Crise financeira mundial de 2008.

Margin Call – o dia antes do fim

Cristina Ribas Vargas
Lindomar Júnior Fonseca Alves
Tarcísio Neves da Fontoura
Guilherme Pressi

Escrevermos sobre o filme *Margin Call* implica um exercício de desprendimento e uma busca por inspiração, além de certa dose de ousadia para qualquer resenhista que adentra em um ramo complexo e muito específico do conhecimento, que é o do mercado financeiro especulativo. Isso se deve ao fato de que, particularmente, temos a preferência pelo lado real da economia, talvez porque as principais críticas econômicas, que mudaram o pensamento da humanidade e lançaram luz sobre os fenômenos econômicos que pairavam na superficialidade da esfera da circulação, tenham forçosamente recorrido à esfera da produção para explicar a origem das crises. Contudo, o filme de origem norte-americana denominado *Margin Call* não traz em seu enredo a pretensão de ser um documentário que detalhe os diferentes tipos de operações financeiras existentes, o que facilitaria em muito a tarefa de resenhá-lo, mantendo como seu foco principal uma visão geral do pânico que se instaurou no mercado financeiro durante o auge da crise que se alastrou em 2008. O filme retrata basicamente a situação de uma grande empresa de investimentos que identifica a crise internacional às vésperas de sua eclosão e decide se antecipar ao que chamamos de “Efeito Manada”, sendo a primeira a desfazer-se de suas posições financeiras no mercado, mesmo que isso implicasse destruir carreiras, nomes e até mesmo seus investidores.

Os pontos que foram escolhidos a partir do filme em questão, e cuja relação com seu caráter econômico serão considerados aqui, são os seguintes: a neutralidade da moeda em Keynes, que aborda o debate acerca da necessidade de uma administração internacional monetária a fim de aumentar a estabilidade no sistema internacional; a conjuntura internacional recessiva da Europa e dos EUA; a temática focada no gênero do mercado financeiro com uma conotação na teoria da agência; e, por fim, as questões de valores morais e éticos. Assim, passamos a expor cada uma delas sucintamente.

1. A temática acerca da neutralidade da moeda

Há estudiosos que creem que a moeda é neutra na economia, isto é, não exerce influência sobre a produção real e o nível de emprego, limitando-se unicamente a exercer as funções clássicas de meio de troca, reserva de valor e meio de pagamento. No entanto, os ativos financeiros, que compõem o multiplicador da base monetária (M4), constituem uma espécie de meio de pagamento financeiro, que exerce influência direta sobre as expectativas dos agentes econômicos e sobre a própria estabilidade do sistema econômico real. Esse enfoque keynesiano acerca da valorização dos ativos, influenciando produção e consumo, pode ser constatado na citação abaixo:

Em outras palavras, em uma economia monetária a moeda, tanto no curto prazo quanto no longo prazo, não é neutra no sistema econômico, pois, diante de um processo de incerteza, ela se torna o elo entre o presente e o futuro, influenciando, assim, o ritmo de crescimento da atividade econômica, a ponto, inclusive, de afetar as decisões de produção e de consumo dos indivíduos (KEYNES, 1964, p. VII *apud* FERRARI FILHO, 1994).

A citação acima traduz e sintetiza muito do que transmite o filme ao seu final, quando uma das personagens “sobrevivente” à crise, ao cavar uma sepultura para seu cão, faz uma espécie de *mea culpa* por estar realizando um trabalho socialmente útil. Fica evidenciado ao final do filme o questionamento acerca do objetivo real da atividade especulativa, descolada do andamento real da economia, e que nos remete à frase clássica de Milton Friedman: “Não existe almoço grátis no capitalismo”; porém, em um aspecto avesso ao original. Avesso porque essa crise nada mais é do que um momento de ajuste do capitalismo, para que atividade de acumulação de capital possa continuar ocorrendo, assim como a expansiva acumulação por poucos possa acontecer a cada período seguinte. A instabilidade engendrada pelo mercado financeiro já fora, portanto, identificada por Keynes no pós-Segunda Guerra Mundial, quando da idealização do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, e cujas instituições claramente se distanciaram dos objetivos iniciais pelos quais foram criadas, isto é, garantir estabilidade mundial.

Conforme Paul Davidson, em uma economia sujeita a incertezas, deve-se ter um mínimo de estabilidade para o funcionamento do processo

produtivo, que, inquestionavelmente, é assegurada tanto pela natureza dos contratos quanto pelo comportamento das instituições financeiras (DAVIDSON, 1994, *apud* FERRARI FILHO, 107).

A citação, na visão de Paul Davidson quanto à necessidade de algum tipo de regulação sobre o sistema financeiro, é pertinente e oportuna, dado que, quando ocorrem eclosões de crises de magnitude expressiva, invariavelmente recorre-se às políticas keynesianas para manter a funcionalidade do sistema, ou seja corre-se para os braços do Estado, como aconteceu na crise de 2008, quando os bancos americanos tiveram que se socorrer junto ao Federal Reserve System (FED), o banco central americano.

2. Conjuntura internacional recessiva da Europa e dos EUA e a crise de 2008

A crise retratada no filme *Margin Call* apresenta o deflagrar da crise em 2009, embora já em 2007 fosse amplamente divulgado que uma crise de grande magnitude se anunciava. Ao contrário da crise asiática de 1997, que pegou de surpresa a maioria dos analistas internacionais, a crise que se propagou em 2009 já havia sido detectada. Mais do que isso, desde 2000 observa-se que as taxas de crescimento da Europa e dos Estados Unidos têm se mantido significativamente baixas, tornando quase inadiável o deflagrar de uma crise. Conforme se observa no quadro abaixo, exceto pelo desempenho da China e da Índia, o restante das regiões induziu a média do crescimento mundial para baixo, que foi de -0,8% em 2009.

Categoria	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	4,8	2,3	2,9	3,6	4,9	4,5	5,1	5,2	3,2	-0,8
Países Desenvolvidos	3,7	1,3	1,4	1,8	3,0	2,4	2,8	2,5	0,5	-3,3
EUA	3,7	0,8	1,6	2,5	3,6	2,9	2,8	2,1	0,4	-2,4
Zona do Euro	3,9	1,9	0,9	0,8	2,2	1,7	2,9	2,7	0,7	-4,0
Países Emergentes	6,1	3,6	4,8	5,9	7,4	6,9	7,6	7,7	5,6	2,0
Rússia	10,0	5,1	4,7	7,3	7,2	6,4	7,7	8,1	5,6	-7,9
Índia	5,7	3,9	4,6	6,9	7,9	9,2	9,8	9,4	7,3	6,8
China	8,4	8,3	9,1	10,0	10,1	10,4	11,6	13,0	9,0	8,7
Brasil	4,3	1,3	2,7	1,1	5,7	3,2	4,0	6,1	5,1	-0,2

Evolução do PIB Real mundial e de países selecionados (em %).
Fonte: FMI - Fundo Monetário Internacional.

Fica evidenciado que a queda no crescimento mundial necessariamente iria repercutir na esfera financeira internacional. A atual falta de regulação sobre o sistema financeiro internacional, conforme apregoadado pelas regras do Consenso de Washington, mostrou-se inapropriada não só para os países devedores da América Latina, mas aprofundou a vulnerabilidade sistêmica global. Portanto, coexistiu, na primeira década do século XXI, vulnerabilidade internacional, decorrente da desregulamentação de um mercado financeiro internacional extremamente volátil, e queda expressiva no crescimento mundial nas áreas designadas como desenvolvidas. O mais preocupante é que não se identifica nesse início de século a existência de instituições preparadas para diminuir o risco inerente à atividade especulativa que incide e pressiona a esfera produtiva do lado real da economia.

Vê-se também que um dos pontos-chave da trama cinematográfica é uma crítica à credibilidade das informações financeiras e contábeis (relativa ao renomado banco de investimentos Lehman Brothers), este que resistiu à crise de 1929, mas não conseguiu resistir à crise de 2008, vindo a fechar as portas.

Então, percebe-se que nas relações atuais existe um distanciamento cada vez maior de informação entre *stakeholders* (investidores, empregados, agentes etc.); no filme, fica clara a aplicação da *Teoria da Agência* – conforme Pimenta (2009), essa relação de agência ocorre quando há um contrato, formal ou informal, pelo qual o indivíduo ou grupo de indivíduos – o principal – contrata um ou mais indivíduos – o(s) agentes(s) – para desempenhar alguma atividade de seu interesse, delegando aos contratados algum poder de decidir de que maneira a atividade será executada.

Já Faria, Gomes, Dias Filho et al. (2011) preconizam que:

O problema básico de qualquer relação de agência é que, se o comportamento dos indivíduos envolvidos é pautado pela busca de interesse próprio, o principal poderá encontrar dificuldades em induzir o agente a se comportar de maneira a maximizar o ganho do principal – o agente pode preferir executar as atividades para as quais foi contratado de forma a incrementar o seu ganho mesmo que ocorra em detrimento do ganho do principal.

Para Bresser-Pereira (2009), essa racionalidade do processo de tomada de decisão é limitada por dois aspectos: *busca e satisfação*. No

primeiro caso, há busca sistemática por opções, em contraposição à teoria clássica da decisão, a qual supõe conhecido, desde o início, o conjunto de opções possíveis. A busca por opções implica maiores custos incorridos. Quanto à satisfação, ressalta-se que o decisor busca por opções que se lhe apresentem como adequadas, ou seja, que não sejam apenas possíveis, mas também aceitáveis. Assim, a busca será satisfeita tão logo se encontre a opção que atenda esse aspecto do ponto de vista do decisor, e se percebe claramente essa busca por uma satisfação vil no filme quando os chefes, ao verem que a crise alcançou a empresa, já não se interessavam mais em garantir o patrimônio de seus investidores, mas sim em se salvarem financeiramente, não importando quem seria atingido, desde que seus patrimônios fossem salvos.

Assim, percebemos que a informação e o conhecimento necessários à efetiva tomada de decisão encontram-se por toda organização. Cabe ao sistema de comunicação organizacional transmitir informação e conhecimento necessários ao processo decisório. O sistema de comunicação também busca o consenso como forma de adequar a conformação de planos individuais, reforçando, no ambiente organizacional, a lógica do convencimento, em detrimento da imposição e da manipulação (FARIA; GOMES; DIAS FILHO et al., 2011). No filme, essa lógica de transmissão da informação se dá quando um agente entrega a outro informações que levariam a uma tomada de decisão crucial para tentar salvar a empresa, mesmo que essa decisão fosse a de manipular os ativos das empresas sem nenhuma ética ou moral, levando à crise de 2008 através da “bolha” dos *subprimes*.

Na visão de Alberton, Moletta e Marcon (2011), isso fica bem evidenciado:

A crise financeira de 2008 teve a sua “bolha” estourada inicialmente nos Estados Unidos decorrente da falta de liquidez dos títulos do mercado imobiliário chamados “subprimes” (hipotecas de alto risco), crédito para quem não tem, que são títulos referentes à modalidade de empréstimos de segunda linha do país. Com taxas baixas para o mercado estado-unidense e com boas condições de financiamento, os bancos financiaram credores que não tinham capacidade para pagar confiando no aquecimento do mercado imobiliário, não levando em consideração o binômio risco-retorno (ASSAF NETO, 2003) e, em seguida, transformaram estes empréstimos hipotecários em papéis e negociaram com outras instituições financeiras.

Com o aumento dos juros, a “bolha” estourou e a situação, que poderia ser revertida, ficou ainda pior quando Alan Greenspan, presidente do FED até 2006, corroborado por Nouriel Roubini, o “doutor catástrofe”, alardearam que a crise era igual à crise de 1929, gerando uma recessão pela retirada de liquidez do mercado e a diminuição do consumo. Neste cenário a crise eclodiu. Segundo Nassar (2007), fundos, investidores, compradores de residências e imobiliárias intermediárias quebraram, reduziram-se os lucros dos bancos, a crise ameaçou contaminar outras praças (na Europa), derrubou bolsas de valores mundo afora (exceto na China), levou insegurança e volatilidade aos mercados, tudo isso finalizando com a quebra de um dos maiores bancos financeiros estado-unidenses, o Lehman Brothers, em setembro de 2008, no ápice da crise (ALBERTON; MOLETTA; MARCON, 2011), assim retratando o filme como “um dia antes do fim”.

3. O debate subjacente acerca do valor e da ética

Não existe debate mais atual do que aquele que nos remete a uma possível crise de ética da humanidade, com profunda repercussão na vida econômica. O debate não é recente, pois, no ocidente, é possível remetermo-nos ao filósofo Diógenes, nascido na colônia grega de Sinope por volta de 412 a.C., e que desde esses tempos andava pela cidade durante o dia carregando uma lamparina acesa, com o propósito de encontrar um homem honesto. Portanto, não é de hoje que existe a busca pelo comportamento ético, e não é inerente às populações sul-americanas a corrupção e a falta de responsabilidade com a coisa pública.

Também nas ciências econômicas o estudo do comportamento moral do indivíduo sobre a vida econômica não é recente, remetendo-nos, no mínimo, a Adam Smith, com sua obra *A Teoria dos Sentimentos Morais*. Esses apontamentos acerca da ética são atuais e subjacentes, ou mesmo quase explicitados, quando, no filme *Margin Call*, ocorre um diálogo entre dois analistas da empresa supracitada, durante seu trajeto em um carro de luxo em busca do analista que previra a crise e que, para a infelicidade da empresa, já fora demitido.

Nesse diálogo, ocorre um momento de *mea culpa justificada* por parte dos analistas financeiros. As seguintes afirmativas são apresentadas: em primeiro lugar, o trabalho no mercado especulativo é necessário e precisa ser feito por alguém; em segundo lugar, aqueles que criticam

esses jovens executivos que ganham alguns milhões por ano gostariam mesmo é de estar no seu lugar, revelando apenas ser esta uma sociedade hipócrita, cujos padrões a serem alcançados são aqueles usufruídos pelas classes ricas, isto é, o objetivo da classe pobre é alcançar o padrão em que vivem os ricos, e não propor algum novo tipo de estrutura social. Durante todo o filme, esses analistas discutem as quantias milionárias que cada um recebeu durante o ano, e para aqueles que estão às margens do desemprego impingido pela falência da empresa, parece não haver qualquer esperança, isto é, parece que produzir alguma riqueza real na economia é quase ofensivo ou depreciativo.

O filme é muito claro na intenção de provocar o debate sobre os valores sociais atuais, sobre o que o dinheiro pode ou não comprar, e é categórico ao demonstrar o imenso vazio que resta na vida daqueles que se dedicaram a manter uma empresa que ao final não produziu nada mais do que instabilidade e desemprego. Jovens analistas escravos de vidas vazias, que ganham milhões e gastam muito para comprar prazeres fugazes ou tentar compensar a falta de relações familiares e de afeto mais consistentes. Resta-nos questionar se o fato de a maioria das pessoas neste planeta não se incluir nesse seleto grupo de milionários infelizes decorre tão somente, ou principalmente, do caráter excludente da acumulação capitalista, ou decorre das escolhas diárias de milhões de pessoas que preferem desfrutar, além do abraço sincero de seus afetos, ao chegarem mais cedo em casa, de uma excelente noite, na qual amaciam seus travesseiros com uma consciência tranquila.

4. Gênero e mercado financeiro

Enfim, resta a discussão em torno da temática de gênero. Fica evidenciado, durante o filme, que é necessário para a empresa apontar um responsável pela crise e pela fraude. Essa responsabilidade vai incidir sobre a chefe de análise de riscos, única mulher no grupo executivo de alto escalão, papel representado pela atriz Demi Moore. A culpa incidirá somente sobre ela, ainda que seu superior estivesse ciente e tivesse sido avisado previamente da conjuntura recessiva. Não está explicitado no filme que a escolhida para assumir a culpa é a mulher em decorrência de seu gênero, no entanto, parece ser mais fácil nessa sociedade em que desde que Eva mordeu a maçã, seja atribuída a culpa dos males do mundo à mulher, como um fato natural e inexorável. Sem dúvida, o filme

também apresenta esse viés de advertência àquelas mulheres que, não enxergando a possibilidade de construir o novo, agem de acordo com o velho mundo excludente organizado sim pelos homens, e associam-se a eles na esperança de progresso em suas carreiras. Também esse comportamento não foge ao debate em torno do comportamento ético do indivíduo. Infelizmente temos visto mulheres atuando como cães de caça de supostos homens poderosos, deladoras, alcaguetes, usuárias de sua imensa capacidade de comunicação com o único objetivo de progredir em sua carreira. Mas também sob esse aspecto ainda podemos ter esperanças, pois temos visto mulheres assumindo cargos importantes, tanto na esfera privada quanto pública, que estão produzindo algum esforço de pensar e construir o novo, enquanto transitam em uma estrutura arcaica de um sistema que está fadado a sofrer agonias constantes.

Considerações finais

O filme *Margin Call – um dia antes do fim*, demonstra em seu enredo que analistas financeiros ganham muito dinheiro sem ter produzido nada, ou seja, utilizam-se das informações financeiras, econômicas e contábeis para alavancar seus ativos e maximizar lucros, não levando em conta a ética com relação aos concorrentes e investidores, pois não dão a mínima se o que estão fazendo para salvarem seus padrões de vida poderá destruir empresas e pessoas.

Enfim, o filme nos deixa a mensagem de que um mercado financeiro complexo, sem a intervenção forte do Estado regulando-o, dá margem para as chamadas “bolhas especulativas”, levando investidores a sentirem o gosto amargo que sentiram os investidores holandeses com a chamada “A Loucura dos Bulbos de Tulipa”, que foi a mais célebre febre de enriquecimento rápido já conhecida da história ocidental nos meados do século XVII.

Referências bibliográficas

ALBERTON, Anete; MOLETTA, Antônio Miguel Cavalheiro; MARCON, Rosilene. Os Níveis Diferenciados de Governança Corporativa Blindam as Firms Contra Crises Financeiras? Uma Análise da Crise Financeira de 2008. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 51, 2011.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Revista de Economia Política**, Brasília, v. 29, n. 1 (113), p. 133-149, jan./mar. 2009.

FARIA, Juliano Almeida de; GOMES, Sônia Maria da Silva; DIAS FILHO, José Maria et al. A Assimetria da Informação na Elaboração do Orçamento: uma Análise da Produção Científica nos Periódicos Internacionais entre 2005 e 2009. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 22, n. 2, p. 43-65, abr./jun. 2011.

FERRARI FILHO, Fernando. **A Moeda Internacional na Economia de Keynes**. Ensaios FEE, Porto Alegre, 1994. Disponível em:

<<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/1678/2046>>. Acesso em: 29/5/2012.

NASSAR, J. R. Subprime: A gestão de patrimônio na crise. *Revista Bovespa*. Ed. Out-dez/2007.

PIMENTA, Shirley Guimarães. Assimetria da informação e a gestão do conhecimento estratégico em processos regulatórios. **Revista TransInformação**, Campinas, n. 21(2), p. 99-116, mai./ago. 2009.

10. O JARDINEIRO FIEL

Ficha técnica

Título original: *The Constant Gardener*

Título da tradução brasileira: *O jardineiro fiel*

Ano: 2005

País: Estados Unidos/Reino Unido

Diretor: Fernando Meirelles

Atores principais:

Ator	Personagem
Ralph Fiennes	Justin Quayle
Rachel Weisz	Tessa Quayle
Danny Huston	Sandy Woodrow
Bill Nighy	Sir Bernard Pellegrin
Pete Postlethwaite	Dr. Brandt
Hubert Koundé	Arnold

Duração do filme: 129 minutos

Sinopse do filme

O filme é baseado em um romance de sucesso de John le Carré. Uma ativista, após iniciar investigação sobre pesquisa realizada por indústria farmacêutica, é encontrada assassinada em uma área remota do Quênia. Justin Quayle, diplomata inglês que reside na África, perturbado com a morte de sua esposa, decide descobrir o que realmente aconteceu. Durante a investigação, o diplomata descobre que sua luta é contra a ambição de uma grande empresa farmacêutica que estava testando novos medicamentos em seres humanos no Quênia (resumo baseado no *link* <<http://www.adorocinema.com>>).

Temáticas abordadas no filme: ética – desigualdade social e racial – interesses financeiros

O jardineiro fiel – discussão teórica

Ana Luiza Julio
Angelita Delfino
Danielle Nunes Pozzo

A discussão teórica é abordada de diversas formas, na sequência do texto, iniciando pela ótica da Psicologia Social, à luz da qual se olha para os socialmente excluídos e para a estrutura social que tende a utilizar-se destes mesmos excluídos como medida de manter-se tal qual está.

O filme em questão nos faz questionar sobre qual é mesmo o sentido da vida. Talvez a vida não tenha um só sentido, e isso vai depender muito de em que lugar social se está posicionado. Assim, para algumas pessoas de comunidades periféricas da África (como de qualquer periferia), o sentido da vida diverge em tudo do sentido da vida para aqueles que regulam-se pelo comércio globalizado e que estabelecem o jogo do chamado atual capitalismo selvagem. Ao apontarmos aqui o capitalismo, apontamos a questão das relações de produção a partir de que se pode entender como se dão as relações entre capital e trabalho. Segundo Guareschi (2008, p. 49),

Precisa distinguir entre os que trabalham e entre os que trabalham e o capital. Entre os que trabalham, a relação mais importante é de cooperação. É por isso que se chama sistema cooperativo. E entre os que trabalham e o capital (terras e fábricas). De quem são as terras e as fábricas? São dos que trabalham. Então que relação existe? A relação é de alguém que possui o capital e os lucros, se apropria do capital e dos lucros, isto é, relação de posse, apropriação.

A partir desse conceito de apropriação, podemos pensar que, na contemporaneidade, há pelo menos dois grandes castelos fortemente estabelecidos: o castelo das Igrejas (não necessariamente de religiosidade, mas de Igrejas, enquanto instituições propriamente ditas) e o castelo da atual e crescente indústria farmacêutica, que se interpõe, através da criação de medicamentos entre os homens/mulheres e suas possibilidades/qualidade de vida. Não, portanto, por outra razão, que em qualquer cidade do mundo, nos dias de hoje, encontramos, em todas as ruas, no mínimo uma Igreja e uma farmácia.

A questão da construção desses dois castelos referidos não parece ser outra senão a da apropriação. E isso pode ser mais bem articulado através de processos de alienação, que, segundo Santos (2001), é uma cessão de bens e direitos. E isso é o que vimos acontecendo com o povo africano, que foi sendo paulatinamente desapropriado de vários de seus direitos, chegando a ser desapropriado do direito à sua saúde.

Econômica e geograficamente falando, sabe-se da existência de povos ricos, centrais, e de seu opositor, os povos pobres, periféricos. A dobradinha pobreza/dominância permanece ativa nas relações sociais e inter-raciais. O filme por nós discutido tem como cenário um país periférico, pobre, negro e, nessas condições, facilmente dominado. Como afirma Jodelet (1999), o caminho utilizado pela lógica da exclusão nos induz a uma organização interpessoal ou grupal na qual a segregação é apenas uma modalidade de relação social.

Percebe-se, no filme, a utilização de dois recursos para manter a condição de exclusão, opressão e obediência: a saúde e o alimento, ou, melhor dizendo, a falta destes dois preciosos recursos como condição de manter o domínio sobre o outro. Então, dominando os corpos, que não têm acesso ao alimento, tem-se o poder também sobre as condições de saúde/doença desses povos.

Mantido o controle da (falta de) saúde da população, o serviço de saúde estatal mantém o controle também da própria população. No filme, experimentos de novas drogas são realizados com a população que se encontra na condição de cobaia humana, mantida assim pelos acordos entre Estado e corporações farmacológicas. Em nome dos experimentos, as vidas de mulheres e de crianças ficam vulneráveis, mesmo porque, como é a postura estatal, essas pessoas já estão vulneráveis, isto é, essas vidas já valem pouco mesmo, e, caso venham a morrer, isso lhes aconteceria de qualquer maneira. Então essas pessoas são tratadas como se nada fossem, se nada valessem, sendo coisificadas, como objetos que, ao não servirem mais, podem ser descartados, sem nenhum constrangimento, sem nenhum afeto, sem vínculos, da mesma forma que se elimina o lixo.

Aquelas pessoas empobrecidas economicamente e que têm sido expropriadas de suas vidas necessitam dar voz às suas demandas de existência, de serem valorizadas e respeitadas como seres humanos sobretudo; como seres que se encontram em sofrimento psíquico e existencial e

que, nessas condições, nem possuem voz para clamar por si. Neste lugar, surge a jornalista, esposa do fiel jardineiro, que percebe toda a artimanha e decide falar pelos oprimidos. Seu destino certamente foi a morte, e ainda uma maculação à sua imagem, como se estivesse divertindo-se levemente e traindo seu companheiro. Aqui é necessário pontuarmos por onde aquele povo africano foi estigmatizado. É preciso pensar nos aspectos identificatórios que, segundo Nascimento (2003, p. 32),

No mundo contemporâneo da globalização tecno-financeira, a matriz societária, antes geograficamente localizada, com tradições que sustentavam uma estabilidade de identidade coletiva e individual, se vê minada e subvertida pela fluidez dos movimentos migratórios, pela tendência ao desenraizamento dos indivíduos e à separação física das famílias, pela aceleração do tempo com o desenvolvimento dos transportes e das telecomunicações e pelo aumento da eficiência técnica da produtividade.

Entretanto, há que se pontuar, trata-se, no caso em pauta, apenas da apropriação das condições de existência daquele povo. Esse povo não migrou e não se modernizou; a globalização é que vai até o seu território, o seu espaço existencial, e lhe rouba, expropriando-lhe.

E por quê? Por serem negros, pobres, num país periférico em um continente periférico. E negros, diante de uma lógica racista, são insignificantes. Pobres valem pouco, países periféricos não definem políticas internacionais, pelo contrário, são as políticas internacionais capitalistas, globalizantes, que produzem tais periferias, que as escatelas e as denominam como periféricas. “Não podemos nos meter na vida deles”, diz o diplomata, como se em verdade não estivessem o tempo todo interferindo no curso de suas vidas. Toda a lógica capitalista globalizada que regula o mundo contemporâneo é neste filme muito bem demonstrada: poucos lucram muito e muitos sofrem a precariedade da falta de recursos materiais para a sua sobrevivência, tornando-se, assim, economicamente expostos, amarrados ao determinado pelos poderosos. Nesse sentido, mais uma vez nos fazemos valer de Nascimento (2003, p. 33) quando pontua que

Na evolução da questão da identidade, creio que a atuação dos movimentos anticolonialistas, feministas e de minorias ou maiorias oprimidas dentro de sociedades plurais tenha sido de fundamental importância, embora a sua influência deixe, em geral, de ser reconhecida pelos

teóricos cuja tradicional formação acadêmica tende com frequência a levá-los a contemplar o próprio umbigo. A crítica ao patriarcalismo e ao etnocentrismo ocidentais, a partir da ação dos movimentos sociais, põe em cena, sob novas perspectivas, o tema da volição na construção da identidade.

E nesse sentido, qual seria então a volição daquele povo? Para quem tem fome, a vontade emergente é por comida, não restam dúvidas. As críticas, como aponta Nascimento (2003), ao patriarcalismo, ainda se fazem necessárias. No filme, percebe-se uma comunidade exposta política e economicamente, em que os serviços estatais como o de saúde são coniventes à expropriação da liberdade e das condições de vida e saúde das pessoas. Estas são coagidas a se submeterem ao tratamento proposto, sob pena de perderem todo e qualquer outro tratamento médico de que venham a necessitar, caso não se submetam a serem cobaias dos laboratórios. Estes por sua vez, não podem perder tempo e dinheiro; mesmo que esses negros percam suas vidas, se for o caso. Total, “essas vidas não valem muito mesmo”, é o substrato do pensamento que os mantém coesos na expropriação da vida daquela comunidade. A bem da verdade, naquelas relações sociais assim estabelecidas, de fato, a vida vale muito pouco. O lucro é o objetivo, e todo aquele que se interpor ante o lucro pagará, mesmo que com vida. Nascimento (2003, p. 34) afirma a importância de atentarmos para as três seguintes dimensões: “a crítica feminista da sociedade patriarcal, o processo de descolonização do Terceiro Mundo e a revolta de minorias oprimidas dentro de sociedades capitalistas, no caso a comunidade afrodescendente”.

Resgata-se, neste filme, o conceito de poder anglo-saxão, no qual a sigla WASP refere-se ao representante do poder, qual seja o sujeito branco (w de White) anglo-saxão (as) e protestante (P).

Como a referida comunidade é negra, composta por mulheres e muito provavelmente não protestante, está muito aquém de qualquer representação de poder. Portanto, e neste sentido, podendo ser expropriada, sem que tenha quem reclame por si, por seus corpos, por suas vidas. Um povo com fome torna-se manipulável, dócil, servil. Aquele povo africano não tem forças nem para conscientizar-se de seu processo identificatório, o que seria o instrumento primordial para a construção de sua libertação. Aquele africano que pode fazê-lo, por ser médico, foi considerado um traidor, morto e igualmente como a jornalista, ainda

teve sua imagem distorcida, sendo-lhe construída uma ideia de morte por traição, por ter sido, supostamente, parceiro num adultério. Assim tem sido a articulação perversa do poder, que manipula a tudo e a todos ao seu favor.

Castell (1999, p. 24) aponta-nos a questão do poder da identidade como um recurso importante de combate e sustentação nesta que se denomina “era da informação”. Para esse autor,

A modernidade tardia já cedeu lugar a sociedade em rede, formada na revolução tecnológica informacional e na reconstrução do capitalismo, processo em que são deslegitimadas as instituições da sociedade civil como sindicalismo, a organização político partidária e os movimentos políticos articulados em torno do tradicional eixo esquerda- direita.

Em meio a todo esse comércio globalizado, não coincidentemente, a indústria farmacêutica tem sido a que mais cresce no mundo todo, uma vez que, como claramente demonstrado no filme, tende a trabalhar em várias frentes, isto é, inventa pesticidas que matam a vida, que intoxica, e depois propõe medicamentos para salvar vidas, algumas vidas. As que podem pagar para serem salvas. E em meio a tudo isso, as nações do mundo orgulhosamente mantêm ligações diplomáticas, responsáveis pelo pleno e bom desenvolvimento das relações internacionais. No caso do filme em questão, o diplomata é aquele quem cultiva belíssimas flores, tal qual os soldados cantados por Vandr e,  e um “jardineiro fiel”, ou um inocente útil.

Sendo assim, a questão  tica pode ser discutida sobre a questão da utiliza o de pessoas em testes de medicamentos. Deve-se levar em considera o o fato de que se a droga ainda não está totalmente pronta, não são conhecidos todos os efeitos colaterais. Nesse contexto, vale ressaltar que essa situa o dificilmente ocorreria em países ditos desenvolvidos, em que a economia e a tradi o política prevaleam.

De acordo com Motta (1984, p. 67, *apud* ANJOS; RANCIANO NETO; SILVA et al., 2011, p. 4),

 tica profissional   conjunto de normas de conduta que deverão ser postas em prática no exercício de qualquer profissão. E tem como objetivo o relacionamento do profissional com sua clientela e vice-versa, tendo em vista, principalmente a dignidade do homem e o bem estar do contexto sociocultural em que atua sua profissão.

Outra questão é a de que a indústria se aproveita da falta de estudo, de conhecimento da população, população esta que, além das dificuldades da falta de estrutura econômica e social, em que se pode destacar a precariedade de moradia, falta de saneamento, de alimentos, de acesso ao acompanhamento de saúde, ainda sofre de um grande surto de Aids e tuberculose. Com toda essa situação, a população aceita receber alguma mínima atenção e distribuição de remédios gratuitos, aceita sem questionar as tantas mortes demonstradas, pois acha a situação natural, estão doentes.

Nesse caso, salienta-se que, em situações como essa, torna-se necessária a aplicação do Código de Nuremberg, de 1947, art. 1º:

O consentimento voluntário do ser humano é absolutamente essencial. Isso significa que as pessoas que serão submetidas ao experimento devem ser legalmente capazes de dar consentimento; essas pessoas devem exercer o livre direito da escolha sem qualquer intervenção de elementos de força, fraude, mentira, coação, astúcia ou outra forma de restrição posterior; devem ter conhecimento suficiente do assunto em estudo para tomarem uma decisão. Esse último aspecto exige que sejam explicados às pessoas a natureza, a duração e o propósito do experimento; os métodos segundo os quais será conduzido; as inconveniências e os riscos esperados; os efeitos sobre a saúde ou sobre a pessoa do participante, que eventualmente possam ocorrer, devido à participação no experimento. O dever e a responsabilidade de garantir a qualidade do consentimento repousam sobre o pesquisador que inicia ou dirige um experimento ou se compromete nele. São deveres e responsabilidades pessoais que não podem ser delegados a outrem impunemente.

Com todo o descaso da indústria de medicamentos em questão, percebe-se ainda o tão antigo, mas ainda atual preconceito. O preconceito racial e a discriminação social, pautados na desigualdade social, vista na situação de descaso da sociedade, por não possuírem recursos ou instrução suficiente que os façam questionar.

Preconceito, de acordo com Cashmore (2000, p. 438),

Vem do latim *prae*, antes, e *cocneptu*, conceito, este termo pode ser definido como o conjunto de crenças e valores aprendidos, que levam um indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes

[...] nas relações raciais e étnicas o termo costuma se referir ao aspecto negativo de um grupo herdar ou gerar visões hostis a respeito de um outro, distinguível com base em generalizações. Essas generalizações derivam invariavelmente da informação incorreta ou incompleta a respeito do outro grupo.

Já discriminação racial Cashmore (2000, p. 172) define como

A expressão ativa ou comportamental do racismo e visa negar aos membros de certos grupos um acesso igualitário aos recursos escassos e valiosos. Trata-se de algo mais do que pensar desfavoravelmente a respeito de certos grupos ou manter crenças negativas a seu respeito; a discriminação racial envolve colocar essas crenças em ação [...] ao negar a determinados grupos o acesso a recursos e serviços, são criadas as condições sob as quais esses grupos não podem fazer mais do que confirmar os próprios estereótipos que inspiram a crença racista original.

Tais conceitos postulam que a questão trazida pelo filme *O jardim fiel* é a desigualdade entre as populações diferenciadas, entre outros qualificadores, pelo seu pertencimento racial e toda a gama de preconceitos aí embutidos, tal como definimos o que vem a ser preconceito e discriminação racial.

Isso evidencia que uma nação usurpada social, psíquica e economicamente pode permanecer fácil e continuamente manipulada, quanto mais seu governo assumir papel fragilizado de subserviente à economia global, que perpassa, nas entrelinhas das relações internacionais, seu cunho colonialista, racista, patriarcalista, capitalista e, para final, seu caráter intensamente desumano.

Não é possível deixar de fora a dimensão ética aí implícita. Guareschi (2005, p. 111) afirma ser impossível haver quaisquer fenômenos sem que haja uma dimensão ética. Assim, “todas as relações humanas, todas as relações que estabelecemos, todos os fenômenos que são frutos das ações e relações contêm e carregam, implicitamente, uma dimensão ética, de valor”.

A pergunta final é: quanto vale uma vida? Depende de sua geografia, de sua pele? De quê depende o seu valor?

Algumas cenas podem ser vistas ainda da perspectiva mercadológica, visando ao enfoque nas relações comerciais internacionais. Em

uma tomada pelas ruas de chão batido, calçados estão expostos para venda, como indicativo do mercado informal local. No Quênia, assim como na maioria dos países africanos, uma parcela considerável do mercado é informal (AMENYA, 2007; EUROMONITOR, 2012), o que envolve produtos considerados contrabando, falsificações nacionais e, em menor escala, artesanato, o que reduz consideravelmente as possibilidades de comercialização com o país, em especial em bens de consumo, com destaque para calçados e vestuário, conhecidamente itens de alta falsificação na África.

Como agravante da informalidade, é perceptível ainda a falta de controle das autoridades no país, o que é ilustrado na película em diversos momentos, em especial pela entrada e saída deliberada de indivíduos do território queniano e a corrupção das autoridades, somadas a de um alto índice de violência e crimes, resultado também da situação de vulnerabilidade da população local. Nesse cenário, o controle aduaneiro é notadamente falho, o que igualmente prejudica as relações de comércio com outros países. A falta de controle aduaneiro eficiente, somada à corruptibilidade das autoridades, explica o volume de produtos contrabandeados, gerando perdas significativas ao país, que recolhe um volume reduzido de impostos, não tem ciência do montante que é comercializado e tampouco consegue estabelecer políticas para incentivar a economia local. É pertinente destacar ainda que o Quênia não possui volume significativo de indústria local, sendo apenas responsável pela exportação de produtos *in natura* (*commodities*, de baixo valor agregado), como café, tabaco, combustível mineral e metais (AMENYA, 2007; INTRACEN, 2012), o que corrobora a perspectiva de exploração dos recursos naturais no país, brevemente apresentada como pano de fundo da película.

No mesmo sentido, a variedade e especificidade cultural do território queniano (que hoje abrange aproximadamente 44 comunidades étnicas com tradições e costumes distintos) pode ser um desafio para a negociação internacional (EUROMONITOR, 2012). Países sem uma cultura sólida de comércio internacional costumam enfrentar dificuldades para estabelecer ajustes, flexibilizar operações e aceitar padrões de outras culturas. É questionável, por exemplo, se haveria fácil compreensão de um empresário queniano sobre os requisitos da Receita Federal do Brasil quanto ao preenchimento dos documentos de importação ou

mesmo as definições exigidas para um adequado e sustentado fechamento de câmbio.

Ainda na abordagem de negócios, outro ponto pertinente a analisar consiste na operação logística necessária para levar insumos e produtos: as condições precárias de estradas e o risco de saques prejudicam a chegada e saída de mercadorias do território queniano. Nesse sentido, as seguradoras internacionais passaram a estabelecer altos preços para a cobertura de cargas destinadas àquele país, assim como os fretes internacionais sofrem com os adicionais de segurança, uma vez que cargas marítimas podem ser interceptadas por piratas na costa (FOLHA, 2008). É importante pontuar, entretanto, que existem 11 aeroportos no país, dos quais apenas o de Nairóbi (capital do país) é internacional (KAA, 2012).

Referências bibliográficas

AMENYA, Gibson Nabuteya. **The informal sector in Kenya**. 2007. Disponível em: <<http://www.nayd.org/PDF/The%20informal%20sector%20in%20Kenya.pdf>>. Acesso em: 18/5/2012.

ANJOS, Luiz Carlos Marques dos; RANCIARO NETO, Adhemar; SILVA, Daniel José Cardoso da; MIRANDA, Luiz Carlos. Código de Ética e o Comportamento Ético na Vida Pessoal: Um Estudo Junto a Pessoas Envolvidas Com a Contabilidade. **Revista Cont. Ufba** – Salvador, v. 5, n. 2, p. 4-19, mai./ago. 2011.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede** (a era da informação: economia, sociedade e cultura). v. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u469313.shtml>>. Acesso em: 2/6/2012.

EUROMONITOR. Country. **Profile**: Kenya. 2012. Disponível em: <<http://www.euromonitor.com/>>. Acesso em: 20/5/2012.

FOLHA ON-LINE. Piratas ficaram “incontroláveis”, diz diretor do Escritório Marítimo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u469313.shtml>, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho. **Psicologia Social Crítica como prática de libertação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. **Sociologia Crítica: Alternativas de mudança**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

IMDB. Internet MovieDatabase. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0387131/>>. Acesso em: 15/5/2012.

INTRACEN. International Trade Centre. Kenya Imports. 2012. Disponível em: <<http://www.trademap.org/>>. Acesso em: 14/5/2012.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As Artimanhas da Exclusão** – Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.

KAA. Kenya Airports Authorities. **Our airports**. Disponível em: <<https://www.kaa.go.ke/airports>>. Acesso em: 28/5/2012.

NASCIMENTO, Elisa. **Larkino Sortilégio da Cor**. Identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

SANTOS, Volnyr (Coord.). **DELP** – Dicionário Essencial da Língua Portuguesa. Porto Alegre: Rigel, 2001.

STRIEDER, Roque; TEDESCO, Anderson Luiz. **Educação Bioética: no processo do conhecer o conhecimento proibido**. Disponível em: <www.editoraunoesc.edu.br>. Acesso em: 28/9/2012.

11. O SENHOR DAS ARMAS

Ficha técnica

Título original: *Lord of War*

Título da tradução brasileira: *O senhor das armas*

Ano: 2005

País: Estados Unidos

Diretor: Andrew Niccol

Atores principais:

Ator	Personagem
Nicolas Cage	Yuri Orlov
Ethan Hawke	Jack Valentine
Jared Leto	Vitaly Orlov

Duração do filme: 122 minutos

Sinopse do filme

Yuri Orlov (Nicolas Cage) é um traficante de armas que realiza negócios nos mais variados locais do planeta. Estando constantemente em perigosas zonas de guerra, Yuri tenta sempre se manter um passo à frente de Jack Valentine (Ethan Hawke), um agente da Interpol, e também de seus concorrentes e até mesmo clientes, entre os quais estão alguns dos mais famosos ditadores do planeta.

Temáticas abordadas no filme: tráfico de armas – Guerra Fria – ética – capitalismo – consumismo – globalização – moral – miséria

O senhor das armas e a Administração

Evaldo Reis Furtado Jr.
Juarez Mazzuca Jr.
Sandro Cezer Pereira
Saul Sastre

O filme *O senhor das armas* é uma excelente reflexão teórica no campo da ética e de valores que cercam a perspectiva neoliberal de uma economia mundializada a serviço (e a desserviço) da integridade física e emocional do ser humano. Especificamente, trata do comércio internacional ilegal de armas, conhecido também como contrabando, que, segundo Jesus (1994, p. 859) “é a importação ou exportação de mercadorias ou gêneros com entrada ou saída país proibida”. Armas de fogo são o principal instrumento em situações de guerra, sejam elas motivadas por fins religiosos, conflitos étnicos, disputas territoriais ou por outro ilícito como o tráfico de drogas. Talvez não se buscasse discutir a (in)justiça dos países, pois os mesmos, por questões de soberania, são fontes legítimas de suas decisões sobre o uso da força (NOGUEIRA, 2004, p. 50). A abordagem prioritária é o retrato do comércio ilegal e internacional de armas, temática principal do filme. Com o fim da Guerra Fria, novos mercados para o consumo de armas surgiram a partir dos anos 1990. Além das relações entre os Estados, surgem, nesse cenário, os agentes não governamentais, privados, suprindo a demanda desses mercados de consumo, especialmente de forma ilegal.

Segundo o Instituto das Nações Unidas para Pesquisa sobre Desarmamento (Unidir), existem alguns tipos de transferências de armas, a saber: transferências autorizadas, transferências irresponsáveis, transferências ilegais e transferências ilícitas. As autorizadas são as do tipo em que há uma autorização governamental no mínimo; já as denominadas como irresponsáveis são conhecidas por “mercado cinza”, são as que também são autorizadas por governos, entretanto, não estão de acordo com leis e tratados internacionais. As transferências de característica ilegal – mercado negro – são realizadas sem autorização de quaisquer governos, totalmente em desacordo com decisões governamentais e tratados internacionais. Por fim, as transferências ilícitas compreendem tanto as do tipo ilegais quanto irresponsáveis.

Segundo Paes (2008, p. 2), no modelo das transferências ilícitas, existem organizações europeias privadas que outorgam poderes a representantes que buscam obter vistos e documentação em países em desenvolvimento que os permitam comprar ilegalmente, revendendo a receptores não autorizados. As cifras resultantes dessa venda ilegal são numerosas, tendo por ideia os gastos militares dos países terem ultrapassado, em 2009, o valor de 1,5 trilhões de dólares, segundo estudo das Organizações das Nações Unidas (ONU – <www.onu.org.br>).

No Brasil, por seu tamanho continental e por sua quantidade numerosa de fronteiras, o contrabando de armas é um tipo de crime combatido pelo Estado sem o sucesso necessário. Estatísticas sem a preocupação de um balanço formal relatam que 17 milhões de armas de fogo estariam em circulação no país, conforme estimativa divulgada pela Organização Não Governamental (ONG) Viva Rio. Dessas, 49% são legais; 28% seriam armas ilegais de uso informal e 23%, armas ilegais de uso criminal. Esse cenário vultoso de cifras que envolvem o comércio tanto legal como ilegal de armas nos remete a uma percepção antagônica entre um *Ethos* Internacional e uma Política Internacional, enquanto a primeira se torna marginalizada à medida que a segunda se reveste do argumento da noção de soberania das nações, justificando em tese a normativa de seus atos. Nessa discussão, a Ética Internacional reproduz o conflito entre idealismo e realismo, ao perceber moral e política como dispositivos distintos, em que a primeira coloca-se na condição avaliadora de uma prática sob o prisma da racionalidade política (HUTCHINGS, 1999, *apud* NOGUEIRA, 2004, p. 54).

Nesse cenário de poder, da ética e do lucro, não há projeções que garantam o equilíbrio de tais variáveis, sendo esse o desejo dos homens de bem, que outorgam à ONU, por exemplo, poderes na gestão promotora do cuidado e da preocupação com a soberania da integridade humana. De qualquer forma, o medo e a devastação proporcionados pelos conflitos armados são fatos reais em diversos cantos do mundo. Do alto de sua soberba capacidade intelectual, Albert Einstein, nesse cenário devastador de guerras e desentendimentos provocado pela perturbação humana, afirmou: “Eu não sei com que armas a Terceira Guerra Mundial será disputada, mas a Quarta Guerra Mundial será travada com paus e pedras”. Sendo assim, rezemos!

O olhar da Administração sobre o filme

Pode-se perceber, através da apresentação e interpretação do filme, toda uma temática voltada, em um primeiro momento, a uma reflexão em nível de construções éticas ligadas a questões prático-profissionais, já que Yuri (Nicolas Cage) tem em mão toda uma estrutura bélica e comercial, em que se percebe a “manutenção” de guerras não só geograficamente separadas, mas também engajadas em um contexto sócio-histórico, em que culturas e fatores sociais e econômicos acabaram por ser apresentados como divisores de águas em determinadas situações. Neste contexto, Yuri se vê, em um momento do filme, questionado pelo irmão Vitaly (Jared Leto) sobre o real fator ético e inclusive culposos sobre aquelas situações e sofrimentos causados pelo contrabando ilegal.

Angeloni (2002) diz que as organizações modernas estão enfrentando ambientes extremamente dinâmicos, provocando alterações radicais no modo de serem gerenciadas. O sucesso para esse impasse está na capacidade que as pessoas da organização têm de aprender a aprender o novo e desaprender o passado, o obsoleto, ou seja, fundamentalmente, há uma reconceitualização dos modelos mentais de cada indivíduo, refletindo, por conseguinte, na própria mudança de atitude da organização constituída.

Sobre a importância do conhecimento como fator crítico de sucesso e vantagem competitiva, Porter (1993) em seu livro *A vantagem competitiva das nações* já acusava que a valorização desse pressuposto promoveria o crescimento das nações em um processo localizado, levando em conta, especialmente, suas diferenças culturais e estruturação econômica. Nenhuma estratégia ou ação tem caráter universalizado segundo o autor, devido, justamente, as particularidades inerentes a cada país, fazendo com que o respectivo setor industrial seja impulsionado por características internas, próprias.

Segundo Daft (2008), alguns estudos descobriram uma relação positiva entre cultura e desempenho. Daft cita Kotler e Heskett, os quais apresentam evidências de que as companhias que administram conscientemente seus valores culturais alcançaram melhores resultados do que as outras que não o fizeram. Algumas empresas desenvolveram meios sistemáticos de medir e administrar os impactos da cultura sobre seu desempenho.

Outra perspectiva que pode ser abordada é sobre a necessidade de consumo e a importância do fator informação e gestão do conhecimento. Daft (2008) percebe que o atendimento de uma alta demanda se dá por um modelo de produção em escala, onde uma empresa oferece uma grande variedade de produtos e serviços a muitas regiões e países, exatamente o visto no filme quando Yuri, por muitas vezes, cria a expectativa de consumo baseada em situações sócio-geográficas, dentro de uma análise de contexto mercadológico (prospecção de mercado) e posicionamento de mercado

Stewart (1998) traz ainda a idéia de que estratégias que se baseiam no conhecimento precisam de algo mais, sendo constituídas sobre os princípios da economia do conhecimento, que cada vez mais se concentra em produtos e serviços, observando, assim, uma exponenciação maior de ativos intelectuais sobre os ativos físicos, o que aumenta a importância da gestão do conhecimento.

Ainda sobre a gestão eficaz do conhecimento em nível organizacional, Terra (2000) traz a ideia de que se começa a perceber que o conhecimento passou a constituir o eixo estruturante do desempenho de sociedades, regiões e organizações. Difundem-se expressões que incorporam esse termo – sociedade do conhecimento, economia baseada em conhecimento, redes de conhecimento e trabalhadores do conhecimento, entre outros. Essas expressões refletem a constatação de que a gestão competente do conhecimento é determinante da capacidade das sociedades, regiões, organizações e pessoas de lidarem com o ambiente em acelerada transformação e crescente complexidade que caracteriza a passagem para o 3º milênio (TERRA, 2000, p. 16).

Outro fator bastante atual dentro da concepção de atualidade é o fator globalização, em que se pode perceber toda uma temática ligada a canais de distribuição e transporte de armas, no que diz respeito a uma evolução no que tange aos meios de comunicação e de transportes, bem como os fatores informacionais mais aplicados com relação à própria estrutura e características da mercadoria em questão, as armas.

Segundo Daft (2008), ao mesmo tempo, as organizações devem encontrar maneiras de alcançar com eficácia a coordenação e a colaboração entre unidades distante e facilitar o desenvolvimento e a transferência do conhecimento organizacional e a inovação global para a aprendizagem.

Algo que não pode ser desconsiderado no filme é a questão ligada ao uso e tráfico de drogas, mazela que atinge um grande número de pessoas que, de alguma forma, tornam-se usuários toxicômanos, algo que afeta diretamente a sociedade como um todo desde aquilo que diz respeito a fatores sociais, como violência e miserabilidade, como também fatores ligados a estratégias de combate a drogas e tratamento dos viciados, como foi no caso do irmão de Yuri, Vitale. Ainda nesse contexto, é válido salientar que uma política de legalização do uso de algumas drogas poderia estar abrindo portas para uma série de outros problemas, conforme foram acima citados. Dentro desses cenários, notamos o fator capitalismo muito forte, dentro de uma ideia de que Yuri, para conquistar seu grande amor, Ava Fontaine, em uma abordagem mais ligada à economia, traz a distinção de classes sociais, criação de salários, distribuição de renda.

Ainda sobre o contexto de cenários organizacionais, Fleury (2001) afirma que no complexo ambiente político, institucional e econômico dos dias de hoje, as empresas que procuraram competitividade adotam uma postura de aprendizagem intensiva e permanente, enquanto buscam a identificação de estratégias que maximizem a probabilidade de sobreviver e prosperar.

Daft (2008) aponta uma questão ainda relacionada ao capitalismo, que trata da noção de responsabilidade social por parte das empresas, em que cita a importância de os gestores preocuparem-se com o bem social dos ambientes aos quais as empresas pertencem e em que interagem direta e indiretamente, agregando valor aos mesmos.

Outro aspecto muito interessante em uma perspectiva sociocultural é o valor da família ou das estruturas familiares. Apesar de Yuri trabalhar com práticas ilícitas e inclusive fora de um contexto mais social e ético, o fator família ainda prepondera, mesmo que de forma tênue, sobre alguns resquícios de peso na consciência que ele possa ter. Isso denota uma perspectiva dentro do filme em partes em que há algum cuidado em proteger a família, esposa e filho no caso, de qualquer atentado ético ou físico contra a integridade dos mesmos.

Considerações finais

A partir do estudo feito sobre o filme *O senhor das armas*, são perceptíveis alternativamente duas abordagens, uma de enfoque comportamental e outra voltada para práticas de gestão mercadológica, em que a personagem central, com maestria, faz uma demonstração de domínio do produto e de preparo nas objeções de venda, além de um posicionamento estratégico aos níveis de mercado e de inovação organizacional. Jonash (2001) considera dois princípios fundamentais para uma organização chegar à inovação, afirmando que “os administradores de uma empresa precisam conduzir a inovação na companhia inteira para criar valor e não apenas na área de P&D – Pesquisa e Desenvolvimento [...]”.

A globalização deve sempre levar uma consideração pluralizada, pois enquanto projeção lícita revela marcas como a transnacionalização de bens e dos mercados e suas respectivas relações internacionais, além de práticas de livre comércio, tanto de forma legal como em casos de desvios de comércio, oferecendo um sentido de bem-estar aos países participantes (HABERFELD, 2003 p. 51). Em sua projeção obscura, germina práticas que agredem a integridade dos povos, como tráfico internacional de armas, temática central do filme, sensibilizando seu público à banalização e à fragilidade da vida humana frente às armas de fogo, quando pessoas são eliminadas por uma ideologia controversa à dos regimes totalitários, infringindo os direitos humanos enquanto conceito universal. Em contraponto, Santos (1997, p. 19) diz que, na verdade, deve existir uma relativização da universalidade dos direitos humanos, pois o que se vê é uma hegemonia conceitual de pressupostos ocidentais, sem reconhecer aspectos de outras culturas não ocidentais, como a africana vista no filme. Afirma Santos (1997, p. 112) ainda: “Todas as culturas tendem a considerar seus valores máximos como os mais abrangentes, mas só a cultura ocidental tende a formulá-los como universal”. Yuri Orlov, o grande traficante de armas, é fruto de uma cultura ocidental, já que a boa regra dos negócios está alicerçada na qualidade do produto *versus* o valor comercial atribuído, contemplando a distinta “ética de mercado”.

Rerefências bibliográficas

ANGELONI, Maria Terezinha. **Organizações do Conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologias.** São Paulo: Saraiva, 2002.

DAFT, Richard L. **Organizações – Teoria e Projeto.** 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

FLEURY, Afonso. **Estratégias empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico e a indústria brasileira.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

JESUS, Damásio E. de. **Código Penal Anotado.** 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

JONASH, Ronald S. **O valor da inovação: como as empresas mais avançadas atingem alto desempenho e lucratividade .** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HABERFELD, S. Alca: Riscos e Oportunidades, São Paulo: Editora Manole Ltda, 2003. Disponível em:<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UFSIVinhv0C&oi=fnd&pg=PA1&dq=haberfeld+Alca&ots=QNR9oW-BeJ&sig=LQ9ACLFgA0DOqjXzCBeNC0jEB64>. Acesso em 17 de setembro de 2012.

HUTCHINGS, 1999, p.54 apud Nogueira, João P. Ética, terror e soberania: questões para a teoria de Relações Internacionais. Capítulo de livro. Disponível em:<http://biblioteca.clacso.edu.ar/subida/clacso/gt/20101030022950/4nogueira.pdf> Acesso em: 27 de set. de 2012. p.45-56.

ONU. Organização das Nações Unidas. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-desarmamento/>>. Acesso em: 28/9/2012.

O SENHOR das Armas. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-54676/>>. Acesso em: 14/6/2012.

PAES, Diego Cristóvão Alves de Souza. Tráfico Ilegal de Armas. **Revista Conjuntura Internacional**, Belo Horizonte: PUC-MG, p. 2-5, 2008.

PORTER, Michael E. A Vantagem Competitiva das Nações. 16ª Edição. São Paulo: Editora Campus. 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos. In: **Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo**, , n. 39, p. 105-124, 1997.

STEWART, Thomas A. **Capital intelectual**. A nova vantagem competitiva das empresas. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TERRA, José C. C. **Gestão do Conhecimento**: O grande desafio empresarial – Uma abordagem baseada no aprendizado e na criatividade. São Paulo: Negócio Editora, 2000.

SOBRE OS AUTORES

Alexandre dos Santos Garcia

Graduado em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – 2000). Especialista em Gestão Empresarial pelo Cesuca/Faculdade Inedi (2006). Mestrando em Administração na Unisinos (2011). Atualmente é coordenador da Talentus Empresa Júnior Cesuca e professor titular no Cesuca/Faculdade Inedi nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Comércio Exterior. Foi coordenador da Central de Estágios, coordenador dos cursos de extensão em In Company do Cesuca/Faculdade Inedi e professor convidado na Microlins, nos cursos de Vendas e Marketing no Varejo, Atendimento a Clientes e Operador de Telemarketing. Tem experiência de 21 anos na área comercial, no varejo, turismo e na área do ensino. É consultor de empresas e ministra cursos e palestras em empresas como Sesi/RS, NeoBus, Bettanin, Petenatti, Atlas Schindler, Ritter Alimentos e Prefeitura Municipal de Cachoeirinha.

E-mail: alexandre.garcia@cesuca.edu.br

Ana Cristina da Silva Rodrigues

Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia Séries Iniciais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 1992), mestrado em Educação pela UFRGS (1999) e doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – 2008). Atualmente atua como docente no Curso de Pedagogia do Cesuca/Cachoeirinha-RS e como supervisora em escola da rede municipal de Cachoeirinha-RS. Possui ampla experiência na área de Educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino e Gestão e Supervisão Escolar.

E-mail: anarodrigues@cesuca.edu.br

Ana Luiza dos Santos Julio

Doutora em Psicologia, mestre em Educação, especialista em Psicologia Clínica, com formação em Psicoterapia com Técnicas Integradas. Pesquisa nas áreas de Gênero e Raça. Atualmente é professora dos cursos de Psicologia e de Direito no Cesuca e trabalha na Secretaria Estadual de Política para as Mulheres (SPM/RS).

E-mail: anajulio@cesuca.edu.br

Andrea Rapoport

Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 1995), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 1999) e doutorado em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2003). Atualmente é professora do Centro Universitário La Salle (Canoas) e do Cesuca/Cachoeirinha-RS em cursos de graduação e de especialização. Atua também com pesquisa na área da Psicologia e Educação no Unilasalle. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Educação. Ampla produção científica na área da Educação, contemplando artigos científicos, livros, capítulos de livros e artigos e entrevistas em revistas e jornais.

Ângela Kretschmann

Possui pós-doutorado pelo Institute for Information, Telecommunication and Media Law (ITM), Münster, Alemanha (Westfälische Wilhelms-Universität Münster). Possui doutorado em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – 2006). Mestrado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 1999), e graduação em Ciências Jurídicas pela Unisinos (1991). É coordenadora do curso de Direito do Cesuca, professora nos cursos de graduação e pós-graduação em Direito da Unisinos e dos cursos de Direito, Segurança da Informação e Gestão Cultural. Professora no curso de Especialização em Direito, Mercado e Economia da PUC-RS, do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter – Canoas-RS) e da Imed (Passo Fundo-RS). Advogada (www.ksc.adv.br). Integrou a Comissão de Ensino Jurídico da Ordem dos Advogados do Brasil do RS (2004-2006). Atualmente integra a Comissão de Propriedade Intelectual (Cepi) da

OAB-RS. Membro da Associação Brasileira de Agentes da Propriedade Industrial (Abapi).

E-mail: angela@via-rs.net

Angelita Delfino

Possui graduação em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas São Judas Tadeu (2002), especialização em Auditoria Integral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 2004) e mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – 2008). Atualmente é professora do União das Faculdades integradas de Negócio Ltda., professora da Escola Superior de Administração, Direito e Economia e Professor do Cesuca/Faculdade Inedi.

E-mail: angelitadelfino@cesuca.edu.br

Beatriz Petrella do Santos

Possui graduação em Licenciatura Curta em Ciências pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Licenciatura Plena em Matemática e Especialização em Educação Matemática pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Atualmente é coordenadora e professora do curso de Matemática, Licenciatura do Cesuca.

E-mail: beatriz.petrella@cesuca.edu.br

Camila Campos

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 2002). Especialista em Formación y Desarrollo del Capital Humano pela Universitat Pompeu i Fabra (Barcelona – 2003). Doutora em Psicologia Social pela Universitat de Barcelona (2008), doutorado reconhecido pelo programa de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP). Os temas de interesse são Psicologia Ambiental, focada nas relações pessoa-ambiente, integrando outras áreas de pesquisa como Psicologia, Arquitetura e Educação.

E-mail: camilabcampos@msn.com

Cristina Ribas Vargas

Possui graduação em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 2000) e mestrado em Economia do Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 2007). Doutoranda em Economia do Desenvolvimento pela UFRGS (seleção 2011). Atualmente é economista do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e professora do Cesuca/Cachoeirinha. Tem experiência acadêmica na área de Economia, com ênfase em Desenvolvimento Econômico, Métodos e Modelos Matemáticos, Econométricos e Estatísticos, e como profissional de economia no setor público.

E-mail: crisvargas13@yahoo.com

Danielle Nunes Pozzo

Atualmente é coordenadora da Vertical de Negócios dos cursos de pós-graduação na Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (Fadergs/Esade) e atua como professora na Fadergs/Esade e no Cesuca nos cursos de Administração e Tecnologia em Comércio Exterior. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Negócios Internacionais, atuando principalmente nos seguintes temas: Negócios Internacionais e Logística, Operações Internacionais, Alianças Estratégicas e Competitividade, Inovação e Empreendedorismo.

E-mail: daniellepozzo@cesuca.edu.br

Débora S. de Oliveira

Doutora e mestre em Psicologia, psicóloga clínica, especialista em Terapia Familiar e de Casal e em Psicologia Jurídica. Atualmente é professora do curso de Psicologia do Cesuca, do curso de Direito da Fundação Escola Superior do Ministério Público (Fesmip) e do curso de Especialização em Terapia Individual, Familiar e de Casal do Instituto da Família de Porto Alegre (Infapa).

Email: debora_deoli@yahoo.com.br

Diego Augusto de Jesus Pacheco

Mestrado acadêmico em Engenharia de Produção e Sistemas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Graduado em Engenharia de Produção pela Unisinos. Técnico em Mecânica pela Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha. Professor no curso

de Engenharia de Produção das Faculdades Integradas de Taquara-RS (Faccat) e de Administração no Cesuca. Possui experiência de atuação profissional em indústria multinacional e como consultor na área de Engenharia de Produção, com ênfase em Gestão da Qualidade, Gestão da Produção, Engenharia de Processos, Desenvolvimento de Produtos e Logística. Possui formação em Lean Manufacturing e Seis Sigma Green e Black Belt. Possui experiência na coordenação de projetos de melhoria de qualidade, produtividade e redução de custos em sistemas produtivos seriados e customizados. Atua principalmente nos seguintes temas: Estratégia de Operações e de Produção, Engenharia de Processos e Produto, Logística Enxuta, Teoria das Restrições, Qualidade, Seis Sigma, Sustentabilidade, Ergonomia e Simulação Computacional.

E-mail: diegopacheco@cesuca.edu.br

Emerson de Lima Pinto

Advogado. Doutorando em Filosofia pela Unisinos. Mestre em Direito Público/Unisinos. Especialista em Ciências Penais PUC/RS. Professor de Ciência Política, Direito Constitucional e Administrativo nos Cursos de Graduação em Direito e de Relações Internacionais.

E-mail: ersonlp@terra.com.br

Evaldo Reis Furtado Junior

Doutorando em Teologia (tema da tese: Ética Corporativa). Mestre em Teologia – linha de pesquisa em Gestão e Ética, pela Escola Superior de Teologia (EST-RS). Dissertação: **Mobbing: o bullying corporativo sob uma perspectiva de gestão**. Pós-graduado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e bacharel em Administração de Empresas. Coordenador do curso superior de Tecnologia em Comércio Exterior do Cesuca. Professor nos cursos de Administração do Cesuca e da Faculdade São Francisco de Assis (Unifin). Ex-diretor e coordenador técnico da Escola de Administração e Negócios do Senac/RS. Consultor em Planejamento Estratégico, de Recursos Humanos e Comercial.

E-mail: evaldo@cesuca.edu.br

Evanisa Helena Maio de Brum

Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 1997), formação em Psicoterapia Psicanalítica pelo Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre (2000), Especialização em Saúde Coletiva – Epidemiologia – pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra – 2002) e mestrado em Saúde Mental Coletiva pela mesma Universidade (2004). Aperfeiçoamento em Psicopatologia do Bebê pelo Instituto Leo Kanner e Universidade Paris Nord (2005) e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 2010). Atualmente é coordenadora e professora do curso de Psicologia do Cesuca. Coordenadora e professora da especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da mesma instituição. É coordenadora do Núcleo da Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (Abep) do RS. Tem experiência na área de Psicologia, principalmente nos temas: Interação Mãe-Bebê, Desenvolvimento Infantil, Depressão Materna, Intervenção Precoce (prevenção de doenças e promoção de saúde) e Psicoterapia.

E-mail: evanisa.helena@cesuca.edu.br

Fabiane Simioni

Doutoranda em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – bolsista Capes), possui graduação em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – 2002) e mestrado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 2004). Atualmente é pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas (Centro de Pesquisa Jurídica Aplicada – Direito GV), professora na Fundação Universidade-Empresa de Tecnologia e Ciências (Fundatec) e do Cesuca. Tem experiência na área de Direito, atuando principalmente nos seguintes temas: Direitos Fundamentais, Relações de **Gênero**, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, Acesso à Justiça.

E-mail: fab_simioni@hotmail.com

Fernanda Vaz Hartmann

Mestre em Psicologia, com formação em Terapia de Família e Casais. Professora do curso de Psicologia do Cesuca, psicóloga do Ambulatório de Saúde Mental Adulto de Cachoeirinha

E-mail: fernandahartmann@cesuca.edu.br

Guilherme de Oliveira Feldens

É doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – 2009), com ênfase em Ética e Filosofia Política, Filosofia do Direito, Teoria Geral do Estado e do Direito. Possui graduação (2004) em Direito e pós-graduação/especialização em Processo Civil (2006) pela Unisinos.

E-mail: guifeldens@gmail.com

Guilherme Pressi

Mestrado profissionalizante em Economia com ênfase em Controladoria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialização em Finanças Empresariais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Graduação em Ciências Contábeis pelas Faculdades Integradas São Judas Tadeu. Atualmente é professor coordenador do curso de Ciências Contábeis da Faculdade Inedi/Cesuca, professor das Faculdades Decision – FGV, da Universidade Católica de Pelotas (Ucpel), da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

E-mail: Coord.cc@cesuca.edu.br

Juarez Mazzuca Júnior

Possui mestrado em Sensoriamento Remoto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 1999). É professor de Física e Matemática no curso de graduação em Matemática e professor de Matemática e Metodologia nos cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis. Professor de Sistemas Terrestres do Curso de Especialização em Meio Ambiente e Sustentabilidade no Cesuca/Cachoeirinha-RS. É professor de Física e Matemática no Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rosa (Porto Alegre-RS) Tem experiência na área de Física, com ênfase em Física Geral, atuando principalmente nos seguintes temas: Satélites NOAA, Agrometeorologia, Cobertura de Nuvens, Imagens de Satélites e Sensoriamento Remoto. Também experiência em Cálculo Diferencial e Integral, bem como Metodologia da Educação.

E-mail: juarez.mazzuca@cesuca.edu.br

Juliana Saboia de Melo

Mestre em Administração e Negócios pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 2011), especialista em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM – 2007) e bacharel em Administração de Empresas pela PUC-RS (2005). *Coach* com certificação internacional pelo Instituto Holos (2011). Consultora empresarial com mais de dez anos de experiência profissional, atuando como diretora da UNO Consultoria. Docente titular e convidada em cursos de graduação e pós-graduação.

E-mail: julianamelo@cesuca.edu.br

Lindomar Júnior Fonseca Alves

Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Ciências Contábeis (Conceito Capes 4) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Atualmente é professor da Faculdade Inedi (Cesuca), professor da Faculdade Porto-Alegrense (Fapa) e contador do Município de Cachoeirinha-RS.

E-mail: lindomar_alves@hotmail.com

Lívia Lopes Lucas

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), especialista em Psicologia Organizacional pelo Instituto de Desenvolvimento Global (IDG-RS), mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Diretora da Positiva – Educação Corporativa e Gerencial. É membro da International Positive Psychology Association e da Associação Brasileira de Psicologia, consultora associada da Comunicativa Fonoaudiologia Empresarial e do Instituto Inero. Profissional com dez anos de experiência em Treinamentos, Gestão e Desenvolvimento de Equipes, Recrutamento e Seleção, Estruturação da Área de Recursos Humanos, Avaliação de Desempenho e Gestão de Programas de Voluntariado.

E-mail: livialucas@yahoo.com.br

Lucas Nunes Ogliari

Possuo graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra – 2005) e mestrado em Educação em

Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 2008). Atualmente cursando o doutorado em Educação pela PUC-RS. No período de agosto a dezembro do ano de 2010, frequentou a Universidade Nacional de La Plata (UNLP), na Argentina, no curso de Doctorado en Ciencias de la Educación, pelo Programa Binacional PUC-RS/UNLP, na modalidade doutorado sanduíche, com bolsa subsidiada pela Capes. Professor de Matemática na Escola Municipal de Ensino Fundamental Herbert José de Souza, em Alvorada-RS, nomeado pelo município, e professor do curso de Licenciatura em Matemática do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (Cesuca). Experiência na área de Matemática, com ênfase em Educação em Matemática, ministrando disciplinas como Estágios Supervisionados, Práticas de Ensino em Matemática, Fundamentos de Matemática e Estatística (para os cursos de Administração e Ciências contábeis). Também ministra oficinas direcionadas ao ensino de Matemática, palestras voltadas a cursos de licenciatura, debates sobre Educação e Metodologias para o ensino de Matemática.

E-mail: lucasbass@yahoo.com.br

Lucia Maria Porcello Scholl Viva

Possui graduação em Licenciatura em Ciências – Habilitação em Biologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 1982) e graduação em Licenciatura em Ciências – Habilitação Ciências e Matemática no Ensino Fundamental pela PUC-RS (1979). Possui pós-graduação em Biociências pela PUC-RS (1984). Tem experiência no Ensino Fundamental e Médio de 25 anos em escola pública. Atuou na vice-direção de escola pública e também no setor de supervisão escolar do Ensino Fundamental. Atualmente é professora da Faculdade Inedi/Cesuca no curso de Licenciatura em Matemática.

E-mail: lucia.viva@cesuca.edu.br

Marcelo Almeida Sant'Anna

Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 2009) e especialista em Ciências Criminais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 2001).

E-mail: santanamarcelo@hotmail.com

Márcia Elizabete Wilke Franco

Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 1986), especialização em Diagnóstico Psicológico pela PUC-RS (1993), especialização em Curso de Especialização Em Saúde Pública pela Universidade de Ribeirão Preto (1990), especialização em Psicologia Escolar pela PUC-RS (1997), mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – 2001) e doutorado em Educação pela Unisinos (2009). Atualmente é professora doutora da Faculdade Inedi, psicóloga de consultório particular e avaliadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento Humano. Atuando principalmente nos seguintes temas: Infância, Criança, Educação, Sociologia Educacional.

E-mail: marcia.franco@cesuca.edu.br

Marialva Moog Pinto

Coordenadora do Curso de Pedagogia - Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha/Cesuca. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2010), orientada pela Prof^aDr^aMaria Isabel da Cunha. Doutorado Sanduíche na Universidade de Sevilha-Espanha, orientada pelo Prof. Dr. Carlos Marcelo García, do Departamento de Didática e Organização da Aprendizagem. Temática atual, Pedagogia Universitária e Qualidade da Educação Superior. Mestre em Educação pela UNISINOS (2003), investigando sobre a Profissionalidade Docente. Especialista em Desenho de Formação por E-Learning (Plataforma Moodle), pela Universidade de Sevilha (Projeto Prometeo). Bolsista da RIES - Rede de Investigadores da Educação Superior, investigando para o edital do Observatório de Educação CAPES/INEP, sobre os Indicadores de Qualidade da Educação Superior (2007 a 2009). Especialista em Psicopedagogia Institucional. Graduada em Pedagogia (2000) UNISINOS. Linha de Pesquisa nestas qualificações “Práticas Pedagógicas e Formação do Educador”. Experiência em diversos níveis de ensino nas áreas de Educação. Integrante do Grupo de Pesquisa da Prof^a Dr^a Maria Isabel da Cunha - UNISINOS.

Mariana Barasuol da Rosa

Mestre em Administração e Marketing na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Faculdade Inedi/Cesuca, ministra as disciplinas de Administração Mercadológica I, Fundamentos de Marketing e Gestão Ambiental. Foi professora da Universidade de Cruz Alta (Unicruz), na qual ministrava as disciplinas de Administração Mercadológica II, Recursos Humanos e Organizações, Sistemas e Métodos. Possui graduação em Administração de empresas com ênfase em Gestão para Inovação e Liderança pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos – 2008). Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Mercadologia. Áreas de interesse: Marketing, Comportamento do Consumidor, Marketing de Serviços, Marketing de Relacionamento.

Michele dos Santos Ferreira

Possui graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialização em Geometria Analítica e Espacial pelo Cesuca. Mestrado em Ensino de Matemática pela UFRGS. Atualmente é professora do curso de Matemática, Licenciatura e Pedagogia, Licenciatura do Cesuca.

E-mail: michele.ferreira@cesuca.edu.br

Patrícia Beatriz de Macedo Vianna

Doutoranda em Educação, Mestre em Educação, Especialista em Informática na Educação Especial. Possui formação em Atendimento Educacional Especializado, Gestão da Educação Superior e Educação a Distância. Atualmente é Coordenadora do Centro de Educação a Distância, do programa de Pós-Graduação e Professora do curso de Licenciatura em Pedagogia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha - CESUCA. É Formadora da Universidade Aberta do Brasil e Pesquisadora do Núcleo de Informática na Educação Especial da UFRGS.

E-mail: patricia.vianna@cesuca.edu.br

Patricia Gaspar Mello

Psicóloga, graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), especializanda em Psicologia Clínica – Cognitivo-Comportamental pelo Centro de Psicoterapia Cognitivo-Com-

portamental Wainer e Piccoloto (WP/MEC). Mestre em Psicologia – Ênfase em Cognição Humana pela PUC-RS, doutoranda em Psicologia pela PUC-RS, membro do grupo de pesquisa Cognição, Emoção e Comportamento e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Trauma e Estresse (Nepte).

E-mail: patriciamello@cesuca.edu.br

Patrícia Leal de Vargas

Formada no curso de Magistério com Graduação em Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, possuindo mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 2006). Tem experiência na área de Educação, tendo atuado também como pesquisadora.

E-mail: patriciavargas@cesuca.edu.br

Ricardo Muniz Muccillo da Silva

Possui graduação em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS – 2003) e mestrado em Desenvolvimento Econômico pela PUC-RS (2006). Atualmente, desempenha a função de coordenador do curso de Administração da Faculdade Cesuca e docente nas Faculdades Cesuca, Faculdade São Francisco de Assis (Unifin) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Crescimento e Desenvolvimento Econômico. E na área de Administração, com ênfase em Pensamento Estratégico e Negócios Internacionais.

E-mail: ricardo.muccillo@cesuca.edu.br

Roberta Magalhães Gubert

Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Advogada (Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/RS). Mestre em Direito Público pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Membro-fundador e pesquisadora do Instituto de Hermenêutica Jurídica (IHJ). Membro da Comissão Editorial da Revista do Instituto de Hermenêutica Jurídica (ISSN: 1678-1864). Professora de Direito Constitucional da Unisinos.

Rosana de Souza Coelho

Psicanalista. Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora nos cursos de Psicologia e Administração do Cesuca. Consultora Institucional.

Email: psi.rosana@gmail.com

Sandro Cezer Pereira

Possui graduação em Administração - Faculdades Integradas de Taquara (1999) e mestrado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Atualmente é professor da Faculdade São Francisco de Assis - Unifin, professor titular do Centro de Ensino Superior de Cachoeirinha Faculdade Inedi, celetista do Centro de Ensino Superior de Cachoeirinha Faculdade Inedi e professor titular - Faculdades Integradas de Taquara. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Empresas, atuando principalmente nos seguintes temas: controladoria, sistemas de informação, marketing, comunicação e tecnologia.

Saul Sastre

Doutorando em Administração (UDE - Uruguai), Mestre em Gestão de Negócios e formação profissional para a integração Latino-Americana (UCES - Argentina), especialista em marketing (Faculdade São Judas Tadeu/RS e Bel. em Administração (Faculdade São Judas Tadeu). Foi diretor da Gráfica Sastre (1996 a 2006), foi secretário de Desenvolvimento Econômico (2007 a 2008) e secretário municipal de Planejamento e Gestão (2009 a 2010) da Prefeitura Municipal de Cachoeirinha. Desde fevereiro de 2011 é Diretor de Transportes Rodoviários do DAER-RS e Presidente do Conselho de Tráfego do DAER-RS. Professor titular de graduação e pós-graduação (Unifin, Cesuca e FGV). Colunista da Revista Matéria Prima e Jornal Diário de Cachoeirinha. Autor dos livros: Empreendedorismo Teoria x Prática, Os segredos que um empreendedor inteligente deve saber; Planejamento Estratégico Pessoal com o uso do Balanced Scorecard; Marketing um Vereador Vitorioso - Estratégias do Político Empreendedor, entre outros. Escritor Top Of Mind - Troféu Marcas de Cachoeirinha 2008.

Suelen Assunção Santos

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Educação pela UFRGS, especialista em Tutoria em Ensino a Distância (EaD/UFRGS), possui graduação em Matemática – Licenciatura – pela UFRGS. Atualmente é professora dos cursos de Matemática, Engenharias e Pedagogia do Cesuca (Faculdade Inedi) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

E-mail: suelen.santos@cesuca.edu.br

Tarcísio Neves da Fontoura

Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – 1997). Especialização em Administração de Negócios pela UFSM (2001). Especialização em Contabilidade, Auditoria e Finanças Governamentais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 2003). Mestrado profissionalizante em Economia com ênfase em Controladoria pela UFRGS (2006). É contador público da Prefeitura Municipal de Gramado-RS, atuando principalmente nos seguintes temas: Lei de Responsabilidade Fiscal, Contabilidade Pública e Controle. É professor de Ensino Superior, lecionando na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e na Faculdade Cesuca/Cachoeirinha-RS.

E-mail: tarcisio@gramado.rs.gov.br